

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL]
INSTITUTO DE LETRAS**

**A cegueira amorosa de Benveniste: um estudo de suas “Observações sobre a
função da linguagem na descoberta freudiana”**

Irene Mattos Plentz

Porto Alegre, RS

2023

Irene Mattos Plentz

A cegueira amorosa de Benveniste: um estudo de suas “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras pelo Curso de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores

Porto Alegre, RS

2023

“o poema / antes de escrito / antes de ser / é a
possibilidade / do que não foi dito / [...] / mas é que / antes
de dizê-lo / não se sabe”

Ferreira Gullar

AGRADECIMENTOS

A produção acadêmica não é algo fácil, e eu já sabia disso. Não imaginei, porém, que haveria tantas intempéries neste percurso de mestrado. Os últimos dois anos foram de múltiplas dificuldades advindas de uma pandemia, de um nebuloso período político, da necessidade de estudar e trabalhar e de questões familiares e de saúde. Encerrar essa fase é sobretudo um ato de resiliência, portanto, lançando mão do discurso de Snoop Dogg na Calçada da Fama de Hollywood em 2018, gostaria de agradecer a mim: “I want to thank me for believing in me, I want to thank me for doing all this hard work. I wanna thank me for having no days off. I wanna thank me for never quitting [...]”.

RESUMO

Este trabalho analisa, sob uma perspectiva histórico-linguística, o artigo “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana” (Benveniste, 1995), em que Émile Benveniste responde criticamente ao texto de Sigmund Freud “Sobre o sentido antitético das palavras primitivas” (Freud, 1910). Nossa pesquisa compila uma série de autores que discorrem sobre a relação entre as teorias de Carl Abel, de Freud e de Benveniste. Ao explorar as minúcias da relação entre linguística e psicanálise, encontramos divergências conceituais e metodológicas entre as duas áreas. A dissertação também aborda como Benveniste, ao longo do tempo, influenciou o pensamento linguístico e psicanalítico, contribuindo para uma maior integração entre linguagem e subjetividade.

Palavras-chave: Benveniste; sentidos opostos; Freud; Abel.

ABSTRACT

This paper analyzes, from a historical-linguistic perspective, the article “Observations on the function of language in Freud's discovery” (Benveniste, 1995), in which Émile Benveniste critically responds to Sigmund Freud's text “The Antithetical Meaning of Primal Words” (Freud, 1910). Our research compiles a series of authors who discuss the relationship between the theories of Carl Abel, Freud and Benveniste. In exploring the minutiae of the relationship between linguistics and psychoanalysis, we find conceptual and methodological divergences between the two areas. The dissertation also addresses how Benveniste, over time, influenced linguistic and psychoanalytic thinking, contributing to a greater integration between language and subjectivity.

Keywords: Benveniste; opposite meanings; Freud; Abel.

SUMÁRIO

SUMÁRIO	7
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 - Freud, Benveniste e a função da linguagem na psicanálise	11
1.1 — O contexto de publicação de “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”	11
1.2 — Sobre o sentido antitético das palavras primitivas	13
1.3 — Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana	16
1.4 — Benveniste, um linguista do seu tempo	20
CAPÍTULO 2 - Os leitores de Benveniste	28
2.1 — Uma análise pertinente da questão	29
2.2 — O apego à origem e a indistinção dos significados	40
2.3 — A palavra primitiva por um linguista-psicanalista	46
2.4 — Uma interpretação puramente psicanalítica	52
2.5 — A aceitação da ambiguidade	57
2.6 — O inconsciente linguístico	62
2.7 — Um olhar sobre a translinguística	75
2.8 — Inconsciente: uma outra linguagem	81
CAPÍTULO 3 - Entre o abandono e a influência	86
CONCLUSÃO	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	106

INTRODUÇÃO

Ao publicar sua primeira revista sobre psicanálise¹, Jacques Lacan encomendou de Émile Benveniste um artigo sobre o texto freudiano “O sentido antitético das palavras primitivas”, no qual Sigmund Freud demonstra imenso entusiasmo na descoberta de um filólogo sobre cujo trabalho poderia firmar sua intuição a respeito do duplo sentido das palavras na sua teoria de interpretação dos sonhos. A opinião benvenistiana, no entanto, destoou das expectativas da comunidade psicanalítica. Certamente, a comunidade não previa assistir ao “maior linguista francês” lançando profundas críticas ao tal filólogo que, segundo Benveniste, fez fama devido aos textos de Freud; ainda assim, Lacan publicou a opinião do linguista.

Após anos de pesquisas e debates sobre a psicanálise e as relações linguísticas a ela associadas, acreditamos que o grande alvoroço ao redor do artigo seja fruto de uma interpretação parcial, tanto da comunidade psicanalítica quanto do próprio Benveniste, em relação ao texto freudiano. Ao ler “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana” de Benveniste, é preciso considerar um fator de extrema importância na sua crítica: Benveniste é um linguista, e, como tal, não poupa críticas à confiabilidade dos estudos do filólogo Karl Abel, fonte de Freud em sua reflexão. Por outro lado, ele admite conhecer a psicanálise apenas pelas relações dadas por Freud. Sendo assim, ao considerarmos o texto sob a visão de um linguista, Benveniste não parece discordar tanto da intuição freudiana, ele apenas coloca contra-argumentos ao raciocínio linguístico sobre o qual Freud se apoia.

Se o artigo benvenistiano soou mal à comunidade psicanalítica, pensemos no quão ofensiva a proposta do filólogo soou à Benveniste. Quando Abel diz que “[...] não há dúvida de que, em pelo menos um idioma, havia uma infinidade de palavras que designavam tanto uma coisa quanto o oposto dessa coisa ao mesmo tempo. (Abel *apud* Freud, 2013, p. 148), ele desafia tudo o que a linguística pós-saussuriana

¹ *La Psychanalyse*, I (1956).

fomenta. A credibilidade da pesquisa de Abel é, então, questionada por não seguir métodos linguísticos e romper com preceitos que, para Benveniste, são inquestionáveis. Portanto, se o linguista insulta Freud, é pelo psicanalista contentar-se com uma pesquisa tão frágil como referência.

Esta dissertação visa mostrar, portanto, que Benveniste não era tão contrário às formulações freudianas sobre haver uma importante relação entre a linguística e a psicanálise, e sim que, segundo o autor, o aporte para essa teoria não poderia ser outra teoria contestável. O questionamento metodológico do linguista não surge ao acaso, pois, como veremos, o século XX foi marcado pela expansão dos estudos da psicanálise e pela sua busca por afirmação enquanto ciência.

Temos, no texto que nos propomos a estudar, um diálogo entre três autores (Benveniste, Freud e Abel) de diferentes épocas e aportes teóricos; Benveniste é um linguista com grande influência saussuriana que discursa sobre um filólogo anterior a Saussure e sobre uma ciência que, além de não ser a sua, recém embarcava na ampla balsa dos estudos da linguagem. Nesse cenário, poderemos encontrar um Benveniste que considera possível que as palavras assumam significados opostos de um ponto de vista menos lexical, mas também poderemos encontrar um Benveniste que pensa não haver uma teoria linguística que suporte a lógica onírica freudiana. Aqui também não seria acaso encontrar um linguista que “puxa a brasa para sua sardinha” (ou seja, para o discurso), já que é com o discurso que o psicanalista (assim como Benveniste) lida; sob esse aspecto, a filologia não tem valor sobre os enunciados.

Além da problemática temporal que temos na comparação entre a tríade de textos Abel, Freud e Benveniste, devemos considerar que o linguista emite a sua opinião com base no texto freudiano, focado nas referências conduzidas por Freud. Ou seja, temos uma opinião formada sobre a interpretação de Freud da obra de Abel, e constataremos alguns fatores que podem advir dessa peculiar situação².

² Arrivé (2001, p. 80) diz que o nome de Carl Abel se escreve com C e não com K, “como muitas vezes escrevem aqueles que não leram as suas obras”. Ora, se Benveniste escreve “Karl Abel” com K, questionamo-nos se ele teria lido a obra do filólogo. Além disso, lemos a obra original de Abel “Über den Gegensinn der Urworte” (ver Referências bibliográficas) e nos parece claro que aquilo que ele classifica como “oposição” são as imprecisões dos significados dos termos que encontra, a qual pressupõe haver o uso de gesticulações concomitantes ao uso dessas palavras para desfazer suas ambiguidades na comunicação. Por esses motivos, *supomos* que Benveniste não tenha lido a obra de Abel e que tenha julgado a leitura de Freud como a verdade absoluta do estudo de Abel. No entanto, ainda não podemos comprovar tal hipótese.

A escolha dessa temática de pesquisa resulta de uma insistência pessoal desta pesquisadora em manter vínculos com a psicanálise. Quem vos escreve cursou disciplinas de psicologia durante sua graduação em Letras na UFRGS, fez seu trabalho de conclusão de curso sobre Saussure e Lacan e, antes da conclusão deste mestrado, ingressou no curso de Psicologia como segunda graduação. Somado a isso, desejamos atender a um impasse acadêmico: fazer uma pesquisa relevante à ciência. Muito já foi dito sobre as relações entre linguística e psicanálise (inclusive por grandes linguistas como Michel Arrivé e Jean-Claude Milner), o que não significa que o campo de pesquisa tenha sido esgotado. Chegamos à questão do texto benvenistiano por acreditar que ele precisa ser explorado por um viés linguístico, e que este pode ainda ser fonte de reflexão tanto para psicanalistas quanto para linguistas.

Para construir suas conclusões, este trabalho percorrerá o seguinte trajeto: um primeiro capítulo sobre o texto de Benveniste, um segundo capítulo sobre os trabalhos de outros linguistas e psicanalistas sobre o artigo benvenistiano, e, por fim, um capítulo de interpretação dos fatos estudados ao longo da dissertação. O primeiro dos três capítulos será subdividido em quatro partes: iniciando com uma contextualização sócio-histórica do texto “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”; em seguida, apresentará duas resenhas interpretativas — uma para elucidar o conteúdo do texto freudiano, e outra para apontar as contribuições do artigo de Benveniste à psicanálise —; por fim, apresentaremos uma pré-análise da argumentação benvenistiana. O capítulo seguinte trará nomes como Jean-Claude Milner (2003; 2010; 2012), Michel Arrivé (1999; 2001), Laurent Danon-Boileau (2013), Dominique Ducard (2013), Charles Melman (1991), Chloé Laplantine (2011) e Julia Kristeva (2018) na posição de leitores de Benveniste. Só então poderemos trazer uma visão nossa sobre as diversas interpretações do autor.

Adiantamos, no entanto, uma das nossas conclusões, que explica o título desta dissertação: consideramos que tanto Benveniste quanto Freud estavam ludibriados por suas teorias e que isso os “cegou”. Suas paixões os teriam levado a cometerem equívocos por não conseguirem ver os textos nos quais se basearam além daquilo que lhes parecia óbvio: para Freud os sentidos antitéticos aproximavam a linguagem dos sonhos; para Benveniste, os sentidos antitéticos sequer existiam na língua.

CAPÍTULO 1 - Freud, Benveniste e a função da linguagem na psicanálise

Este primeiro capítulo está dividido em quatro subcapítulos nos quais exploraremos os textos que são objeto do nosso estudo. Começaremos com a contextualização sócio-histórica da publicação de “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana” (Benveniste, 1995). Em seguida, traremos uma resenha do texto freudiano “Sobre o sentido antitético das palavras primitivas” (Freud, 2013), também visando contextualizar o artigo de 1956; uma segunda resenha interpretativa do texto benvenistiano complementar a terceira parte do nosso capítulo, cujo objetivo é analisar com novas lentes, as nossas, cada argumento desse artigo. Ao final, traremos algumas reflexões teóricas acerca da opinião benvenistiana.

1.1 — O contexto de publicação de “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”

Em 1956, o psicanalista Jacques Lacan organizou a revista *La Psychanalyse*, cuja proposta era homenagear a Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP). A primeira edição da revista, e único volume editado por Lacan, acontece em meio ao movimento de expansão da psicanálise no século XX, contexto em que se originou a SFP. Nessa época, outras sociedades psicanalíticas também se formavam por oposição às normas da Associação Internacional de Psicanálise (AIP), criada por Freud. Apesar de se opor a algumas exigências, como a formação médica do psicanalista, a SFP era uma grande apreciadora da psicanálise freudiana e, num eterno retorno a Freud, não se desprende, nem mesmo com a formação da psicanálise lacaniana, do pensamento freudiano. A associação colaborou para a difusão dos cursos de psicanálise nas universidades e para a criação de novas escolas psicanalíticas fora da França, além de incentivar as traduções e as grandes publicações — como *La psychanalyse*, que teve oito volumes.

Na ocasião da publicação da primeira edição da revista, Lacan convidou Émile Benveniste para escrever um artigo acerca do estudo freudiano “Sobre o sentido antitético das palavras primitivas” (Freud, 2013). Esse convite não foi fortuito, Benveniste já havia dedicado uma palestra ao tema em 1954, e Lacan já o havia citado em duas ocasiões no Seminário 3³. O artigo encomendado para publicação seria, então, uma transcrição dessa palestra que já falava do texto freudiano (Freda, 2015). Posteriormente, o artigo intitulado “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana” também foi publicado no livro “Problemas de Linguística Geral I” (Benveniste, 1966).

A repercussão do artigo benvenistiano foi bastante impactante na comunidade psicanalítica, possivelmente devido a uma certa dificuldade em entender a crítica do linguista ao suporte teórico de Freud. Como veremos em 1.2, Benveniste critica o estudo de Karl Abel⁴ a partir do qual Freud pensa explicar, na origem da linguagem, a relação de oposição presente na sua teoria dos sonhos. Lacan, no entanto, pôde separar a visão linguística do argumento de Benveniste da sua visão sobre a psicanálise: desmontar metodologicamente a teoria de Abel não seria se opor a Freud, tampouco desvalidar a experiência dos neuróticos. Ao contestar a pesquisa de Abel⁵ com a propriedade de um linguista, Benveniste considera que Freud obteve conclusões de uma teoria que não respeita métodos científicos e sugere um novo caminho aos estudos psicanalíticos sobre a linguagem: o discurso em detrimento da linguística histórica.

³ Na obra lacaniana, encontramos referência à palestra de Benveniste no segundo capítulo do *Seminário 3 - As psicoses* (1988), intitulado *A significação do delírio*, em que Lacan diz: “Uma conferência do Sr. Benveniste no ano passado apresentou-lhes uma crítica eficaz disso do ponto de vista do linguista, mas não é menos verdade que a observação de Freud adquire todo o seu alcance da experiência dos nevrosados [...]” (Lacan, 1988, p. 37). E voltamos a encontrar tal referência no oitavo capítulo do mesmo seminário, que leva o título de *A frase simbólica*, em que o psicanalista diz: “O Sr. Benveniste nos trouxe sobre isso no ano passado uma contribuição que tem todo o seu valor, ou seja, a de que não há como pensar, num sistema significante, a existência de palavras que designam ao mesmo tempo duas coisas contrárias” (Lacan, 1988, p. 128).

⁴ Abel foi um filólogo comparativo alemão que, embora tenha sido professor (temporário) de grandes universidades, como a Universidade de Oxford, tradutor e autor de diversas publicações, ganhou fama pela citação do seu trabalho “Sobre os significados antitéticos das palavras primitivas” (1884) no artigo freudiano (1910) de mesmo título.

⁵ Existem duas grafias diferentes do nome do filólogo, uma *Carl* e outra *Karl*. Apesar de encontrarmos a publicação original de *Über den Gegensinn der Urworte* (Abel, 1884) sob o nome de “Carl Abel”, não encontramos nenhuma explicação sobre como a grafia se alterou para *Karl*. É possível que Freud a tenha confundido e perpetuado tal grafia, mas não podemos confirmar tal hipótese. Neste trabalho, no entanto, escolhemos manter a grafia do nome tal qual os artigos freudiano e benvenistiano a referenciam: *Karl*.

O convite de Lacan a Benveniste é, também, uma abertura ao diálogo com as ciências humanas em oposição ao desprendimento das ciências médicas. No prólogo da revista, que traz nomes como Émile Benveniste, Roman Jakobson, Jean Hyppolite, Martin Heidegger e Claude Lévi-Strauss, o psicanalista diz que a psicanálise deve se abrir ao diálogo e dar voz a autores de outras áreas do conhecimento (Lacan, 1956). Embora a revista trouxesse uma proposta interdisciplinar à psicanálise, não surpreende que um texto que exala tanta hostilidade como o de Benveniste (ao trabalho de Abel, sejamos claros) tenha causado um mal-estar à comunidade psicanalítica — afinal, os próprios psicanalistas da época conflitavam ideologicamente sobre as relações e regras impostas à psicanálise.

Nós consideramos, porém, que o trabalho de Benveniste foi lido apenas pelo seu viés crítico pela maioria dos psicanalistas e ficou, portanto, mal interpretado e, talvez, escanteado dos debates posteriores sobre a linguagem em Freud.

1.2 — Sobre o sentido antitético das palavras primitivas

Apresentamos, a seguir, o texto “Sobre o sentido antitético das palavras primitivas”, de Sigmund Freud, publicado em 1910, para analisarmos com precisão o artigo de Émile Benveniste, foco desta dissertação. Nosso objetivo aqui é, além de contextualizar o artigo do linguista, compreender as teses defendidas por Freud e por Karl Abel⁶, filólogo⁷ responsável pelo trabalho que, segundo Benveniste, ludibriou o psicanalista.

Antes de Freud, muito do que se dizia sobre os sonhos se baseava no misticismo (por exemplo, pensar em sonhos como premonitórios), mas, ao detalhar o funcionamento dos sonhos, o psicanalista lançou um novo olhar sobre esse objeto. Tal proposta relaciona o funcionamento dos sonhos com a vida em vigília, pois

⁶ Não incluímos a obra de Abel porque, embora a tenhamos encontrado em alemão, consideramos que, por se tratar de uma leitura de Freud, a obra deve ser analisada, nesse primeiro momento, a partir das inferências freudianas.

⁷ Freud se refere a Abel como linguista em seu texto, mas Benveniste faz questão de chamá-lo de filólogo, provavelmente para mostrar que não se pode generalizar as análises históricas de uma língua sem ter conhecimento de linguística geral.

considera que todo o material dos sonhos provém da realidade. Junto a isso, Freud afirma que os sonhos são a manifestação de um desejo explícito ou oculto do indivíduo. Segundo a psicanálise freudiana, os sonhos são, então, representações simbólicas dos desejos que se apresentam a partir das experiências que vivemos quando despertados.

Com a obra *A interpretação dos sonhos* já publicada, Freud encontra, em 1909, um trabalho do filólogo Karl Abel (1884)⁸ sobre a existência de palavras do egípcio antigo que significavam simultaneamente uma coisa e o seu oposto, o que dá a Freud a sensação de confirmação de sua teoria⁹ de oposição nos sonhos. E mais, dá a Freud uma relação entre essas oposições e a origem da linguagem, pois, além de o psicanalista ser um verdadeiro aficionado pelo retorno às origens, a qualidade de oposição dos símbolos presentes nos sonhos é a principal tese de *A interpretação dos sonhos* (publicada em 1900) — obra na qual Freud conclui que “a inversão, ou transformação de uma coisa em seu oposto, é um dos meios de representação mais favorecidos pelo trabalho do sonho” (Freud, 1996, p. 222). Sobre o mecanismo de oposição dos sonhos, Freud diz:

A maneira como os sonhos tratam a categoria dos contrários e dos contraditórios é altamente digna de nota. Ela é simplesmente desconsiderada. O “não” não parece existir no que diz respeito aos sonhos. Eles mostram uma preferência particular por combinar os contrários numa unidade ou por representá-los como uma só coisa. Os sonhos se sentem livres, além disso, para representar qualquer elemento por seu oposto imaginário, de modo que não há maneira de decidir, à primeira vista, se qualquer elemento que admita um contrário está presente nos pensamentos do sonho como positivo ou negativo (Freud, 1996, p. 216).

O texto “Sobre o sentido antitético das palavras primitivas” é, então, uma resenha de Freud sobre o trabalho de Abel para mostrar as relações entre o funcionamento dos sonhos e o da linguagem. Abel diz ter encontrado, na língua

⁸ Publicado em 1884 sob o título “Über den Gegensinn der Urworte”, que, assim como a obra de Freud, significa “Sobre o sentido antitético das palavras primitivas”. Outro texto similar já havia sido publicado anteriormente, em 1880, no livro *Ensaio linguístico*, sob o título “A origem da linguagem”.

⁹ A introdução da edição comemorativa de 100 anos da obra *O infamiliar (Das Unheimliche)*, publicada pela editora Autêntica em 2019, traz a seguinte passagem: “Numa carta a Ferenczi, datada de 22 de outubro de 1909, Freud refere-se com entusiasmo à leitura que acabara de realizar. O trabalho de pesquisador da linguagem efetuado por Abel seria uma espécie de confirmação, em um domínio do saber conexo ao da psicanálise, da teoria dos sonhos, fornecendo o fundamento linguístico da tese de que a negação não opera no inconsciente.”

egípcia primitiva, um considerável número de palavras com dois significados que exprimem o oposto um do outro, por exemplo, uma mesma palavra significaria *forte* e *fraco* ao mesmo tempo. O filólogo Karl Abel questionou-se, então, sobre como teria se dado a diferenciação de tais palavras, e a explicação que lhe saltou aos olhos está relacionada a outro fenômeno identificado por ele: a junção dos termos, ou seja, a justaposição. “*Foradentro*”, por exemplo, seria usado para representar tanto *fora* quanto *dentro*, pois não havia diferença entre esses termos. Ambos os conceitos só teriam existido individualmente com a separação das duas palavras; é, então, na diferenciação desses conceitos que as palavras, segundo Abel, teriam se criado. Portanto, “*foradentro*” teria sido uma única palavra que, em um processo auxiliado por informações pantomímicas simultâneas à fala, se dividiu em duas palavras, e, conseqüentemente, em dois conceitos opostos. Para Abel, então, nossos conceitos nasceriam a partir das comparações, por exemplo, quando *forte* apresentava duplo sentido, “essa palavra não designava, na verdade, nem *forte*, nem *fraco*, mas o vínculo e a diferença entre ambas, que as criava em igual medida” (Freud, 2013, p. 150).

A pesquisa de Abel descarta a possibilidade de essas palavras serem homofonias acidentais, e atribui ao fenômeno de justaposição a explicação do uso dessas palavras com significados opostos. Somente com o passar do tempo os termos justapostos teriam se associado aos atuais significados opostos e se dividido em duas palavras antônimas, pois não seria possível conceber o conceito de *forte* enquanto ele estivesse associado a *fraco*. Essa propriedade “encontrada” por Abel não seria, segundo ele, propriedade única do egípcio, mas também ocorreria em línguas indo-germânicas e semitas.

Com o desenvolvimento das línguas e das civilizações, as palavras “gêmeas” teriam perdido seu elo; porém, o estudo do egípcio antigo, segundo o filólogo, permitia rastrear essas ligações. Esse seria o principal ponto de interesse de Freud, o qual serviria de ligação entre o funcionamento dos sonhos e a origem da linguagem. O ensaio de Abel encanta Freud exatamente por isso, por dizer ter encontrado, no egípcio antigo, a mesma propriedade de oposição que Freud via nos sonhos, sendo essa propriedade, por sua vez, pertencente ao processo que teria originado a linguagem. No entanto, esse também foi o principal fator de contestação do texto benvenistiano “Observações sobre a função da linguagem na descoberta

freudiana”, em que Benveniste “corrige” as palavras exemplificadas por Abel para afirmar que as conclusões de sua pesquisa são equivocadas.

Outro fator da pesquisa de Abel que chamou a atenção de Freud foi a propriedade de inversão das palavras tanto na sua sequência fônica quanto no seu significado. Tal fenômeno seria explicado pela duplicação ou reduplicação das raízes das palavras, mas nos parece (e Benveniste comprova) que os exemplos que o filólogo aponta são fruto de suas suposições — o que, para Freud, não era questionável, já que não dominava o conhecimento linguístico¹⁰. O que importa ao psicanalista sobre as inversões é que elas coincidem com o funcionamento do material figurativo no mecanismo dos sonhos, mas, diferente das letras, são as imagens que se reorganizam aqui.

Ocultamos os exemplos de Abel porque eles serão contestados com propriedade pelo maior linguista francês que existiu (segundo Lacan): Benveniste — como observaremos no próximo subcapítulo. Porém, visamos tornar perceptível a lógica que conquistou o pensamento psicanalítico de Freud: a similaridade entre os supostos mecanismos de origem da linguagem e o mecanismo dos sonhos descrito pelo psicanalista. A teoria das antíteses, portanto, levou Freud a pensar que a psicanálise deveria estudar mais sobre a origem da linguagem, pois esta confirmava a concepção psicanalítica do “caráter regressivo, arcaico, da expressão dos pensamentos no sonho” (Freud, 2013, p. 153); assim, o entendimento sobre a origem da linguagem agregaria ao entendimento sobre a psique.

1.3 — Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana

Para compreendermos o parecer do grande linguista francês Émile Benveniste acerca das inferências freudianas sobre a relação entre linguagem e

¹⁰ Não é novidade que Freud não foi um grande estudioso da linguística, mas, segundo Michel Sauval (2012), a maioria das referências à linguística encontradas nas obras completas de Freud (mais de 100 referências) aparecem como adjetivos (norma linguística, concessão linguística, uso linguístico, associação linguística, imagens linguísticas, formas linguísticas, etc.). Além disso, quando referencia a ciência linguística, Freud tem preferência por dois nomes da área: Karl Abel e Hans Sperber.

psicanálise no seu artigo “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”, esmiuçamos seus argumentos na presente resenha. Buscamos, a partir da análise textual discursiva, organizar e esclarecer os pontos do texto que podem ter sido fonte de mal-entendidos pela comunidade psicanalítica.

O artigo do linguista Émile Benveniste começa com uma explicação do método psicanalítico, na qual defende que a psicanálise, como o nome já diz, é um método analítico e que trabalha com um material pouco objetivo. Como uma disciplina analítica, se diferencia das demais disciplinas e sofre dificuldades para se afirmar como ciência, uma vez que não estabelece o tipo de “relação de causalidade visível que se procura num raciocínio objetivo” (Benveniste, 1995, p. 81) como o das ciências tradicionais. O analista trabalha, sobretudo, com a relação entre o discurso do paciente e o discurso inconsciente percebido pelo analista; dessa forma, “do paciente ao analista e do analista ao paciente o processo inteiro opera-se por intermédio da linguagem” (Benveniste, 1995, p. 82).

O linguista interpreta, então, que o sujeito psicanalítico é encontrado a partir do sujeito linguístico, pois o analista só conhece o paciente a partir do que ele lhe diz. Esse fator inclui a sobreposição da realidade do discurso à realidade histórica da narrativa com a qual o analista trabalha, porque o analista investiga não a partir de uma relação de causalidade, como a das ciências naturais, mas de uma relação de motivação da produção dos sintomas. Nesse ponto, a primeira sugestão do linguista à psicanálise se apresenta: “Parece-nos que, se os analistas admitirem essa ideia, o *status* científico da sua disciplina, na sua particularidade própria, e o caráter específico do seu método serão mais bem estabelecidos” (Benveniste, 1995, p. 82).

É inegável que a biografia do paciente se constitui a partir do diálogo entre analista e analisado; portanto, no contexto da análise, trabalha-se com o discurso enquanto realidade transindividual do sujeito¹¹. O autor, em decorrência da conclusão lacaniana, propõe uma reflexão sobre a linguagem que interessa à psicanálise, assim como sobre o próprio termo “linguagem” empregado por Freud. Dessa reflexão deriva a segunda refuta de Benveniste ao artigo freudiano, que virá a ser uma sugestão à psicanálise: se a linguagem que importa ao analista é a que

¹¹ Termo empregado por Lacan no texto “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” (1953) e citado no texto benvenistiano.

ocorre durante a análise, o estudo do discurso seria o mais pertinente dentre as vastas opções de estudo da linguagem.

Para chegar a tal sugestão, o linguista diferencia a função da língua para a linguística e para a psicologia. Ainda que a língua forneça o “instrumento de um discurso no qual a personalidade do sujeito se liberta e se cria” (Benveniste, 1995, p. 84), para a linguística, a língua possui uma estrutura social comum a todos os falantes. Logo, a função da língua que interessa à psicanálise não é a mesma da língua para o linguista, pois o analista lida com “a palavra sujeita a fins individuais e subjetivos” (Benveniste, 1995, p. 84), ou seja, a língua posta em ação no discurso individual do analisado.

Benveniste lembra que a psicanálise possui um simbolismo específico do seu método, que informa ao analista a motivação inconsciente do sujeito a partir das escolhas de omissão e de enunciação expressas no seu discurso. Ora, se o analista lida com a intersecção entre o discurso falado e o discurso omitido, é válido pensar que tudo aquilo que é exposto ou reprimido pelo sujeito tenha origem na linguagem. Essa hipótese é, segundo Benveniste, exatamente o que leva Freud a estabelecer uma relação entre a linguagem e a natureza das associações dos sonhos.

O linguista entende por que Freud foi levado a refletir sobre a relação entre o funcionamento da linguagem e a estrutura da psique, ou seja, a buscar uma resposta para a hipótese de o psiquismo ter se inspirado nas próprias formas da linguagem. Encontrar o trabalho de Karl Abel foi, para Freud, a ligação entre o processo de contradição dos sonhos e a evolução da linguagem. O psicanalista, no entanto, não tinha, na opinião de Benveniste, conhecimentos linguísticos suficientes para perceber que a pesquisa de Abel apresentava grandes equívocos metodológicos, já contestados pela linguística histórica, e acreditou nos dados apresentados. Logo, teria sido levado a admitir a ideia de estudar a evolução da linguagem para encontrar uma estrutura comum entre a linguagem (coletiva) e a psique (individual).

Benveniste diz claramente que as proposições de Freud perdem legitimidade não pelas questões da manifestação psicopatológica da linguagem, mas pela verificação dos dados de línguas históricas usados no trabalho de Abel. Ou seja, os equívocos metodológicos da pesquisa de Abel induzem Freud ao erro, e isso pouco

diz sobre a psicanálise. O trabalho do filólogo é, então, acusado de ferir os métodos da pesquisa linguística por ignorar os dados de forma e de sentido já atestados na língua e por desconsiderar que, na técnica comparativa, é necessário comparar os dados de língua aos seus correspondentes regulares. Os “sentidos opostos” que Abel diz encontrar não passam de uma comparação de língua que negligencia as etapas que explicariam tais “oposições”, pois sabemos, por exemplo, que “*bass*” (*bem* em alemão) não possui relação histórica com “*bös*” (*mau* em alemão) ou que “*bat*” (*bom* em inglês arcaico) não possui qualquer relação com “*badde*” (atual *bad* do inglês).

Ao informar que Freud se baseia em dados equivocados, Benveniste diz que “esvai-se, porém, assim a possibilidade de uma homologia entre as operações do sonho e o processo ‘das línguas primitivas’” (Benveniste, 1995, p. 88). Assim como o sonho possui uma lógica particular nas suas associações, a língua também possui sua lógica enquanto sistema de formalização, de organização do mundo e da sociedade. A diferenciação de cada língua deve respeitar a sua lógica interna e a representação social dos conceitos dessa língua. Isto é dizer que só seria possível que uma palavra significasse “grande” e “pequeno” se não existisse na língua em questão a categoria de dimensão, pois é contraditório considerar duas noções opostas expressas enquanto noções idênticas.

O linguista acredita que “tudo parece afastar-nos de uma correlação ‘vívida’ entre a lógica onírica e a lógica de uma língua real” (Benveniste, 1995, p. 90), principalmente porque “é o sonho que se reduz às categorias de língua” (Benveniste, 1995, p. 90). Além disso, pensa que o equívoco de Freud deriva do seu insistente retorno às “origens”, mas que, se seguirmos o próprio argumento freudiano, temos que uma negação é, antes de tudo, uma admissão. A palavra primitiva não é, segundo o linguista, necessária para explicar o mecanismo biopsíquico de aceitação ou rejeição dos impulsos do sujeito, pois os processos psicanalíticos pertencem à esfera do simbólico, não só no processo do sonho, mas nos processos gerais do inconsciente.

Os significantes e os significados da psicanálise, diferentemente do signo linguístico, se relacionam por um processo de motivação individual. A simbólica do inconsciente está, portanto, bastante relacionada à subjetividade manifesta no

discurso, de forma que, para Benveniste, seria interessante pesquisá-la nos processos estilísticos do discurso.

É no estilo que poderíamos encontrar as propriedades da linguagem onírica descritas por Freud, pois, conforme analisamos as imagens do simbólico, nos deparamos com a motivação do sujeito transparecendo nas estruturas do estilo. Portanto, são os recursos do estilo (metáfora, elipse, eufemismo, antífrase, etc.) resultados da seleção dos recursos linguísticos (sociais) que o indivíduo escolhe para representar a si mesmo (individualmente), recalcando ou não suas motivações.

1.4 — Benveniste, um linguista do seu tempo

Quando Benveniste discorre sobre o texto freudiano, argumenta sobre a necessidade de se atentar ao método científico, já que não são de hoje os impasses da psicanálise com relação ao seu reconhecimento no âmbito da ciência¹². Sobre isso, levanta duas importantes questões: a primeira, acerca da credibilidade da pesquisa de Karl Abel, a qual considera distante de um método qualificado de análise linguística; e a segunda, acerca da relação entre a linguagem e o funcionamento do método analítico.

Para Benveniste, é inconcebível que se utilize um estudo que não obedece a um método científico como referência para algo que se diz ciência. Ele afirma que o método de Abel é falho, se é que existe. Tamanho desprezo ao trabalho do filólogo nos parece ter uma origem sólida: Ferdinand de Saussure¹³. Saussure não é considerado o pai da linguística por ser o primeiro a estudar o assunto, mas por definir um método para esses estudos. O texto benvenistiano traz, então, a preocupação de respeitar um método para se manter o status de ciência; consideramos essa uma das influências dos pensamentos saussurianos em

¹² Ver, a esse respeito, o livro de Joël Dor *A-cientificidade da psicanálise. A alienação da psicanálise*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

¹³ É importante ressaltar que, aqui, falamos de Saussure nos referindo ao *Curso de Linguística Geral*, pois, na época, o conhecimento sobre o autor se limitava ao conhecimento da publicação organizada por seus alunos.

Benveniste — e provavelmente nos demais linguistas da época — que se apresentam como base à árdua crítica ao trabalho de Abel.

Benveniste diz que Abel negligencia inclusive o método de pesquisa das línguas históricas ao “reunir tudo o que se parece” sem respeitar as verdadeiras relações entre as diferentes línguas¹⁴ e ao desconsiderar as condições culturais nas quais as palavras eram empregadas¹⁵, chegando a conclusões equivocadas. O linguista, tentando ser breve, dedica duas páginas do seu artigo a mostrar algumas das conclusões equivocadas de Abel relacionadas à negligência dos métodos de análise da linguística histórica, para, no fim, lembrar o leitor que a língua é um sistema:

Não é menos verdade que a língua é um sistema, que obedece a um plano específico, e que é articulada por um conjunto de relações susceptíveis de certa formalização. O trabalho lento mas incessante que se opera no interior de uma língua não se opera ao acaso; tem por objetivo as relações ou as oposições que são ou não são necessárias, de modo a renovar ou a multiplicar as distinções úteis a todos os níveis de expressão. A organização semântica da língua não escapa a esse caráter sistemático (Benveniste, 1995, p. 88).

Essa noção de sistema é nitidamente saussuriana, e o *Curso de Linguística Geral* (CLG) a traz como base para a teoria dos signos — como diria Nóbrega (2008, p. 226): o sistema saussuriano é o “ponto para o qual convergem todas as outras noções que fazem parte do seu ensinamento”. Benveniste argumenta, então, que um estudo linguístico que não segue as regras do sistema de signos obtém conclusões que podem não refletir a verdadeira organização da língua, como é o caso da proposta de Abel.

O linguista também pontua que há uma grande incoerência em aplicar diretamente os estudos da língua à psicanálise, pois a língua e a psicanálise possuem sistemas distintos. Sugere, então, que a psicanálise se atenha às questões

¹⁴ Um exemplo da crítica feita por Benveniste a esse comportamento é: “O inglês *cleave*, ‘fender’, responde em alemão não a *kleben*, ‘colar’, como diz Abel, mas a *klieben*, ‘fender’ (cf. Kluif)” (Benveniste, 1995, p. 87).

¹⁵ Como exemplo, temos a seguinte passagem: “Na Idade Média, um rei e um leproso eram ambos, ao pé da letra, ‘intocáveis’, mas isso não quer dizer que *sacer* encerre dois sentidos contraditórios; foram as condições de cultura que determinaram, em face do objeto ‘sagrado’, duas atitudes opostas” (Benveniste, 1995, p. 87)

do discurso, pois “a língua é uma estrutura socializada” e “um sistema comum a todos” (Benveniste, 1995, p. 84).

Ao pontuar que a língua é social, o linguista também está, indiretamente, abordando o caráter arbitrário do signo saussuriano. Pelo menos três pontos referentes ao caráter arbitrário saussuriano se destacam em “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”: a relação de oposição entre o significado (conceito) e o significante (imagem acústica), a relação de oposição entre os signos e, por fim, a ausência de autonomia do falante em relação à significação da língua.

O primeiro ponto ressalta a problemática da mescla indiscriminada que Abel faz dos termos que estuda, pois, segundo o CLG, não há relação entre uma sequência de som (significante) e o seu significado. Podemos dizer também que, diferentemente do que Lacan virá a propor na sua teoria psicanalítica, o significante e o significado linguístico são fixos, inseparáveis um do outro, unidos pelo laço arbitrário.

O segundo ponto contraria tudo o que o trabalho de Abel e sua consequente interpretação freudiana propuseram: é impossível que, dentro do sistema linguístico saussuriano, um signo possua dois significados opostos. Isso porque o signo se define na diferença entre os signos, assim como o seu valor também se define a partir de uma relação de oposição.

O terceiro ponto trata do caráter imutável do signo: os signos são arbitrários pelo seu fator social, de forma que o falante é incapaz de manipular livremente o significado dos signos¹⁶ — afinal, não existe um laço natural entre significado e significante. Ou seja, a relação (arbitrária e imotivada) entre significante e significado respeita uma herança linguística, que independe da livre vontade do sujeito.

Explicamos o raciocínio saussuriano ao qual Benveniste parece recorrer na sua argumentação: a língua é um instrumento social. Por mais que a fala seja responsável pela mudança/evolução da língua, a língua é imposta ao indivíduo. Portanto, só podemos analisar a ação do social sobre os signos dentro da relação que eles estabelecem entre si — pois não há valor num signo isolado, é apenas na

¹⁶ Dessa forma, podemos dizer que não há *valor* sobre uma significação proposta por um único indivíduo, pois a língua é um sistema social e o valor de um signo é estabelecido pelo coletivo.

diferença entre os valores que um signo constitui o seu valor, dentro de um determinado sistema.

Em outras palavras, se o valor é definido pelo coletivo, isso é consequência do seu caráter arbitrário, que está relacionado ao funcionamento dos signos dentro do sistema. Acreditamos que o sistema de valores seja o princípio saussuriano que guia toda a argumentação benvenistiana, pois é o que mantém o vínculo opositor entre significante e significado; isso quer dizer que um signo pode ter seu significado alterado em seu valor sem que haja mudança no seu significante. Podemos também encontrar palavras com significação similar e valores diferentes em um sistema — é o caso dos sinônimos, que constituem seus valores na oposição entre os termos do sistema ao qual pertencem. Ademais, a própria relação entre os valores e os signos constitui significados e, conseqüentemente, valores distintos pela oposição entre elementos do sistema linguístico, ou seja, o valor (produção de sentido) de qualquer termo está fora e ao redor dele.

A relação (arbitrária) entre os signos e os valores só existe porque ambos pertencem a um sistema: a língua, que, por ser uma convenção social, escapa à vontade do falante (imutabilidade). Os conceitos saussurianos de coletividade, arbitrariedade, imutabilidade e valor aparecem indireta ou diretamente na argumentação benvenistiana sobre a impossibilidade de se ter duas palavras com significados opostos sem analisá-las num contexto de uso, como faz Abel.

Voltemos, então, à questão dos diferentes sistemas que regem a língua e a psicanálise: Benveniste propõe uma reflexão sobre qual é a linguagem que faz sentido à psicanálise e responde com a própria constatação de Lacan¹⁷ sobre o método analítico: “o seu domínio é do discurso concreto enquanto *realidade transindividual do sujeito*” (Benveniste, 1995, p. 83, grifo nosso). Isso é, na nossa interpretação, questionar a razão de a psicanálise estudar o egípcio antigo, já que a linguagem com a qual ela trabalha está relacionada à subjetividade individual do sujeito em análise. Além disso, é confrontar as diferentes visões de linguagem que os linguistas e os psicanalistas possuem: para os linguistas, a língua é um objeto social cujos signos independem da vontade do sujeito falante, enquanto os

¹⁷ Em “A função e o campo da fala e da linguagem na psicanálise” (Lacan, 1953).

psicanalistas admitem uma versão mais flexível dos significantes, aberta às motivações dos sujeitos.

A partir do argumento bastante saussuriano sobre a improbabilidade de podermos relacionar as línguas (coletivas) com a fala (individual), o linguista sugere que a psicanálise estude a linguagem a partir do *discurso* e do *estilo*, pois seriam objetos de estudo relacionados à motivação do indivíduo. A *semântica* é posta como solução à incoerência da proposta freudiana, pois é na atividade do locutor, no discurso, na língua posta em ação, que se dá o sentido. Isso porque um signo isolado carrega um conceito genérico, mas uma frase exprime uma ideia, ou seja, o sentido é variável na frase por causa das situações discursivas na qual se insere, que, diferente dos signos, não são fixas.

Falamos de *semântica* (na verdade, semântico, como dirá Benveniste), mas é só alguns anos depois da publicação de “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana” (1956), em “A forma e o sentido na linguagem” (1966), que Benveniste desenvolve a distinção entre semântica e semiótica. Ele apresenta o semiótico como aquilo que se ocupa da relação entre os signos e o seu valor genérico e conceitual, e apresenta o sentido (o semântico) como a língua posta em ação pelo homem e para o homem e suas relações com o mundo. Nesse texto, o linguista diz:

Com o signo tem-se a realidade intrínseca da língua; com a frase liga-se às coisas fora da língua; e enquanto o signo tem por parte integrante o significado, que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação de discurso e atitude do locutor (Benveniste, 1989, p. 230).

Embora o conceito de semântico seja posterior à publicação de “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”, um esboço da questão já aparecia em oposição à proposta freudiana de estudar a origem da linguagem. Se o semântico é a atividade do locutor, é no discurso, na língua posta em ação, que se dá o sentido e, também, o trabalho do psicanalista. Outra ideia posterior ao texto sobre a descoberta freudiana que já dá sua graça no artigo é a Instância do Discurso (ID), que diz respeito ao momento exato em que se profere um enunciado. A linguista Aya Ono, em seu estudo sobre a noção de enunciação em Benveniste¹⁸, interpreta que a ID é um lugar dinâmico em que “aparecem e se reencontram o

¹⁸ *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste* (Ono, 2007).

sujeito e a linguagem”, pois existem nela duas operações do “eu”¹⁹. Existe uma forma pronominal de “eu”, que “designa o locutor como sujeito”, e uma outra forma para representar o locutor, que “se apropria da língua dizendo eu” (Ono, 2007, p. 84); e é pela forma pronominal que o locutor se enuncia como um sujeito linguístico.

Benveniste diz que o “eu” só pode ser identificado pela ID que o contém (Benveniste, 1995, p. 279), ou seja, é preciso considerar o tempo discursivo, a situação discursiva e o locutor para diferenciar os “eus” do discurso. “Eu”, então, só existe no ato de fala que o profere. As relações de temporalidade na linguagem são fator importante à construção da subjetividade, pois a temporalidade humana revela a subjetividade intrínseca ao uso da língua:

A linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas. A linguagem de algum modo propõe formas “vazias” das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua “pessoa”, definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como eu e a um parceiro como tu. A instância de discurso é assim constitutiva de todas as coordenadas que definem o sujeito e das quais apenas designamos sumariamente as mais aparentes (Benveniste, 1995, p. 289).

Podemos dizer que a ID nos traz uma subjetividade vinculada ao valor semântico, que se refere ao locutor e ao instante de sua produção enunciativa. A subjetividade, então, emerge no discurso e é nele acessada pelas *construções únicas* feitas pelo e para o homem a partir do exercício da linguagem. Tal questão retoma a insistência benvenistiana em sugerir que a psicanálise se atenha ao estudo do discurso, pois “se ele [psicanalista] precisa de que o paciente lhe conte tudo [...] é porque os acontecimentos empíricos não têm realidade para o analista a não ser no — e pelo — 'discurso' [...]” (Benveniste, 1995, p. 83).

Benveniste argumenta que o método analítico opera sobre um objeto imaterial (o discurso), sem possuir uma relação de causalidade; ele sintetiza o processo de análise em uma única frase: “o processo inteiro opera-se por intermédio da linguagem” (Benveniste, 1995, p. 82). O que parece uma simples constatação é, na verdade, um ponto de concordância entre o autor e o texto freudiano ao qual o artigo

¹⁹ Não por acaso, os originais de Lacan trazem os termos franceses “je” e “moi” para diferenciar o sujeito do sujeito inconsciente.

se refere: a linguagem é do interesse do analista, pois é nela e por ela que ele opera.

A última frase do texto freudiano, que deixa a proposta de que o analista aprenderia melhor sobre a linguagem dos sonhos se soubesse mais sobre a evolução da linguagem (Freud, 2013, p. 153), só é contestada em parte; pois ao dizer que há outra questão da linguagem muito mais pertinente ao trabalho do psicanalista do que sua evolução, Benveniste elabora uma contraproposta à sugestão freudiana: estudar o discurso como língua posta em ação por um indivíduo. Isto é, o linguista não se opõe à necessidade de o analista estudar a linguagem, ele se opõe ao direcionamento que o texto freudiano sugere, de estudar a origem da linguagem²⁰. Benveniste, portanto, não parece ter se empenhado em desvalidar as intuições freudianas; pelo contrário, ele recomenda outros caminhos para o estudo da linguagem que parecem fazer mais sentido à psicanálise, “puxando a brasa” para o lado do discurso e do estilo.

É claro que o estudo de Abel desconhece os fatores que tanto revoltaram Benveniste, o filólogo se insere num contexto anterior à publicação do CLG; entende-se também o porquê de questionarem o posicionamento crítico do linguista, que lê um filólogo de 1884 com conceitos do CLG e da enunciação num artigo sobre e para a psicanálise. Não seria provável, no entanto, que um linguista apegado aos conceitos saussurianos admitisse que um signo possa possuir dois significados contrários/opostos. Acontece que Freud diz ter encontrado no trabalho de Abel uma forma de expressar coisas opostas pelo mesmo “recurso figurativo”, ou seja, Freud parece enxergar o signo como um símbolo. Enquanto simbologia, os sonhos podem ter essa dupla significância apontada por Freud, mas, enquanto língua, o signo não pode ser associado à ideia de símbolo (pelo menos não o signo de Saussure). Talvez seja por isso que o linguista enfatiza a diferença entre língua e fala nos estudos psicanalíticos; a fala pode ser simbólica na análise individual, mas, na língua, ela segue sendo social. E toda a “simbologia” que se possa atrelar à fala está relacionada à instância discursiva de um locutor no contexto da análise, da formação

²⁰ Percebemos que Benveniste desconhece ou escolhe omitir a trajetória teórica que Freud traça sobre a questão da origem da linguagem. Essa discussão pode ser encontrada na obra “Linguística e Psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros”, de Michel Arrivé (2001).

de subjetividade que essa instância lhe permite, e da flexibilização da relação entre significante e significado que pertence unicamente à teoria psicanalítica.

Agora que conhecemos os contextos histórico e teórico de produção do artigo benvenistiano, bem como da obra de Freud à qual ele se opõe, podemos analisar a obra “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana” (BENVENISTE, 1995) sob diferentes olhares. Para isso, veremos, no próximo capítulo, as concepções de alguns autores de grande propriedade teórica, como Milner, Arrivé e Boileau, sobre os diversos conceitos linguísticos e psicanalíticos que envolvem tal obra.

CAPÍTULO 2 - Os leitores de Benveniste

O segundo capítulo deste trabalho se propõe a expor algumas interpretações teóricas importantes acerca do artigo benvenistiano “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”. Traremos este capítulo, portanto, dividido em oito subcapítulos: “Uma análise pertinente da questão”, “O apego à origem e a indistinção dos significados”, “A palavra primitiva por um linguista-psicanalista”, “Uma interpretação puramente psicanalítica”, “A aceitação da ambiguidade”, “O inconsciente linguístico”, “Um olhar sobre a translinguística” e, por fim, “Inconsciente: uma outra linguagem”.

Primeiramente, apresentamos um subcapítulo que elucidará a visão do linguista Jean-Claude Milner sobre o artigo. Para isso, reuniremos uma síntese das análises presentes em três de suas obras (*L'amour de la langue*, de 1978²¹; *Le Périple structural: Figures et paradigme*, de 2002²², e *Linguistique et psychanalyse*, de 2010). Na sequência, teremos um capítulo sobre a visão de Michel Arrivé, outro linguista, acerca do pensamento benvenistiano que viemos analisando; nesse subcapítulo, leremos as obras *Linguistique et Psychanalyse: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan et les autres*, de 1986²³, e *Language et psychanalyse, linguistique et inconscient (Freud, Saussure, Pichon, Lacan)*, de 1994²⁴. O terceiro subcapítulo buscará mostrar outra perspectiva acerca do texto de Benveniste, a visão do linguista-psicanalista Laurent Danon-Boileau; leremos o artigo *Sens opposé des mots primitifs et jeu associatif*, de 2013. Além desses autores, traremos, no quarto subcapítulo, uma leitura de *Les structures lacaniennes des psychoses: séminaire 1983-1984*, do também psicanalista Charles Melman (1991²⁵), e, no quinto subcapítulo, uma exposição de *Opposite sense, ambivalence, complementarity: reading notes followed by a semiolinguistic study on abandon*, do linguista Dominique Ducard (2006²⁶). Para os dois subcapítulos seguintes traremos os trabalhos de duas mulheres: Chloé Laplantine, com sua obra *Émile Benveniste*,

²¹ Usamos aqui a edição brasileira da obra, de 2012, conforme *Referências bibliográficas*.

²² Usamos aqui a edição em espanhol da obra, de 2003, conforme *Referência bibliográficas*.

²³ Usamos aqui a edição brasileira, de 2001, conforme *Referências bibliográficas*.

²⁴ Usamos aqui a edição brasileira, de 1999, conforme *Referências bibliográficas*.

²⁵ Usamos aqui a edição brasileira, de 2001, conforme *Referências bibliográficas*.

²⁶ Usamos aqui a edição brasileira, de 2013, conforme *Referências bibliográficas*.

l'inconscient et le poème (2011), e Julia Kristeva, com a obra *Émile Benveniste (1902 – 1976) avec Freud (1856 – 1939)* de 2018. Por fim, reuniremos algumas considerações finais em um último subcapítulo.

2.1 — Uma análise pertinente da questão

Jean-Claude Milner²⁷ possui inúmeras obras importantes à linguística, porém propomos este subcapítulo apenas com três de suas obras, já citadas no texto. Com elas, aspiramos mostrar um panorama da visão de Milner sobre a tríade dos autores que temos estudado (Benveniste, Freud e Abel).

Milner, na obra *El périple estructural* (2003), dedica dois capítulos a Benveniste: o primeiro, que nos interessa, sobre o artigo “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”, e o segundo, ao qual renunciamos neste momento, sobre sua biografia. O capítulo que abordaremos se chama, em tradução livre nossa, “Benveniste I — Sentidos opostos e nomes indiscerníveis: K Abel reprimido por E. Benveniste” e analisa os artigos de Abel, de Freud e de Benveniste.

Sabemos que “A interpretação dos sonhos” é importante para entendermos o interesse de Freud em Abel, afinal, a referência à obra de Abel lhe dava a confirmação das suas percepções sobre o funcionamento do sonho. Nesse livro, Freud apresenta a teoria de que os sonhos desconhecem o *Não*, pois os sonhos podem representar simultaneamente um desejo e o seu oposto — por exemplo, um ramo de flor em um determinado sonho representaria tanto a inocência quanto a impureza sexual. Para Freud, portanto, a proposta de Abel seria, no ramo lexical, extremamente similar ao funcionamento dos sonhos²⁸.

No entanto, para Milner, engana-se Freud ao comparar o mecanismo de inversão dos sonhos com o de indefinição da língua egípcia. Nos sonhos, um elemento X pode ser não-X, ou seja, o seu contrário; porém, na linguagem, o sentido

²⁷ Jean-Claude Milner é um estimado linguista e filósofo francês que, dentre muitas outras temáticas, se dedicou ao estudo de Benveniste e da relação entre a linguística e a psicanálise.

²⁸ Freud só faz referência a Abel no livro *A interpretação dos sonhos* na sua terceira edição (1911).

de antitético se assemelha mais a uma indefinição do léxico (que, segundo a obra de Abel, deve ser minimizada com recursos gestuais) do que a uma antinomia. O linguista aponta que aquilo que se entende como oposição no trabalho de Abel não se trata propriamente de um antagonismo entre dois nomes para que se comprove que X pode ser não-X numa língua, mas uma variedade de significados possíveis para um único termo. O que encontramos em Abel “não é esta tese [da inexistência do *Não* no sonho], mas outra coisa: a impossibilidade de decidir de primeira a significação de um elemento dado.” (Milner, 2003, p. 69, *tradução nossa*). Assim, segundo Milner, uma leitura atenta de Freud descentraliza a questão dos opostos e do *Não*, pois, ainda que o sonho desconheça o *Não*, ele opera inversões que supõem sua negação. Logo, é necessário considerar a indeterminação como algo diferente da ausência de contradição à qual é vinculada na teoria da interpretação dos sonhos.

Milner aponta que tanto a tese dos sonhos quanto a língua são analisadas em elementos cada vez menores (que ele chama de *Um*²⁹), porém esses *Uns* não são correspondentes, ou seja, o elemento mínimo do sonho e o da língua são diferentes. Não há coincidência, nem quantitativa, nem qualitativa, entre tais *Uns*; um único anseio, por exemplo, pode ser dito de inúmeras formas, mas, quando se pensa na língua, o que se materializa na fala pode responder a diferentes anseios (infinitamente desconexos). Dessa forma, Milner convida a considerar que a incompatibilidade entre os *Uns* estimula a análise de que um único anseio pode ser dito de diversas formas e manifestar-se em diversos atos. Para o autor, as grandes obras de Freud exploram de maneira sistemática essa não coincidência, mas a teoria dos sonhos não a discerne, pois “projeta sobre um plano único diferentes elementos sem correspondência” (Milner, 2003, p. 70, *tradução nossa*).

As propostas de Abel e de Freud aparentam corresponder uma à outra, se considerarmos generalizadamente o sentido de “antitético”, mas, na verdade, especificam a coincidência dos *Uns* e a indefinição lexical. De qualquer forma, ambas as teorias exigem que seja feita uma escolha entre os possíveis sentidos do sonho ou da palavra. Na teoria de Abel, essa escolha se dá na gesticulação feita

²⁹ Os elementos únicos (*Uns*) da teoria dos sonhos são o anseio do sonho (*Wunsch*), o pensamento do sonho. A língua e a realidade também possuem *Uns* (como a palavra, a coisa, o ato, etc.), mas tais elementos não correspondem aos elementos dos sonhos.

junto à palavra, que a distingue de outros possíveis significados; em Freud, no entanto, a escolha se dá no processo de significação dos sonhos, que possui opções limitadas de interpretações. Por mais que os *Uns* de ambas as teorias não correspondam, para Milner, não se exclui o princípio de existência do *Um*. Sendo assim, o princípio de indefinição não indetermina a análise, mas destaca a necessidade e o poder dos *Uns*. Cabe, então, ao intérprete trabalhar com suas escolhas; esse é o método freudiano: “a interpretação não confunde linhas, as distingue, enquanto os elementos de representação do sonho permanecem semelhantes entre si” (Milner, 2003, p. 71, *tradução nossa*). Para Milner, a antítese a qual o artigo freudiano se refere consiste, na verdade, na impossibilidade de dois entes serem semelhantes contendo propriedades distintas. É essa semelhança entre propriedades distintas (opostas) que Freud acredita ser possível na linguagem (e que Benveniste refuta), pois é justamente o que ocorre na sua teoria dos sonhos.

Para Milner, a crítica de Benveniste a Abel se baseia, portanto, na negação da possibilidade de indeterminação da língua, e resume sua argumentação à falsidade dos dados filológicos de Abel³⁰ e a essa impossibilidade de a palavra assumir um “sentido antitético”. O verdadeiro argumento de Benveniste contra Abel seria, então, a impossibilidade de um único termo linguístico sugerir significados contrários simultaneamente, pois a diferença entre os termos da língua é justamente o que os define. Essa visão introduziria, segundo Milner, a percepção de língua de Benveniste:

Benveniste enuncia que a linguística não tem porque saber nada de uma instância externa à língua. O próprio gesto, em Abel, e a interpretação, em Freud, consistiriam precisamente em introduzir, a partir de um exterior, diferenças em um objeto sobre pontos nos quais o objeto mesmo não se diferenciava. Nada disso se encontra em Benveniste: a língua realiza por si só todas as diferenças as quais tem que conhecer. A razão disso está no fato de que Saussure disse a verdade: a língua é só um sistema de diferenças (Milner, 2003, p. 72, *tradução nossa*).

³⁰ Benveniste questiona a credibilidade de Abel dizendo que “Nenhum linguista qualificado [...] conservou esse *Gergensinn der Urworte*, quer no seu método, quer nas suas conclusões.” (Benveniste, 1995, p. 86), porém Milner o refuta em uma nota da obra *Périplo Estrutural* (Milner, 2003, p. 67-68), na qual confirma a fama e credibilidade do filólogo da sua época até o período em que Freud o referencia (1910).

Argumentar contra esse princípio seria um atentado ao que os linguistas do período de Benveniste tinham de mais importante: Saussure e o CLG. Compreende-se então a paixão de Benveniste pela teoria saussuriana e a agressividade do seu texto sobre Abel, pois, se a interpretação freudiana da teoria do filólogo fosse verídica, invalidaria a premissa da linguística saussuriana de unicidade do signo e o próprio conceito de língua dessa teoria. Milner, no entanto, considera válido ponderar se a paixão de Benveniste não o cegou sobre a verdadeira posição de Abel.

Embora a análise de Benveniste sobre os dados filológicos trazidos no trabalho de Abel seja um argumento preciso, não o impede de ter sido parcial. Sobre isso, Milner traz um novo olhar sobre a análise de Benveniste, pois considera que, ainda que a base do trabalho de Abel esteja incorreta ou mal interpretada³¹, ela demonstra a homofonia ocasional dos antônimos. Tal conclusão é tomada a partir do seguinte raciocínio: Abel e Benveniste tiram conclusões distintas a partir de premissas similares.

Ao comparar Benveniste com Abel, Milner faz parecer óbvio o que até então não se havia dito: há em Benveniste um tropeço naquilo que ele próprio considera imprescindível à análise linguística, a necessidade de considerar todos os empregos de um termo antes de tomar qualquer conclusão sobre ele. Milner considera que Benveniste, ao analisar as considerações de Abel, se baseia unicamente nos lexemas isolados, mas que esses termos apontados pelo filólogo poderiam fazer sentido se analisados de forma mais ampla. Seria possível, então, imaginar uma língua em que duas noções se confundam e se distingam num único termo.

Milner chega a dizer que há um certo “eco” de Abel em Benveniste, pois o linguista considera que um termo com duas significações opostas só poderia ser dito em uma língua na qual a distinção dessa diferença (por exemplo, entre “grande” e “pequeno”) não tenha sentido literal e na qual a categoria da dimensão não exista (Benveniste, 1995, pág. 89). No entanto, para Abel, uma palavra que expressa duas ideias opostas não representa nenhuma das duas, mas a relação entre seus conceitos. Nesse aspecto, ambos os autores só divergem quanto à categoria de

³¹ Milner diz que a demonstração de Benveniste sobre os dados filológicos de Abel é de grande qualidade, pois os dados indo-europeus citados por Abel realmente estão incorretos ou mal interpretados (Milner, 2003, p. 73, *tradução nossa*).

força, pois para Benveniste a categoria de força, nesse caso, não existiria, mas existiria para Abel.

Segundo Milner, essa divergência deriva da refutabilidade da posição benvenistiana. O texto de Benveniste traz o exemplo do latim *altus* com significado de “alto” e de “profundo” e atribui essas diferenças de significado à falta de consideração da perspectiva do observador: “a noção de *altus* avalia-se em latim como a direção de baixo para cima, quer dizer subindo do fundo do poço ou subindo do pé da árvore, sem consideração da posição do observador” (1995, p. 87–88). Esse é o ponto que, para Milner, parece perfeitamente refutável; afinal, considerando que o latim não distingue o que é *alto* do que é *profundo*, também poderíamos dizer que “o latim designa a dimensão vertical em si mesma, sem distinguir se é ascendente ou descendente” (Milner, 2003, p. 75); dessa forma, a diferença entre os conceitos de *alto* e *profundo* não excluiria a noção de dimensão, mas a destacaria. O que Milner parece fazer, aqui, é mostrar que os termos com dois sentidos opostos apontados por Abel não são necessariamente o absurdo que Benveniste desenha no seu artigo, pois podemos considerar a oposição dos sentidos como uma delimitação dos conceitos. Aceitaríamos dizer, portanto, que, seja por estar ludibriado pelo pensamento saussuriano, seja porque talvez não tenha lido a obra original de Abel além do referenciado por Freud, Benveniste poderia estar equivocado em algumas interpretações das oposições discutidas.

Milner aponta alguns exemplos analisados em “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana” que podem ter sido mal interpretados, como o caso de *sacer* do latim ou de *forte/fraco* do antigo Egípcio, pois, diferentemente do que Benveniste interpreta de Abel, não significam, na perspectiva de Milner, uma coisa ou outra, mas a relação entre os dois termos (*sacer* não seria nem sagrado, nem maldito, mas designaria a delimitação entre esses dois conceitos). Para Benveniste as questões culturais determinam a oposição dos conceitos de um termo:

Uma segunda série de provas, igualmente errôneas, é tirada por Abel de certas expressões que se tomam em sentidos opostos na mesma língua. Esse seria o duplo sentido do latim *sacer*, “sagrado” e “maldito”. Aqui, a ambivalência da noção não deveria mais espantar depois que tantos estudos sobre a fenomenologia do sagrado lhe banalizaram a dualidade

natural: na Idade Média, um rei e um leproso eram ambos, ao pé da letra, "intocáveis", mas isso não quer dizer que *sacer* encerre dois sentidos contraditórios; foram as condições da cultura que determinaram, em face do objeto "sagrado", duas atitudes opostas. A dupla significação que se atribui ao latim *altus*, como "alto" e "profundo", se deve à ilusão que nos faz tomar as categorias da nossa própria língua como necessárias e universais (Benveniste, 1995, p. 87).

Se Benveniste aceita que a oposição de um termo é determinada por uma atuação social, há certa incoerência em considerar absurda a proposição de Karl Abel. Milner se questiona: "o que é a significação da palavra *sacer* senão, justamente, uma atitude cultural?" (Milner, 2003, p. 75, *tradução nossa*). Ainda que Benveniste pense a dualidade de significados seguindo uma diferenciação entre sentido e referência, há de se convir que "a palavra *sacer* tem por referência duas atitudes inversas no seio de uma única e mesma cultura, mas seu sentido é único" (Milner, 2003, p. 76, *tradução nossa*). Dessa forma, Milner conclui que Benveniste admite uma palavra com significações opostas, ainda que as propriedades do sagrado não sejam definidas pelo lexema, mas pela sua ambivalência; voltando, assim, à questão da delimitação dos conceitos (sagrado/maldito)³².

São citados ainda outros textos de Benveniste que não destoam tanto assim da proposta de Abel, a exemplo de "Dom e troca no vocabulário indo-europeu" (1951) — texto no qual Benveniste fala de termos que possuem um "duplo valor inerente aos verbos". Porém, ao trazer o exemplo do termo grego *aidôs*, que significa *honra* (enquanto sentimento coletivo) e *vergonha* (enquanto sentimento individual), Milner adentra ainda mais no seu raciocínio: ele diz que esse efeito pode se encaixar tanto na perspectiva de *Gegensinn*³³, quanto na oposição de coletivo e distributivo de Benveniste. Aqui, a premissa laciana combinaria com ambas as teorias, pois considera que o *Outro* reenvia ao sujeito uma mensagem invertida.

O que surge dos textos é bem mais do que pensavam os dois empregos de *aidôs* em sua relação e em sua distinção. Abel não teria dito outra coisa e temos que admitir, também aqui, que a língua reconhece como distintas as

³² "Aqui a língua está afetada por algo que é radicalmente exterior a ela, e não ao contrário: isso não corresponde a Whorf; na verdade, nem sequer corresponde a Saussure." (Milner, 2003, p. 76, *tradução nossa*).

³³ Milner referencia o artigo de Freud pelo termo "Gegensinn" (redução de *Über den Gegensinn der Urworte*) e optamos por mantê-lo referenciado dessa forma.

duas noções que expressa numa mesma palavra (Milner, 2003, p. 79, *tradução nossa*).

Com ironia, Milner considera surpreendente que Benveniste tenha ignorado suas próprias considerações ao se colocar veementemente contra a proposta de Abel, pois, embora com dados errôneos, Abel aponta um problema autêntico. Considera, então, pertinentes os comentários sobre o artigo benvenistiano publicado em *La Psychanalyse*: não contribui puramente com a revista. Para Milner, Benveniste parece pôr em prática um projeto próprio, baseado nas ideias de George Politzer³⁴, que não foi relevante à difusão da psicanálise, à qual se propunha a revista, e que, conseqüentemente, não teve continuidade.

Embora o esquecimento de Benveniste sobre as próprias considerações exale certa incoerência, é possível entender o que linguista quisera evidenciar: dois objetos indiscerníveis por suas propriedades linguísticas devem ser analisados como dois objetos linguísticos únicos. É justamente o oposto desse movimento que Freud propõe fazer, pois a análise de um termo, na psicanálise (assim como em Abel), ocorre externamente. Para Milner, Benveniste tem uma visão estruturalista da língua, que considera o inverso de Abel (afinal, Abel escreve muito antes de Saussure): a língua — natural ou dos sonhos — não é suficiente para definir duas representações de um termo, ou o contrário, para que dois termos definam uma única propriedade linguística. No entanto, o que Milner conclui é que Benveniste fora incapaz de perceber que o que Abel havia proposto era exatamente o inverso da sua própria teoria.

Se a análise de Milner é altamente linguística em *Le periple*, o artigo “Linguística e Psicanálise” (2010) nos traz um panorama mais interdisciplinar entre a linguística e a psicanálise. Nesse texto, Milner ressalta que a psicanálise freudiana relaciona o inconsciente à linguagem desconhecendo a teoria linguística, ponto em que Lacan diferencia sua teoria, pois é o primeiro psicanalista a se dedicar ao estudo da ciência linguística. Milner relaciona ambos os psicanalistas assim: “[...] a questão das relações entre a psicanálise e o fenômeno da linguagem se coloca desde os primeiros trabalhos de Freud; a questão das relações entre a psicanálise e a ciência da linguagem não tem conteúdo antes de Jacques Lacan” (MILNER, 2010, online).

³⁴ Milner encontra uma influência de Politzer na opinião e no título do artigo de Benveniste; considera que o termo “descoberta freudiana” recorre ao capítulo I de *Crítica aos fundamentos da psicologia* (Plitzer, 1968).

Milner (2010, online) afirma que alguns dados da língua permitem propor uma “analogia estrutural que esclareça o funcionamento de processos inconscientes”, mas dizer que o inconsciente funciona de forma análoga não é dizer que ele é igual a uma língua, apenas que possuem estruturas similares (como Lacan voltará a dizer). O sonho possui uma estrutura que Freud considera, sem bom embasamento teórico, similar à da linguagem. Freud se perde, porém, na questão da similaridade e começa a considerar determinados funcionamentos da língua como espelhos do inconsciente.

Assim, as diversas maneiras de refutar a frase “eu (um homem), lhe amo (ele, um homem)” permitem engendrar as principais formas da paranoia; nessa geração formal, Freud se apoia explicitamente numa análise estritamente gramatical do tipo sujeito-verbo-objeto (Observações psicanalíticas sobre a autobiografia de um caso de paranoia [*Dementia paranoides*]). Encontram-se procedimentos semelhantes no tocante à fantasia da criança espancada (Uma criança é espancada), pela análise da pulsão escópica (que repousa essencialmente sobre a simetria de língua entre observar e ser observado; cf. Pulsão e destino das pulsões). De forma mais geral, pode-se assinalar que essas analogias colocam especialmente em causa duas noções oriundas do estudo das línguas: a oposição ativo/passivo, por um lado; a noção de frase, por outro (Milner, 2010, online).

Vemos que a obra freudiana que Benveniste refuta (“O sentido antitético das palavras primitivas”) não é a única obra em que Freud relaciona o inconsciente à linguagem. No entanto, é no estudo dos sonhos que ele conclui que o inconsciente não conhece a contradição e o associa ao estudo de Abel sobre a antítese das palavras primitivas justamente para validar sua tese.

Freud, a partir do estudo do sonho, havia sido levado a aventar que o inconsciente não conhecia a contradição. Não se deve minimizar o caráter exorbitante que essa proposição tomava: quando o inconsciente é fundamentalmente definido por Freud como um conjunto de pensamentos, essa proposição torna, com efeito, a excetuar os processos primários de uma lei fundamental do pensamento. Era, pois, urgente estabelecer se acaso não se podia corroborar uma hipótese tão forte por vias independentes. Ora, é justamente o que o estudo de Abel permite fazer (Milner, 2010, online).

Além disso, Milner (2010) encontra uma explicação da escolha de Freud por Abel, explicação essa que dá origem ao título desta dissertação, pois contém a insistência freudiana nos retornos às origens. Se Freud considera que o inconsciente de um sujeito é determinado pelo seu passado individual, cabe à sua analogia que as línguas também contenham uma construção cronológica em cujo sistema o significado original das palavras tenha se perdido, assim como as primeiras memórias da infância. Dessa forma, Freud teria pensado que a investigação da origem das palavras poderia elucidar funcionamentos similares ou idênticos ao do inconsciente, assim como acontecia no estudo de Abel.

O eterno retorno de Freud às origens, no entanto, parte de e chega a um ponto exclusivamente ilusório; segundo Milner, “as línguas ditas antigas não têm propriedades estruturais que as distingam das línguas modernas; com isso, as primeiras não revelam nada de específico com relação às segundas” (Milner, 2010, online). O linguista ressalta que os exemplos que Freud traz de Abel são, como fez questão de mostrar Benveniste, equivocados, mas, ao mesmo tempo, afirma que há, sim, um fenômeno dos sentidos antitéticos pertencente às línguas modernas. Ou seja, “[...] esse fenômeno não tem, portanto, nada de especialmente primitivo, e se ele esclarece algo dos processos inconscientes, não é na medida em que testemunharia um passado da humanidade” (Milner, 2010, online).

Por fim, dentre as diversas diferenças que Milner sublinha entre a linguística e a psicanálise, ele diz que a linguística aborda a questão da linguagem de um ponto de vista empírico. A linguística, portanto, trata a linguagem como algo que não é integralmente perceptível, pois está no campo da significação; ou seja, é objeto perceptível a partir do conceito de signo. A psicanálise, por outro lado, se atém ao sentido muito mais que ao signo ou a significação, mas somente após Lacan.

Aqui nos é importante passar de Freud a Lacan para comentar que, enquanto um psicanalista que se aventurou nos estudos linguísticos (seguindo a intuição freudiana), Lacan concluiu que a linguística não serve à análise, ainda que a linguagem seja condição para o inconsciente. Por outro lado, a linguística apresenta grandes trabalhos de diálogo com a psicanálise, como os estudos de poética de Jakobson que recorrem à análise do lapso, do chiste ou do esquecimento de palavras. Para Milner, a relação entre linguística e psicanálise se inverte nesse

ponto; já em Benveniste, esse tipo de análise serve também aos psicanalistas, pois sugere, após sua devastadora crítica a Abel, que a psicanálise se atenha à linguagem em outros pontos que não a sua origem, mas no estilo. Benveniste diz que “[...] é no estilo, mais que na língua, que veremos um termo de comparação com as propriedades que Freud desvendou como sinaléticas da ‘linguagem’ onírica.” (Benveniste, 1956, p. 93).

O inconsciente emprega uma verdadeira “retórica” que, como o estilo, tem as suas “figuras”, e o velho catálogo dos tropos proporcionaria um inventário apropriado aos dois registros da expressão. Encontram-se aí, num e noutro, todos os processos de substituição engendrados pelo tabu: o eufemismo, a alusão, a antífrase, a preterição, a litotes. A natureza do conteúdo evidenciará todas as modalidades da metáfora, pois é de uma conversão metafórica que os símbolos do inconsciente tiram o seu sentido e ao mesmo tempo a sua dificuldade. Empregam também aquilo a que a velha retórica chama metonímia (continente por conteúdo), e a sinédoque (parte pelo todo); e, se a “sintaxe” dos encadeamentos simbólicos evoca um processo de estilo entre todo, trata-se da elipse. Em suma, à medida que estabelecermos um inventário das imagens simbólicas no mito, nos sonhos, etc., veremos provavelmente mais claro nas estruturas dinâmicas do estilo e nos seus componentes afetivos. O que há de intencional na motivação governa obscuramente a maneira pela qual o inventor de um estilo configura a matéria comum e, à sua maneira, se liberta dela. Na verdade, aquilo a que chamamos inconsciente é responsável pela maneira como o indivíduo constrói a sua pessoa, afirma, recalca ou ignora isto motivando aquilo (Benveniste, 1956, p. 94).

Por fim, Milner disserta sobre a relação entre linguística e psicanálise em *O amor da língua* (2012). Como essa obra é muito complexa e aborda muitos pontos da relação da linguística com a psicanálise, traremos aqui apenas alguns aspectos do raciocínio de Milner, em especial aqueles ligados à temática de nosso estudo que, como se sabe, leva em conta a tríade Freud, Abel e Benveniste. Nessa obra, Milner se questiona sobre o que é a língua se a psicanálise existe, e se propõe a pensar, além de questões internas à linguística, a linguística admitida sob efeito da psicanálise. Esse não é, bem entendido, nosso principal interesse; mas admitimos a necessidade de uma contextualização para o comentário que o livro traz sobre o texto freudiano “Sobre o sentido antitético das palavras primitivas”.

No capítulo 4 da obra, de título “Linguística Una e Indivisível”, após analisar as propriedades do signo saussuriano, Milner insiste na importância do *Um* na linguística. Ou seja, reforça que uma teoria precisa dos seus elementos únicos, pois conclui que tais propriedades podem ser mantidas em suas essências, ainda que o signo possa não ser o único meio do qual a linguística disponha para manejar a relação entre uma vibração sonora e uma ideia/sentido. Dentre as propriedades de um signo, no entanto, Milner considera a negatividade (no seu sentido não empírico) como aquilo que abre espaço para uma única propriedade linguística: existe discernimento na língua — ou seja, “o signo é a instância que permite esquadriñar o objeto em nome do discernimento que ele torna possível” (Milner, 2012, p. 64).

Esse ponto nos interessa porque, em *Le periple* (2003), o linguista diz que o grande problema de Freud em relação à linguística foi não entender que ela e a psicanálise possuem *Uns* distintos. O *Um* ao qual Milner se refere aqui é a tese do discernível, na qual a linguística visa a um real, e este é marcado com o discernível. A linguística, portanto, só se torna possível no nível da *lalangue*, pois é onde o discernível está instituído.

Resumindo ao máximo, a tese freudiana poderia ser dita assim: o fato de que haja língua tem a ver com o fato de que haja inconsciente — com isso, os mecanismos da primeira repetem os do segundo (é a tese dos sentidos opostos nas palavras primitivas) e vice-versa (Milner, 2012, p. 65).

É a esse comentário de *O amor da língua* que nos referimos, pois explica algo que Benveniste parece não ter compreendido: há um ponto no qual a língua e o desejo inconsciente se articulam. *Lalangue*, o conceito lacaniano inspirado em Freud, é o ponto de encontro entre aquilo que é língua, sistêmico, e aquilo que é inconsciente, individual. Segundo Milner, “o que a linguística atesta, simplesmente pelo fato de ela ser possível, é que esse ponto em que língua e desejo se corrompem um ao outro não é para figurar como um fluxo, mas consiste numa articulação significativa” (Milner, 2012, p. 65). Ou seja, há aquilo que é universal na língua, mas há também um ser falante que não só manipula a língua, mas a manipula a partir da sua vivência individual de mundo.

A leitura das três obras selecionadas nos permite concluir que, seja por Saussure, seja pela Enunciação, Benveniste esteve deveras apegado a algumas de suas paixões para reconhecer qualquer traço de concordância com a proposta que

enxergou no texto freudiano ao refutá-lo. É possível, também, que seus conhecimentos de psicanálise não fossem suficientes para ler Freud com maior vontade de encontrar lógica na interface linguagem/inconsciente, admitindo o discurso freudiano de que o inconsciente é estruturado pela língua. Ou pode ser que a sua visão de semântica se limitasse, tanto quanto a de Freud, a um *Um* físico; resistindo à emergência do *Um* não físico.

Desse modo, não é a forma de linguística que importa para Lacan, e nem, antes dele, para Freud — a estruturalista mais que a transformacional, a sincrônica mais que a diacrônica. [...] Esse é o verdadeiro alcance do texto — tão desconhecido pelos maiores — sobre o sentido antitético nas palavras primitivas: ele atesta que o próprio Freud, tão levado como foi a só reconhecer como Um o Um físico, tinha se deparado com outra coisa (Milner, 2012, p. 66).

Já não podemos saber a razão das lacunas teóricas que Benveniste nos deixou, mas a visão de Milner nos parece suficiente para validar os interesses de Freud no estudo da linguagem, que tanto refutou Benveniste. Na verdade, sentimos que o texto de Benveniste parte de uma indignação com os dados de Abel para uma proposta de interpretação da manifestação do inconsciente individual na língua através do estilo, sem refletir sobre o que existe no meio, entre a origem da linguagem e o que individualmente se constrói por ela. Milner agarra esse meio, pensa na intersecção entre linguagem e psicanálise, à qual o estruturalismo renuncia; ele reconhece a herança freudiana de buscar compreender a linguística — posteriormente seguida por Lacan.

2.2 — O apego à origem e a indistinção dos significados

Dois textos selecionados das obras de Michel Arrivé³⁵ irão nos acompanhar neste subcapítulo: *Freud e seus linguistas: Sperber, Abel, Schreber*³⁶ (1986) e *O*

³⁵ Michel Arrivé é um escritor, crítico literário e linguista francês que atuou como professor de linguística na Universidade Paris X-Nanterre.

³⁶ Capítulo 4 da obra *Linguística e psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros*. Usamos aqui a edição brasileira, de 2001.

*sentido oposto das palavras primitivas... E das outras*³⁷ (1994) — ambos escolhidos por suas considerações sobre o significado oposto das palavras. Começaremos apresentando o texto sobre os “linguistas de Freud”, e, na sequência, traremos o texto sobre o sentido das palavras primitivas.

Arrivé introduz o capítulo “Freud e seus linguistas” pensando na articulação entre a linguagem e o simbolismo onírico, e nos aponta duas dificuldades dessa relação. A primeira dificuldade está no caráter sexual do simbolismo freudiano, não condizente com o da linguagem (ao menos na mesma forma generalizada do símbolo psicanalítico). A segunda dificuldade se encontra na ambivalência intrínseca dos símbolos, pois, embora as palavras da língua também possuam a propriedade de ambivalência, não significam seus opostos. O funcionamento da ambiguidade na simbologia pode, sim, assumir o caráter de oposição, porém, na língua, essa propriedade se aplica apenas como uma imprecisão do significado, ainda que haja exceções.

Arrivé diz que os principais linguistas de Freud são Abel e Hans Sperber; o primeiro já conhecemos, o segundo foi professor na Suécia e na Alemanha, e possui obras de bastante importância para o estudo da semântica da sua época. Em Freud, Sperber é citado especialmente por seu texto *Über den sexuellen Ursprung der Sprache* (em português, “Da origem sexual da linguagem”), publicado no primeiro volume da revista *Imagino*³⁸.

O estudo de Sperber associa a origem da linguagem oral (com intenção de comunicação) à sexualidade. Resumindo sua proposta, Sperber diz que a fala foi induzida por associações sexuais, ou seja, alguns sons eram produzidos com a intenção de provocar uma reação no outro, e, se repetido várias vezes, causariam “gritos sexuais”. Em seguida, ele associa o uso de ferramentas pelo homem a essa mesma motivação sexual, assim, as ferramentas teriam causado uma cadeia de associação até que a tensão sexual levou os seres humanos à produção de sons. Ele chega a descrever palavras de origem germânica (e algumas de origem

³⁷ Capítulo 1 da seção *Problemas* da obra *Linguística e psicanálise, linguística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Usamos aqui a edição brasileira, de 1999.

³⁸ *Imagino* foi uma revista psicanalítica lançada em 1912.

indo-europeia) que possuem essa origem sexual (e que mantiveram um significado sexual e outro não sexual), por exemplo, a palavra germânica *saco*³⁹.

Para Arrivé, a contribuição de Sperber dá suporte à teoria freudiana sobre a relação entre a linguagem e o simbolismo, pois colocaria a “língua de fundo” (*Grundsprache*) como o princípio comum ao comportamento simbólico (de linguagem ou não).

Se for verdade que “as necessidades sexuais desempenharam papel dos mais importantes no nascimento e no desenvolvimento da linguagem” (Freud, 1916-1917, p. 184), se se puder garantir que “a palavra se destacou da sua significação originalmente sexual para ligar-se definitivamente ao trabalho” (Freud, 1916-1917, p. 185), então não existe mais contradição entre o funcionamento da linguagem e o do simbolismo (Arrivé, 2001, p. 83).

Essa conclusão de Freud, que aparece em *Uma introdução geral à psicanálise* (1916-1917), está, segundo Arrivé, equivocada. Isso porque tal conclusão se fundamenta na ideia de “linguagem de fundo” de Scherber⁴⁰, mas não há essa associação explícita nos textos do próprio escritor. Arrivé considera, então, que Freud pode ter interpretado essa relação devido ao uso de eufemismos, que, na verdade, são antífrases — como a troca do termo *recompensa* pelo termo *castigo*. O aspecto antifrásico dos eufemismos, no entanto, já era apontado muito antes pelos estudiosos da retórica e reconhecido pelos linguistas.

Para Arrivé, os termos *Grundsprache*, *Unbewusste* e *inconsciente* aparecem com uma relação de equivalência na obra de Freud; além disso, parecem ser base para a máxima laciana: o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Ele considera que tanto Abel quanto Sperber foram escolhidos por Freud justamente por associarem o problema fundamental da linguagem à sua origem — esses linguistas “confirmam” a teoria freudiana.

Devemos, no entanto, tomar o cuidado de considerar as referências à psicanálise que o próprio Sperber faz em seu texto de 1912, e não descartar a

³⁹ “[...] o nome do *saco* em diversos dialetos germânicos é também a designação do órgão feminino: vestígio evidente, a seu [de Sperber] ver, do processo que conduziu do primeiro sentido (sexual) ao segundo (não sexual)” (Arrivé, 2001, p. 83).

⁴⁰ Daniel Paul Schreber foi um jurista e escritor alemão que descreveu seus próprios delírios (*Memórias de um Doente dos Nervos*, 1903), cujo relato Freud analisou no texto *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides)* (1911).

possibilidade de ele ter elaborado suas conclusões influenciado pela leitura de Freud (1910) — pois Abel já havia sido citado no texto de 1910 (justamente o artigo que estudamos nesta dissertação). Dessa forma, não parece coincidência que o título do artigo de Sperber se assemelhe ao de Abel⁴¹ e ao de Freud, ambos sobre as palavras de sentidos opostos.

Além disso, quando *A Interpretação dos Sonhos* foi publicada pela primeira vez em 1900, Freud ainda não conhecia o trabalho de Abel. Somente após a publicação do artigo de 1910 Abel passa a ser referenciado nessa obra. Portanto, ele só é citado na edição de 1911, em nota adicional ao capítulo *O Trabalho do Sonho*; que diz o seguinte:

Encontrei num trabalho de K. Abel, “Der Gegensinn der Urworte”, um fato surpreendente para mim, mas confirmado por outros linguistas: as línguas primitivas exprimem-se, sob esse ponto de vista, como o sonho; elas só têm de início uma palavra para os dois pontos opostos de uma série de qualidades ou de ações (forte-fraco, velho-novo, próximo-distante, junto separado) [...]. Abel nota que tal fato é constante em egípcio antigo e assinala que se pode encontrar vestígios do mesmo nas línguas semíticas e indo-europeias (Freud, 1900, p. 274 *apud* Arrivé, 2001, p. 86).

Arrivé também considera importante ter uma visão ampliada das obras de Abel, posto que a maioria dos seus comentaristas leu apenas a obra referenciada por Freud, ou sequer essa. Antes da publicação de *Sobre o sentido antitético das palavras primitivas* (1884), Abel escreveu *Sobre a Origem da Linguagem* (1882)⁴². Nesse texto, Abel se pergunta se a linguagem teve uma origem natural ou se foi constituída por convenção; nesse artigo, ele conclui que, inicialmente, as línguas eram incompreensíveis. Havia palavras com muitos significados e elas precisavam ser diferenciadas por recursos adicionais, como a gesticulação, para a comunicação funcionar.

O egípcio antigo aparece então como monstruoso receptáculo de todas as homônimas e de todas as sinonímias. Necessariamente incompreensível, essa língua vai ser submetida a um trabalho vasto de aperfeiçoamento e de classificação (Arrivé, 2001, p. 87).

⁴¹ Embora Abel não atribua à sexualidade a origem da língua, ele, assim como Sperber, se interessa pela questão da origem.

⁴² A obra que contém esse texto pode ser acessada virtualmente, o link consta em nossas *Referências bibliográficas*.

Assim, segundo Arrivé, esse trabalho aconteceu simultaneamente no significado e no significante. As palavras compostas por justaposição teriam diferenciação nos seus significados (por exemplo, para compreender o conceito de força, precisaríamos distingui-lo do conceito de fraqueza); enquanto seus semelhantes passariam por alterações no significante (fonéticas) a partir das *metáteses*. Para Arrivé, Abel parece acreditar em uma mistura de condições para a origem da linguagem, em que o aperfeiçoamento da língua faria sucessivas aproximações para estabelecer “*convenções* cada vez mais próximas das *condições naturais* de adaptação do significante e do significado” (Arrivé, 2001, p. 88, grifo do autor).

O linguista considera, porém, que o trabalho de Abel (1882) atribui à língua traços do hieróglifo que não afetam necessariamente a língua. Dessa forma, os signos gráficos acabariam por infringir linearidade própria ao sistema hieróglifo, resultando em jogos de escrita que permitem a metátese e a polissemia. Outro problema apontado pelo linguista é a tentativa de aplicar esse mesmo funcionamento às línguas semíticas e indo-europeias; além de aplicar a metátese às línguas diferentes, como *topf* (alemão) e *pot* (inglês).

A grande questão que envolve os linguistas de Freud parece ser, para Arrivé, que, dos dois artigos de Abel, Freud teria aproveitado apenas a ideia de línguas primitivas como línguas indeterminadas e ininteligíveis. Isso porque, diferente da teoria de Sperber, a teoria de Abel não é tão conciliável assim com a de Freud. Para Arrivé, Freud se interessa mais nos exemplos do trabalho de Abel do que, de fato, na sua teoria; pois é neles que a teoria freudiana se inscreve, na existência de elementos significantes com diferentes significados. Além disso, o linguista comenta que Freud tem consciência da diferença entre língua e sistema de escrita, mas, ainda assim, desconsidera esse fator ao ler Abel, que explicita a diferença entre os sons das palavras (que podem ser iguais) e os hieróglifos que representam essas palavras (e possuem imagens distintas).

Arrivé justifica esses “recortes” da teoria de Abel pelo “irreprimível desejo [de Freud] de encontrar palavras de sentidos opostos que confirmarão a sua teoria da origem comum da linguagem e do simbolismo” (Abel, 2001, p. 90). A crítica do linguista, no entanto, não se restringe a Freud. Também se dirige a Benveniste, pois ele considera que Benveniste não quis abordar a questão da homofonia em seu

artigo; para Arrivé, a homofonia poderia explicar a significação de dois opostos por um mesmo significante.

Publicado quase dez anos depois de *Freud e seus linguistas: Sperber, Abel, Schreber, O sentido oposto das palavras primitivas... E das outras* aborda a questão dos sentidos opostos sob o viés da ambiguidade. Arrivé começa esse texto, que não por acaso está em um capítulo chamado *Problemas*, comentando que a questão dos sentidos opostos é um ponto bastante divergente entre a linguística e a psicanálise. Para ele, essa questão é um problema que ultrapassa o aspecto histórico do artigo de Abel e que, ao mesmo tempo, não se limita às conclusões linguísticas sobre a polissemia e a homonímia, pois se trata de uma reflexão mais complexa sobre a ambiguidade.

Para Arrivé, as línguas são permeadas pela ambiguidade, pois esse é um fator implícito no comportamento natural da significação. Ainda assim, a análise dos fenômenos de ambiguidade esteve bastante presente na história da linguística, principalmente no que diz respeito à “resolução” de homonímias⁴³, como se fosse necessário definir e limitar a sua proliferação. Arrivé diz que Benveniste parece ser um “inimigo resoluto da homonímia” (1999, p. 169), mas que não se pode lutar contra a realidade da ambiguidade.

Se pensarmos a questão pelo viés da sintaxe, encontramos formas como “Comprei o presente de Pedro”, em que Pedro pode ser tanto o receptor quanto o vendedor do presente. No léxico, no entanto, as relações de oposição independem das combinações discursivas, e trazem em sua própria forma gramatical interessantes relações de oposição; é o exemplo do verbo *alugar* em “Alugo um apartamento”, que pode se referir tanto a um proprietário quanto a um inquilino. O CLG de Saussure trata essas situações como uma particularidade da diferença de valores nas línguas.

Por esses e outros inúmeros casos citados por Arrivé, o autor não considera que a teoria de Saussure possa justificar a obstinada negação dos sentidos opostos na obra em que Benveniste contesta Freud. Pelo contrário, ele considera que Benveniste tropeça na sua própria argumentação quando, ao contestar Abel sobre a

⁴³ Entre os anos 60 e 90, muitos lexicólogos estruturalistas tentavam desmistificar as ambiguidades causadas pelas homonímias.

palavra *sacer*, assume a possibilidade de duas significações opostas definidas culturalmente por um único termo.

Efetivamente, Benveniste apreende a contradição entre duas posições: o reconhecimento de duas noções contrárias e sua atribuição a um significante único. Isso é exigir da língua o que não tem necessidade de lhe pedir; justamente, não pode ela dar-se como significado um objeto específico, caracterizado não pela anulação de uma diferença previamente posta entre dois contrários, mas pela indistinção original destes? (Arrivé, 1999, p. 180)

Temos, então, não mais um problema de oposição, mas de indistinção da língua; devemos considerar que só se pode negar dois objetos que já estejam distintos. Arrivé, portanto, separa os dois problemas que encontra na proposta de Freud: por um lado, o sonho que ignora o não (indistinto), por outro, o sonho que nega. A partir da noção de *neutralização* oriunda da fonologia, Arrivé considera que termos como *personne* (ninguém) e *rien* (nada)⁴⁴ podem ser explicados pela sua capacidade de significar seu caráter positivo e negativo, mas que essa possibilidade de oposição na língua não suprime nenhum dos significados atrelados ao seu significante.

2.3 — A palavra primitiva por um linguista-psicanalista

Como linguista-psicanalista, Laurent Danon-Boileau⁴⁵ escreveu um artigo sobre o sentido oposto das palavras primitivas e os jogos associativos da psicanálise, de título *Sens opposé des mots primitifs et jeu associatif* (2013). É esse texto que trazemos aqui, pois, nele, sob o viés diferenciado de um psicanalista conhecedor de linguística, o autor visa explicar o funcionamento das palavras primitivas na psicanálise.

⁴⁴ Na página 174, Arrivé (1999) fala sobre o fenômeno de neutralização nesses dois termos, que significam simultaneamente seus aspectos positivos e negativos, por exemplo, *je n'ai vu personne* [não vi ninguém] poderia ser substituído por *je n'ai vu quelqu'un* [eu não vi alguém] sem alteração no sentido global da frase.

⁴⁵ Laurent Danon-Boileau é linguista, professor e pesquisador de linguística da Universidade Paris Descartes, Paris V, Sorbonne; é também um psicanalista atuante, e possui inúmeras publicações sobre ambas as áreas.

Boileau abre seu artigo com a resumida representação do dilema em que Freud se encontrava ao conhecer Abel: um significante que expressa um significado e o seu contrário faz emergir traços inconscientes no discurso, assim como o significante que expressa o seu oposto (dissocia) faz emergir uma repressão do desejo. Na psicanálise, um significante só é sintoma se estiver sujeito a uma lei de dissociação dos significados opostos, mas é justamente no significante que se manifesta o sintoma. Quando Freud considera o artigo de Abel na sua teoria dos sonhos, o faz comentando o sonho de uma paciente, o qual possui como símbolo visual um galho florido que representa tanto a “pureza” quanto a “impureza”. Dessa forma, Freud encontra “uma primeira vez na humanidade em que a linguagem serve de moldura simbólica para o sistema primário que anima o pré-consciente” (Boileau, 2013, online, *tradução nossa*). A distinção entre os conceitos de puro e de impuro é, na teoria freudiana, a hipótese do desenvolvimento da língua em dois estágios (primário e secundário).

Para Benveniste, no entanto, não existem significados opostos, o que existem são diferenças de perspectivas — por exemplo, “alto” e “profundo” marcam a distância, independente da sua direção, entre o objeto e o sujeito que enuncia, mas os termos não se negam mutuamente. Então, se as ideias opostas são improváveis ao nível da palavra, elas podem ser provadas, segundo Boileau, ao nível do enunciado através das antífrases.

A antífrase permite exprimir um juízo recorrendo à formulação inversa. Em si, uma exclamação como “Que recatado!” denota uma apreciação positiva. Mas por antífrase, toma o valor contrário, que supõe que aquilo de que falamos manifesta uma total falta de decência. Portanto, estas palavras podem servir como significantes para a expressão de elogio ou censura (Boileau, 2013, online, *tradução nossa*).

A ambiguidade das expressões pode ser removida, segundo o autor, pelo seu contexto, sua situação de fala, pois há uma potencialidade própria do discurso nos sentidos opostos que o torna associativo. Assim, Boileau observa, nas antífrases, uma relação bem fundamentada da proposta de Freud, a exemplo da simbolização de pureza ou de impureza pelo ramo de flores do sonho de sua paciente. É a partir dessa fundamentação que Boileau pensa seu artigo ao se propor a analisar as situações dos pacientes cujas falas tenham sido feitas na sua forma primitiva, ou

seja, “quando é secundária a ponto de apenas parecer significar o que diz” (Boileau, 2013, online, *tradução nossa*).

Boileau nos conta que, na atividade clínica, os pacientes encontram duas formas de lidar com as circunstâncias dolorosas. Na primeira, o paciente se confronta com seu desejo, trabalha internamente suas emoções e relança seu pensamento à análise. “Ele, então, põe em vibração os significados opostos das palavras das quais ele encontra a fonte primitiva” (Boileau, 2013, online, *tradução nossa*) a um interlocutor que apenas testemunha seu processo interno. Na segunda, ao contrário, o paciente, ao encontrar um obstáculo para satisfazer o seu desejo, adia suas emoções e espera, no outro, alguma mudança.

[...] expressa claramente um pedido aos outros e visa obter uma ação específica por parte do “próximo ajudante” (o *Nebenmensch*); é, então, operativo apenas por ser transitivo. E quando o *Nebenmensch* ressoa, rapidamente se torna uma compulsão para repetir. Agora, como sabemos, na análise é preciso ser *Nebenmensch*, fazer ressoar esta palavra (Boileau, 2013, online, *tradução nossa*).

Quando o analista acompanha o discurso do seu paciente, a escuta constitui um discurso primitivo sob duas vozes: a do paciente e a do inconsciente analisado. Se não houver associação entre o discurso do paciente e a escuta do analista, esta não será uma fala associativa e gerará um comportamento compulsivo. Existem duas formas dessa situação se apresentar: nos pedidos explícitos e nos implícitos de verificações do ouvinte. A primeira situação acontece sob o aspecto de uma conversa cotidiana. Para Boileau, essa é uma tentativa de fazer o analista “renunciar à condição de intérprete” (2013, online, *tradução nossa*). As perguntas do paciente sobre o que o analista pensa do seu conteúdo seriam, portanto, uma reafirmação da sua condição de objeto primário. A segunda situação ocorre nas verificações do ouvinte e seguem uma condição similar, mas de forma mais sutil. Ao perguntar “Você está me acompanhando?”, o paciente demonstra a sua preocupação em ser compreendido e, conseqüentemente, uma tentativa de despistar o analista das suas associações.

Tantas pistas para o fato de que o paciente abandona o pensamento associativo que lhe permitiria se perder em suas palavras, que tem a sensação de que está apresentando algo a seu analista, e que este deve responder-lhe ou adotar uma atitude particular em relação ao

que ele tenta dizer. Em suma, se nos referirmos à oposição estabelecida por André Green entre “transferência sobre o objeto” e “transferência sobre a palavra”, temos a marca de uma transferência exclusiva sobre o objeto: o paciente atribui ao analista um lugar transferencial, e a relação torna-se tensa (Boileau, 2013, online, *tradução nossa*).

Para o psicanalista, o paciente, ao retomar sua presença, impede o fluxo intersíquico dos próprios pensamentos e se dirige ao outro apenas num ato de pedido (de algo). Nem paciente, nem psicanalista o ouvem falar, mas esse tipo de ato de fala ainda contém uma significação. Nos casos de verificação do ouvinte, citados pelo autor, o paciente tenta inverter a relação da análise por não dominá-la, fazendo um “jogo enigmático e significativo, onde este corre constantemente o risco de se extraviar” (Boileau, 2013, online, *tradução nossa*). Essa atuação significa por seu próprio ato de fala desconexo das palavras primitivas.

Ao psicanalista resta a dificuldade de intervir sobre a palavra secundária sem contra-atacar. Ele precisa lidar com o tédio e a culpa, frutos do rompimento do pacto inicial da análise, ao ouvir a situação neurótica que insiste em se repetir na descrição do cotidiano. À fala cotidiana e que não desperta grandes emoções, o autor dá o nome de compulsiva.

Boileau cita o caso de Emma⁴⁶, que questiona o tédio de seu relacionamento com Charles, cuja conversa “era plana como uma calçada, e as ideias de todo mundo nela desfilavam com trajés ordinários, sem excitar com emoção, riso ou devaneio” (Flaubert *apud* Boileau, 2013, online)⁴⁷; a palavra de Charles é compulsiva ao olhar de Emma. Além disso, a personagem julga Charles por não ser o seu conceito de “homem” (alguém que teria múltiplas habilidades, que a ensinaria sobre a vida e a iniciaria nas “energias da paixão”). Ela o julga a partir das suas emoções: “[Charles] Achava que era feliz; e ela o detestava por aquela calma tão assentada, por aquele peso sereno, pela própria alegria que ela lhe dava” (*idem*).

⁴⁶ Devemos informar ao leitor que o caso ao qual Boileau se refere é o da história de Madame Bovary, romance de Gustave Flaubert, cujo enredo, aqui vulgarmente sintetizado, gira em torno de uma personagem (Emma) entediada por seu casamento, que não corresponde ao ideal romântico dos livros que ela lê. Esta obra é considerada marco do rompimento da literatura romântica e inaugura o período realista.

⁴⁷ FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Porto Alegre: L&M Pocket, 2009. p. 49.

O analista, no entanto, não pode trabalhar a partir da transferência (como a de Emma), pois “corremos o risco de não lhe dar [ao paciente] a melhor chance de redescobrir o gosto pelas palavras primitivas” (Boileau, 2013, online, *tradução nossa*). Sendo assim, o exemplo de Madame Bovary, segundo Boileau, propõe ao analista examinar a fala compulsiva como parte do próprio processo analítico. É preciso considerar que uma história cotidiana pode ser um contra investimento, uma tentativa do paciente em afastar seu excesso de devaneios — assim como o excesso de fantasia. Boileau observa que é comum, na lida com pacientes psicóticos adultos, encontrar situações em que um discurso banal sobre o tempo desencadeia delírios ainda inéditos à análise. Surge, então, a necessidade de considerar as falas do cotidiano com importância, só assim será possível que “uma palavra consiga se desvencilhar da ancoragem do cotidiano” (Boileau, 2013, online, *tradução nossa*).

O psicanalista cita o caso de uma paciente que passou toda sua vida sem muito contato com o pai, é uma paciente regular, possui traços de grande organização e uma fala bastante apegada ao cotidiano em suas sessões. Em um relato sobre o aniversário de sua sobrinha e sobre o fato de a sobrinha não ter falado nada sobre o presente que lhe deu, a paciente fala: “Mas é curioso, minha sobrinha não me vê”. Tal frase chamou atenção de Boileau, pois a palavra lhe chegou aos ouvidos com valor oposto:

Depois disso, vou perceber que Marie me trata como sua sobrinha pode tê-la tratado. Ela me conta coisas, mas sem me ver. No momento, eu sinto, não verbalizo para mim mesmo. É por meio de uma associação com uma situação invertida que meço o mal-estar contratransferencial do qual sou sede: de fato, me pego pensando, não sem culpa, que me aconteceu uma vez, durante essa longa análise, esquecer uma sessão que Marie me pediu para transferir. Eu havia aceitado o deslocamento, pelo menos poderia ter pensado assim, não fosse a ação contratransferencial que me fez esquecê-lo. [...] E de repente, hoje, essa ausência volta para mim, aí, de repente (Boileau, 2013, online, *tradução nossa*).

Sem dúvidas o psicanalista despertou para a questão da ausência no relato cotidiano pelo do seu próprio processamento da culpa, mas, a partir disso, pôde intervir na análise e discutir com a própria paciente como ela “pode ter de usar a fala para manter o outro à distância” (Boileau, 2013, online, *tradução nossa*). A palavra

que ressoou para Boileau representa sua a contratransferência: “o que Marie diz me faz sentir a sensação de alucinação negativa a que ela foi submetida por sua sobrinha, por mim e pela sua mãe” (Boileau, 2013, online, *tradução nossa*).

Seu ponto, aqui, é que, assim como Emma Bovary, Marie relata uma situação a partir de uma impressão [“Ela não me vê”]; dessa forma, o psicanalista considera que o sujeito da enunciação se apaga na expressão de um sentimento (o mesmo sentimento que fisga a escuta do analista). Ele cita outros momentos da sessão dessa mesma paciente em que consegue intervir nos relatos cotidianos ao captar palavras primitivas mascaradas na fala compulsiva, e direcionar perguntas à paciente; levando-a a formular suas próprias associações.

[nos casos do discurso cotidiano⁴⁸] o paciente tenta uma recolha destinada a contrariar qualquer risco de erosão provocado no dito pela emergência dos filhos do inconsciente. Mas, por outro lado, em virtude dessa impotência exaustiva, convoca o além das palavras na escuta do outro, convocando, assim, os recursos primitivos do pensamento do analista. Assim, neste último, os “sentidos opostos” do discurso inicial são sustentados e desdobrados. Porém, para que tal movimento ocorra, o analista deve ter conseguido renunciar a um discurso que explicitamente disporia de sua própria associatividade. E (ou?) que ele saiba perceber na violência paradoxal de seus movimentos contratransferenciais o índice do vigor desses “significados opostos” dos quais o discurso do paciente permanece portador (Boileau, 2013, online, *tradução nossa*).

É dessa forma que Boileau ilustra o funcionamento dos sentidos opostos das palavras primitivas na psicanálise. Assim, podemos observar que a palavra primitiva em Freud não é a mesma em Abel e em Benveniste, é simplesmente aquilo que se pode ouvir psicanaliticamente além do que é dito pelo paciente (seu inconsciente), e que está atrelado à manifestação da sua neurose até nas suas falas secundárias (conscientes ou pré-conscientes). Para Boileau, o conteúdo das sessões, mesmo quando não é explícito (como no caso de Marie), sempre permite alguma associação a partir da palavra primitiva.

⁴⁸ O “discurso cotidiano” do qual estamos falando é aquele no qual o paciente, durante sua terapia, insiste em falar de questões rotineiras sem se aprofundar em suas emoções; é utilizado como uma estratégia para “fugir” de análises mais complexas.

2.4 — Uma interpretação puramente psicanalítica

Dentre as várias obras de Charles Melman⁴⁹ sobre psicanálise, recortamos o capítulo intitulado “O sentido antitético das palavras primitivas: sobre a ironia”, do livro *Estrutura lacaniana das psicoses*, para abordar nesta dissertação. Sua temática, como o nome já diz, é o sentido antitético das palavras opostas, entendido tanto pela psicanálise quanto pela linguística, com um adendo sobre o uso do tom irônico na fala (causador de interpretações opostas).

No referido texto, Melman considera que Benveniste, ao falar sobre o artigo freudiano, tenta provar a inutilidade do trabalho de Freud ao retomar Abel (do ponto de vista linguístico e científico). De forma visivelmente ofendida, Melman retoma os exemplos que Benveniste considera equivocados na pesquisa de Abel, como as relações feitas a partir da palavra *sacer*⁵⁰ ou da palavra *clam*⁵¹ por suas aproximações puramente fonéticas. Então Melman nos pergunta com certa mágoa: “e, afinal, por que iríamos nós, os psicanalistas, evidentemente sem nenhuma objetividade científica, nos interrogar sobre o modo pelo qual uma língua soube jogar com essas aproximações fonéticas?” (Melman, 1991, p. 121) e nos responde dizendo que essas aproximações das quais os linguistas se distanciam são figuras da linguagem ou da retórica, as antíteses, que ele, Melman, encontrara num dicionário de poética sob o título de “Ironia”. Isso o deixa ainda mais indignado, pois o faz pensar que os linguistas classificam, mas não esclarecem os acontecimentos da língua.

O texto de Melman começa com alguns exemplos de expressões do francês que possuem significados opostos aos que teriam em seus sentidos literais, por exemplo: “*C’est du propre!*” [Está limpo!]⁵² é utilizada para dizer que algo é

⁴⁹ Recentemente falecido (em 2022), o francês Charles Melman foi psicanalista e escritor, além de um grande apreciador dos trabalhos de Lacan e de Freud. Fundador e professor da Associação Lacaniana Internacional, usou a psicanálise para pensar a sociedade contemporânea.

⁵⁰ “[...] na Idade Média, um rei e um leproso eram ambos, ao pé da letra, “intocáveis”, mas isso não quer dizer que *sacer* encerre dois sentidos contraditórios; foram as condições da cultura que determinaram, em face do objeto “sagrado”, as duas atitudes opostas [“maldito”].” (Benveniste, 1956, p. 87).

⁵¹ “Da mesma forma em latim *clam*, “secretamente”, liga-se a *celare*, “esconder”, mas de modo nenhum a *clamare*, etc. (Benveniste, 1956, p. 87).

⁵² Em francês, segundo uma nota do tradutor, a preposição “de” nas expressões escolhidas por Melman são expletivas e indicam uma relação de pertinência (Melman, 1991, p. 119).

indecente, imoral. Em nota, o tradutor explica que essas expressões do francês seriam equivalentes ao tom de ironia do português, que não altera a estrutura formal da frase. Melman considera que essas antíteses seriam categorias psicológicas que servem aos linguistas, e as atribui à condição de recalque. E, discorrendo sobre elas, retoma a sua indignação com os linguistas que, ao que parece, Melman considera precisarem do apoio da psicanálise. Ele diz que

os linguistas não têm nenhuma reserva com relação à determinação que me leva a escolher esse ou aquele sentido, eles nada dizem com relação ao que é que decide essa opção, mas também nada nos dizem sobre o mecanismo linguístico em causa (Melman, 1991, p. 121).

Assim, Melman visa analisar, na linguagem não primitiva, o sentido oposto das palavras. Para ele, devemos considerar, ao aceitar tais antíteses na formação de sentidos opostos, que, embora interfiram descritivamente, não indicam uma opção a escolher, tampouco escolhem o sentido que lhes convém.

A partir do exemplo de “*C’est du propre!*”, Melman diz que “há uma palavra que foi varrida para baixo do tapete” (Melman, 1991, p. 122) por representar um excesso; a desagradabilidade dessa palavra é tanta que não se pode figurá-la, por isso a “varremos” como uma sujeira. O autor não poderia ter escolhido melhor expressão para metaforizar a ausência que encontra na frase, a qual chama de “recalque”: “e quando ela jaz debaixo do tapete, é ela que constitui o referente. É ela cujo peso, enquanto recalcado, dará seu sentido à palavra que surge em seu lugar” (Melman, 1991, p. 122).

O escritor quer entender como um significante “escondido” numa frase pode ser representado pelo seu oposto. Ele relaciona esse movimento ao distanciamento de significado do termo utilizado ao do termo recalcado; seria essa distância gritante entre significados que uniria um termo ao seu antônimo. Mas essa distância talvez não fosse suficiente para, na escuta, compreendermos o sentido escolhido na frase. Ele, então, pensa nos efeitos do uso da negação em alguns termos da língua, que funcionariam como a *Verneinung* da psicanálise — processo de revelação, de tomada de conhecimento do recalque. Embora perceba que a aplicação da negativa nas expressões — como “*C’est du propre!*” para “*Ce n’est pas sale!*”⁵³ — não nos fornece o mesmo efeito de ironia, ele considera que o *Verneinung* pode guiá-lo em

⁵³ Na tradução “Não está sujo”.

relação a uma resposta para suas questões. Com isso, o autor se sente autorizado a relacionar a compreensão dos opostos ao uso de metáforas.

É o que lemos nesse trabalho [de Henri Morier] da metáfora que eu evocava há pouco, a presença do sujeito da enunciação. Ou seja, se eu digo diante do objeto X “c'est sale!”, diante de uma situação “c'est sale!” — vemo-nos diante de um enunciado cuja enunciação é bastante discreta. Por outro lado, se digo “c'est du propre!”, fica evidente que a fórmula, a metáfora, traz incluído consigo o que se refere ao sujeito da enunciação (Melman, 1991, p. 123).

No entanto, ele não se satisfaz apenas com essa perspectiva. Para Melman, necessitamos também analisar o par *propre/sale* [sujo/limpo] também na sua aproximação metonímica. Seria possível considerar esses dois termos dispostos como “vizinhos no registro dos termos suscetíveis de qualificar essa coisa” (Melman, 1991, p. 123). A relação de vizinhança os tornaria, então, metonímicos por serem qualificativos opostos, pertencentes, neste caso, à ideia de “higiene”.

[...] é como se houvesse um círculo e dois termos opostos que viriam a dividi-lo. Pode-se conceber que sua presença virtual esteja exatamente aí, sob a forma desses dois termos opostos, mas que esvaziam o círculo dos qualificativos concernentes à, eu o digo entre aspas, ‘higiene’ da coisa. Como esses dois termos acham-se numa disposição de contiguidade, podemos, a partir daí, compreender como, por evocar um dos termos, simultaneamente faço ouvir a outra metade do círculo. Quero dizer, eu virtualizo ao mesmo tempo, pela exaustão de um dos termos, o outro, fazendo-o vibrar simultaneamente (Melman, 1991, p. 123).

O autor convida a pensar a relação de oposição dos termos não primitivos pelo viés lógico-positivista, ou seja, pensar os pares de oposição como um “esgotamento” da categoria do objeto. Ele nos traz, então, outro funcionamento da negação, não como forma de oposição, mas de uma nova proposição de significado. Não podemos dizer, por exemplo, que “não-homem” é o antônimo de “mulher”, pois “‘não-homem’ é uma categoria que não inclui somente a das mulheres; este processo não fecha o círculo de qualitativos que envolvem os termos. Assim, o pensamento sobre os opostos passa a ser classificado de circulado, não mais circular, “pois ele vem a abolir a dimensão do Grande Outro” (Melman, 1991, p. 124).

A partir do momento em que se funcione com os qualificativos reunidos num círculo e a possibilidade de esvaziar tudo o que não se encontra do lado

positivo pelo signo da negação, ao mesmo tempo se abole radicalmente a categoria do Outro. Ou seja, supõe-se que se domine e explore com esse signo da negação tudo o que não advém da categoria do positivo (Melman, 1991, p. 124).

Ao evidenciar a existência de sentidos opostos na “língua”, Melman questiona a resistência dos linguistas em tratar dessas oposições. O questionamento do autor aparece, por vezes, direcionado ao texto benvenistiano, como no trecho: “chegar até a dizer, como o faz Benveniste, que uma língua que funcionasse de acordo com esses princípios — onde a mesma palavra pudesse ter significações opostas — não seria possível, visto que ela não preencheria seu requisito de língua” (Melman, 1991, p. 125). Ele segue suas indagações com a premissa de “averiguar se é verdadeiro que na língua funciona essa metáfora que substitui, por exemplo, limpo por sórdido, belo por feio...”, em que parece não compreender a distinção entre língua (sistema) e enunciação (língua posta em ação) da teoria benvenistiana.

No final de seu texto, Melman diz que “devemos considerar que esse modo de *deciframento* é adequado não apenas à análise do sonho, mas também com relação a tudo que o *analista* possa ouvir no discurso de seu *analisante*” (Melman, 1991, p. 128, grifo nosso). Grifamos a palavra “deciframento” para lembrar que se trata de um deciframento psicanalítico, e, com todo o valor que possa ter na sua análise, nada diz sobre o funcionamento da língua enquanto sistema. Também grifamos “analista” e “analisante” para legitimar Benveniste, que afirmou, inclusive citando Lacan, que a linguagem da psicanálise não é idêntica à linguagem fora dela. Precisamos compartilhar, neste ponto, “o rude pensamento de um linguista” que havíamos evitado até aqui: se Melman compreendesse a língua enquanto sistema e sua diferença de uma língua posta em funcionamento, teria escrito apenas a metade de seu capítulo que diz respeito à psicanálise.

Dito isso, voltemos ao funcionamento da linguagem *psicanalítica* sobre a qual Melman discorre, a qual intitula “metáfora extrema”. Primeiramente, relembramos que essa metáfora é do pensamento de termos opostos sob a perspectiva de significados recalcados pertencentes à mesma categoria qualificativa (circular). Sobre ela, o próprio escritor admite que os psicanalistas podem se permitir conclusões atípicas, como considerar que “o significante ‘homem’ só se sustentaria do referente ‘mulher’, o qual seria então varrido para baixo do tapete, seria

recalcado, e que o mesmo se passaria com relação ao significante ‘mulher’” (Melman, 1991, p. 125). Esse processo seria, para Melman, natural na significação da língua, e o excesso do seu qualitativo causaria o efeito de oposição em expressões como “*Quel homme!*” [“Mas que homem!”], que exibe uma nuance de feminilidade, ou “*Cette femme*” [“Que mulher!”], que adiciona masculinidade à figura da mulher. Essa ambiguidade da qual a língua participa ressalta questões inconscientes sobre a virilidade que causam esse aspecto de dissimulação; para o autor, há um curioso jogo inconsciente que sustenta a virilidade a partir de um imaginário variável, a partir da “porção do gozo que foi abandonada”. A existência do conceito de “homem” se afirma nessa sua parte abandonada, e depende do seu reconhecimento (ou não) pela mulher.

É bem ao redor desse mecanismo a que chamamos de “a famosa bissexualidade constitutiva do fala-ser” que ela se articula, pois a virilidade não se afirma senão a partir de uma parte de gozo ao qual ela renunciou. E a feminilidade, como sabemos, se caracteriza por essa porção de gozo à qual uma mulher não se resigna a renunciar, pois o gozo masculino parece mais evidente e mais seguro, sem dúvida, visto que funciona mais no registro do visível (Melman, 1991, p. 125).

Melman justifica a escolha de seus exemplos por “Mas que limpeza!”, “Mas que beleza!”, “Mas que inteligência!” pelo recalque dos termos “sujo”, “feio” e “estúpido”. Ele considera que a significância dessas expressões é evocada pelos significantes que as negam. Todos esses termos são considerados suprimidos pela categoria de belo porque é esta categoria que dificulta a colocação do sujeito em sua posição sexual, ou seja, o falo. “É porque há gozo fálico que não há *rappor*t sexual” (Melman, 1991, p. 227), ou seja, por haver um significante que evoca aquilo que está além do que é dito, não há desejo ao falo, sua função está em evocar e produzir isso que está “mais-além”. No entanto, há uma celebração ao objeto e “o fazer ouvir tudo o que constitui a infelicidade, o mau encontro, introduzidos por esse objeto” (Melman, 1991, p. 226).

A categoria do belo em particular tenta obliterar esse falo, e é sem dúvida porque, nessa tentativa de obliteração, Lacan havia dito que a beleza era o recurso último contra a morte. Quero dizer que se a beleza fosse inteiramente bem-sucedida, se se tratasse da beleza perfeita, da beleza plena, ela só poderia ser vista através de um clarão que a tornasse

instantaneamente mortal para aquele que viesse a descobri-la, pois seria completa a ponto de que aquilo que a fomenta, a suscita, a atormenta, e que é a própria Vida com esse objeto, seria totalmente abolido por ela (Melman, 1991, p. 227).

Melman considera, a partir da sua análise sobre a categoria de belo, que não há uma categoria que tenha êxito na supressão do falo, ou seja, em todas as categorias há, segundo ele, alguma possibilidade de sentido oposto da palavra. Se alguma categoria permitisse sua realização sem a supressão do falo, poderíamos, talvez, falar da inexistência de sentidos opostos.

Para poder chegar ao termo desse malefício que faz com que cada uma de nossas palavras carregue consigo o seu sentido oposto, antinômico, mas que nos mantém para sempre à distância de toda realização do ser, talvez pudéssemos nos perguntar se o sublime não seria esse momento em que o ser, de alguma forma, estaria a ponto de se realizar, no momento mesmo em que ele não poderia senão desaparecer para sempre, desaparecer justamente no sacrifício ou na morte (Melman, 1991, p. 227).

2.5 — A aceitação da ambiguidade

Em uma coletânea de textos reunidos⁵⁴ de Dominique Ducard⁵⁵, há um trabalho de título “Sentido oposto, ambivalência, complementaridade: notas de leitura de um estudo semiolinguístico de *abandon*” (2013), que disserta justamente sobre a temática desta dissertação. Inclusive, Ducard começa seu artigo apresentando os trabalhos de Milner e de Arrivé que citamos nos subcapítulos “2.1 — Uma análise pertinente da questão” e “2.2 — O apego à origem e a indistinção dos significados” e introduz a teoria de Culioli ao debate das ambivalências linguísticas. Não somos tão adeptos da redundância a ponto de lembrarmos o leitor daquilo que ele acabou de ler, aqui mesmo, no nosso Capítulo 2; portanto,

⁵⁴ Nos referimos aqui ao livro *Enunciação e atividade da linguagem* (2013), organizado por Heloísa Monteiro Rosário, Marlene Teixeira e Valdir do Nascimento Flores, que reúne alguns textos de Dominique Ducard sobre enunciação.

⁵⁵ Dominique Ducard é um linguista e professor universitário francês que pesquisa as atividades de representação e de interpretação no exercício da fala e do discurso com diferentes enfoques linguísticos (enunciação, discurso, argumentação etc.).

apresentaremos o texto de Ducard a partir do subtítulo “O domínio da noção”, evitando as primeiras duas partes, “Uma história de ‘duplo sentido antitético’” e “A delimitação do sentido”, que falam respectivamente dos trabalhos de Arrivé e de Milner.

A teoria de Culioli é atrelada à temática da antítese proposta por Freud e posteriormente refutada por Benveniste sob o argumento milneriano de aceitação de um termo em posição limitadora entre dois significados. Ducard nos lembra de um exemplo usado por Milner: o termo *(dé)pister* [(des)pistar], onde a ideia de “pista” pode representar tanto aquele que segue um rastro — ou seja, que visa reduzir os obstáculos entre um ponto e outro — quanto aquele que evita deixar um rastro — ou seja, que visa aumentar os obstáculos entre um ponto e outro. Ao pensar no termo *despistar*, podemos, então, considerar um conjunto de ideias delimitadas pelos pontos “ter uma pista” e “não ter uma pista” posto num sistema de representação, a depender da experiência e da prática linguística. Essa proposta não se distingue muito da proposta de Abel, e mais, é a base da teoria de Culioli, que concebe a enunciação como uma atividade significativa da linguagem sob uma abordagem antropológica e cultural.

Ducard apresenta, então, a definição de linguística segundo Culioli: “o estudo da linguagem através da diversidade das línguas, dos textos e das situações” (Ducard, 2013, p. 103), e afirma que essa vertente linguística se propõe a compreender a atividade significativa da linguagem na sua forma simbólica, fônica ou gráfica de representação. Culioli divide a representação em três níveis: as de ordem nocional, as de ordem linguística e o sistema de representação metalinguística (esta última, de função do linguista, que descreve os fenômenos observáveis nos diversos usos da linguagem).

Nesse texto, Ducard se agarra ao conceito de representação de ordem nocional de Culioli para defender a possibilidade de ambivalência linguística à qual Benveniste renuncia. Considera-se, então, o nível nocional como uma representação mental dos sujeitos nativos de uma língua, em que os fatores cognitivos, afetivos e culturais da linguagem se integram ao sistema metalinguístico.

As operações primitivas de um domínio nocional são aquelas que fazem com que, a partir da observação de fenômenos e de procedimentos de abstração, reagrupemos ocorrências de acontecimentos ou de objetos em

um domínio — uma classe de ocorrências — centrada em torno de um “centro organizador” ou “centro atrator”. A partir, portanto, das propriedades e dos valores atribuídos a um objeto, o sujeito enunciativo pode conduzir este a um valor prototípico, um modelo, avaliar seu grau de conformidade com o centro, delimitar um espaço topológico de avaliação da fronteira e com um gradiente para se orientar nesse espaço (DUCARD, 2013, p. 104).

De certa forma, o que Ducard defende a partir da teoria de Culioli é que o sujeito falante tem uma margem de escolhas interpretativas para um termo linguístico dentro duma linha de possibilidades de significados (valores) aceitos pela comunidade falante da sua língua. Essa habilidade interpretativa da língua implica que o sujeito compreenda todos os âmbitos de uma *noção* para delimitar suas possibilidades, ou seja, um domínio nocional só se constrói se houver compreensão daquilo que está dentro e fora dele (entre exatamente P e exatamente não P). Por exemplo, a noção de “ser presidente” pode ser delimitada na atividade de linguagem a partir de diferentes marcadores, tais como “ele é presidente, no máximo”, “ele é presidente, nada mais”, “ele é presidente, nem mais, nem menos”, “ele não é presidente de fato”, etc.

O conceito de *marcadores* corresponde ao nível 2 de representação, ou seja, às representações linguísticas, e materializa textualmente as representações do nível 1 (*noções*) na atividade enunciativa; os *marcadores*, então, mediam a relação entre aquilo que não é perceptível nas operações mentais (nível 1) e aquilo que é perceptível (nível 2). As palavras são, segundo Culioli, “espécies de *captadores* do ponto de vista da significação” (Ducard, 2013, p. 105). Dessa forma, o linguista considera haver flutuação e imprecisão nos significados.

Inspirado pela palavra *abandon* [abandono], Ducard analisa a ambivalência que ele considera própria do mundo pré-linguístico. Essa palavra possui, segundo ele, significados múltiplos e contraditórios — por exemplo, “se uma mulher se aconchega no colo de seu amante com *abandon* [naturalidade], ela não poderia ser vista como uma mulher à *l’abandon* [ao abandono]” (Ducard, 2013, p. 106), pois há uma distinção entre quem abandona e quem é abandonado “na medida em que um ou outro é um ser vivo para quem se atribui intenções, sentimentos e afetos ou ainda um objeto material, ambos podendo ser da primeira categoria, não da segunda” (Ducard, 2013, p. 106). Além disso, o francês permite ao verbo *abandon* a conotação

de entregar-se [*s'abandonner*] e isso não o torna uma palavra antitética, apenas “indica que o domínio nocional que recobre esse verbo pode ter dois codomínios de orientação inversa, segundo uma propriedade de ordem afetiva” (Ducard, 2013, p. 106).

Além disso, o verbo *abandon* pode se referir a objetos, seres animados, atividades ou processos deixados de lado (ex.: deixar um livro no ônibus, abandonar o emprego, abandonar um cão na estrada, abandonar a família, abandonar um esporte, abandonar o vício, etc.), mas sempre implica o envolvimento de um sujeito. Essa característica do verbo *abandon* e de tantos outros é o que Culioli considera um “termo”, ou seja, um sinal de que há parada ou interrupção.

O termo *abandon*, portanto, seria um marcador distinguível pela concepção do sujeito no espaço-tempo, pois o sujeito se posiciona e se desloca entre as posições de agente e/ou observador da situação. Nos casos em que o sujeito se posiciona como ator de movimento desse verbo, seu envolvimento é indispensável. Isso se mostra diferente nos casos em que o sujeito está em posição de observador, na qual, além de surgir como consequência do ato, torna-se, em termos de noção do verbo, transitório àquele objeto. Por situar-se no espaço-tempo dos acontecimentos, o sujeito observador de *abandon* implica que a situação de abandono pode possuir uma continuidade além do sujeito — por exemplo, um livro abandonado num ônibus pode ser encontrado por outro sujeito e, assim, a situação será assumida por um outro sujeito. Quer dizer que “no ato de *abandon*, o sujeito se desprende da sua relação com o objeto (aqui no sentido abstrato), situando-se fora do espaço-tempo dos acontecimentos em sua relação com esse objeto” (Ducard, 2013, p. 108). Há uma distinção entre a relação do sujeito com o objeto e a relação entre o texto, o objeto e o sujeito; a forma sistemática da noção se dá, então, no cruzamento dessas duas formas de ação do sujeito sobre o termo.

Nosso pensamento consciente e refletido nos permite representar a vida bio-fisicopsíquica por uma divisão e uma separação em componentes ou instâncias. É por isso que posso dizer que a coragem me abandona, na medida em que o objeto é da ordem da interioridade e que o sujeito é, por desdobramento, ativo-passivo. [...] Conviria, naturalmente, passar em revista os predicados subjetivos compatíveis ou não com o operador *abandonner*, levando em conta o lugar ocupado na relação predicativa e a determinação nominal. No entanto, podemos admitir a introdução de uma

força atuante em uma relação agente-agido com um sujeito ativo-passivo (Ducard, 2013, p. 109-110).

Existem muitas situações nas quais os estados subjetivos possuem o sujeito como centro da mudança de disposição interna. Conseguimos notar essa transição nos verbos reflexivos ou nas formas preposicionadas sem que esses usos modifiquem o sistema ao qual pertencem, mas alterando suas possibilidades interpretativas. Numa investigação etimológica, Ducard também não parece encontrar significados tão imóveis para o termo *abandon*, ele cita o *Dictionnaire de la langue française* (Littré, 1968) que depreende a origem de *abandon* do francês antigo à *bandon*, cujo significado seria de autorização/permissão, correspondente à forma *bandon* do latim vulgar. Já o dicionário *Le Robert* (Rey, 1992) conta que a palavra foi identificada no século XII e que se desenvolve a partir do termo *mettre à bandon* [colocar ao poder de], com a proposta de “renunciar a algo para pô-lo em poder de alguém”, mas que, no uso ativo, o significado sofreu variações como “deixar ir ao banimento”, “permitir dar liberdade”, “colocar a disposição de todos”, “deixar a quem quiser pegá-lo”. Barthes (2002) também é citado na análise de Ducard, pois, em uma de suas aulas, ele chega à questão do abandono a partir da origem do termo grego *akèdia* (prostração), contrário aos termos *akèdéô* (não se preocupar com), *akèdéstos* (abandonado), *akèdes* (negligenciado). Barthes diz que, ao olhar para esses termos, é necessário observar a permutação do ativo e do passivo: tanto *abandonar* (ativo) quanto *ser abandonado* (passivo) pertencem à lógica do afeto.

Embora essas reconstituições históricas sejam arriscadas, as investigações etimológicas devem ser consideradas, pois, segundo Ducard, “o discurso científico ou filosófico, na mesma medida que o texto literário ou discurso comum, pode ser considerado um tipo de glosa cuja interpretação nos ajuda a compreender a atividade significativa da linguagem” (Ducard, 2013, p. 113). Dessa forma, deveríamos considerar diferentes contextos (como o da Idade Média ou dos monges budistas) para estudar as possíveis variações linguísticas e culturais envolvidas num único termo para, então, distinguir o que seria, de fato, uma invariante antropológica.

Notamos em Ducard um esforço em validar a possibilidade de ambiguidade das palavras a partir das concepções individuais e culturais dos enunciadores, com vista a refutar a visão de significado benvenistiana exposta na argumentação sobre o

trabalho de Freud. Benveniste, como já fora falado, possuía a concepção de signo como um significante fixo a um significado, idêntico ao signo saussuriano; Culioli, embora beba da fonte enunciativa de Benveniste, propõe que esse significado seja fluido e passível de interpretação. A diferença entre esses dois autores é bastante significativa à psicanálise: o próprio Lacan, ao estudar linguística, impõe uma crucial distinção ao signo lacaniano — o seu desprendimento do significado. Assim, na flutuação dos significados apropriados ao significante, se dão as falas disfuncionais da loucura. Não confundamos, porém, os limites entre a psicanálise e a linguística, a fluidez do significante de Culioli nos serve para refutar a rigidez do artigo de Benveniste, mas ainda está ligada ao sistema linguístico. Somente encontramos a compreensão entre os sujeitos falantes na flutuação das interpretações aceitas socioculturalmente, não nas falas disfuncionais. [Re]citamos a citação que Ducard faz de Pascal Quignard, pois, além de linda, diz muito sobre a relação entre o artigo de Benveniste e o de Freud: “Nada na linguagem está isento da relação que se opõe a ela mesma e que é linguagem” (Ducard, 2013, p. 114).

2.6 — O inconsciente linguístico

Traremos nesse subcapítulo, a análise de Chloé Laplantine⁵⁶ sobre a relação entre Benveniste e Freud, a qual é parte da sua tese de doutorado de título “Émile Benveniste: l'inconscient et le poème” (2011). A tese toda disserta sobre o estudo benvenistiano de Baudelaire e como ele possibilitou a própria condição da poética a partir da diferenciação entre discurso e sujeito do discurso. A linguista explica que a “metassemântica” proposta por Benveniste possibilita a descoberta do ponto de vista, pois toca tanto o significado dos signos quanto o significado da enunciação. Ou seja, interpretar a linguagem sob intervenção do discurso possibilita compreender o funcionamento da linguagem em outros sistemas.

Para Laplantine, Benveniste possui uma noção de inconsciente baseada em linguistas como Saussure e Bréal, que veem o inconsciente como uma dimensão da linguagem, como uma intenção do discurso. Portanto, não há, na teoria enunciativa

⁵⁶ Chloé Laplantine é doutora em língua e literatura francesa pela Universidade de Paris VIII.

desse autor, uma concepção de inconsciente psicanalítico, pois o inconsciente em Benveniste está associado à noção de *motivação* na linguagem. Seguindo a lógica saussuriana, Benveniste procura, na poética de Baudelaire, as relações motivacionais que permitem suas significações fora dos limites da gramática. Não à toa, ele sugere a Freud (no artigo objeto de nosso estudo) que os psicanalistas busquem as questões de linguagem no estudo do estilo antes de se ocuparem com a origem das línguas. Benveniste acredita que é no estilo que se encontram as propriedades de motivação e de intenção que moldam aquilo que temos como sistema comum, a língua.

Ao dizer que o inconsciente em Benveniste é linguístico, tomamos por referência a própria fala do linguista, que frisa a falta de percepção do falante sobre os mecanismos da própria língua: “[...] excetuado o caso de estudo propriamente linguístico, não temos senão uma consciência fraca e fugidia das operações que utilizamos para falar.” (Benveniste, 1995, p. 68). Em Laplantine, encontramos algo parecido com o que articulamos no subcapítulo “1.4 — Benveniste, um linguista do seu tempo” sobre o apego do linguista à teoria saussuriana. Ela nos conta que Benveniste recorre à percepção saussuriana de “sociedade psicológica”: “Essa ‘sociedade psicológica inevitável e profunda’ define um inconsciente linguístico. Faz do discurso a forma dada ao seu pensamento pelo locutor. Dessa sociedade, o sujeito não tem conhecimento e não precisa saber.” (Laplantine, 2011, p. 15, *tradução nossa*). No entanto, sabemos que Benveniste chegou à teoria enunciativa justamente por se diferenciar do trabalho de Saussure; Laplantine considera que foi na linguagem poética que ele pôde questionar e renovar as categorias da análise da linguagem.

Já podemos compreender a complexidade do estudo de Laplantine (2011) sobre o inconsciente na linguagem e sobre o poema na abordagem benvenistiana, mas, para não nos alongarmos, falaremos aqui exclusivamente do capítulo 8, cujo próprio nome justifica o nosso recorte: “Benveniste e Freud”. É, portanto, nesse capítulo que a autora analisa o texto de Benveniste, “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana” (1995).

Ao contextualizar o assunto, Laplantine observa que o que “interessa a Benveniste na psicanálise freudiana é o lugar especial que ela dá à linguagem”, ou

seja, o seu objeto de estudo, que é “aquilo que o sujeito lhe diz” (Benveniste, 1995). Além disso, Benveniste se interessa pelo método psicanalítico, que se diferencia muito de outros métodos científicos⁵⁷. Segundo Laplantine, o linguista considera o método linguístico similar ao psicanalítico, pois ambos necessitam investigar seus objetos de estudo sob um olhar transformador, que consiste na invenção do método. Há, portanto, na linguística e na psicanálise, uma constante necessidade de invenção do método que concebe a linguagem como intérprete da sociedade. Esse seria o pensamento que conduz toda a visão de Benveniste em *Problemas da Linguística Geral*, no qual o termo *problemas* refere-se a essa constante investigação sobre a linguagem como um problema a ser eternamente questionado e reformulado.

Ao analisar o conceito de método no âmbito da linguística benvenistiana, Laplantine considera que:

[...] esse pensamento do método, como descoberta permanente do método, Benveniste encontra na psicanálise. Além disso, talvez fiquemos apenas meio surpresos ao ver que o modo como ele define a linguística é muito próximo do modo como ele fala da psicanálise (Laplantine, 2011, p. 101, *tradução nossa*).

Para Benveniste, a linguística é uma ciência de relações e deduções e, assim como a psicanálise, possui um método voltado às relações motivacionais, que substituem o método causal das demais ciências.

Quando Benveniste fala de “relações” e “deduções” (em oposição aos “fatos” empíricos), quando fala de “relação motivacional” (em oposição a “relações causais”), ele estabelece que a linguagem não é um fato, não é uma substância, mas uma declaração; é o que ele diz de Saussure: A linguística, e é isso que a diferencia de qualquer outra disciplina científica, trata de algo que não é um objeto, não é uma substância, mas que é formado. Se não há nada substancial na linguagem, o que há? Os dados da linguagem só existem por suas diferenças, só valem por suas oposições (Laplantine, 2011, p. 100, *tradução nossa*).

Segundo Laplantine, Benveniste enxerga no discurso uma congruência entre a linguística e a psicanálise, e considera, também, a contínua necessidade de

⁵⁷ Laplantine observa que Benveniste considerava o termo “ciência a partir dos conceitos de ‘método’” e de “abordagem”, e que não costumava falar de ciência. Ela complementa: “Para ele, a linguística é a busca (infinita) de um método” (Laplantine, 2011, p. 100, *tradução nossa*).

questionamento da linguagem, que é justamente o que implica a distinção dos pontos de vista. Se o objeto de estudo da psicanálise é “o que o sujeito lhe diz” (Benveniste, 1995), não importa a ela uma causa, mas sua motivação. Ao mirar o termo *motivação*, Laplantine considera o pensamento de Benveniste indissociável dos conceitos saussurianos de caráter imotivado e motivado dos signos linguísticos.

Quando Saussure classifica o signo linguístico como arbitrário e imotivado, considera o valor do signo dentro do sistema linguístico, mas isso não anula a existência de uma motivação na linguagem em funcionamento, nas suas possibilidades de associação. Saussure chega a falar em motivação ou arbitrariedade relativas, o que infere um problema de relação constituinte do próprio sistema, das relações entre os termos. Para Laplantine, isso significa que Saussure já esboçava a concepção de discurso:

Motivação é discurso. Assim que entramos no discurso, há motivação, funcionamento, uma solidariedade sintagmática e associativa de termos. O conceito de motivação em Saussure constrói o pensamento de uma semântica. Saussure já está aqui postulando que a significação na linguagem não é construída de forma linear, de forma sintática, mas de forma sintagmática e associativa, ou seja, pelas relações semânticas que um discurso possibilita, em sua escuta (Laplantine, 2011, p. 103, *tradução nossa*).

A motivação se torna importante para Benveniste no artigo estudado porque considera que a psicanálise seja sobretudo fruto de uma motivação linguística, pois passa pela linguagem, e podendo ser consciente ou inconsciente, o que é natural da linguagem. O analista não lida com dados precisamente empíricos, mas com uma narrativa; não importa ao analista a realidade por trás dos relatos do paciente, mas a narrativa exposta por ele no momento exato da terapia. Portanto, o analista não lida com fatos, mas com o discurso. Todo o tratamento se dá na escuta do analista, que busca as motivações da fala e reconstrói, junto ao paciente, as narrativas ali expostas. Sobre essa relação entre paciente e analista, Benveniste diz em seu artigo: “a dimensão constitutiva desta biografia é que ela é verbalizada e assim assumida por quem a conta; sua expressão é a da linguagem; a relação do analista com o sujeito, a do diálogo.” (Benveniste, 1995). Laplantine complementa:

A linguagem não é uma substância, não podemos objetificá-la; é uma forma, isto é, uma relação com a forma, uma subjetivação. Pode-se dizer também

um sentimento de linguagem; Benveniste fala aqui da “relação motivacional” que o sujeito constrói em seu discurso. Outra dimensão, aqui essencial, é a dimensão do diálogo que é uma relação propriamente linguística (“a relação do analista com o sujeito, a do diálogo”). O que Benveniste vê é que o analista avança porque há diálogo, porque o analista permite que o paciente se historicize, desloque sua própria escuta (Laplantine, 2011, p. 105, *tradução nossa*).

Benveniste, então, questiona à psicanálise “o que é essa ‘linguagem’ que age tanto quanto expressa? É idêntico ao usado fora da análise?” (Benveniste, 1995, p. 83). Segundo Laplantine, esse é o ponto principal do artigo benvenistiano, pois, ao questionar a singularidade entre os objetos de estudo da psicanálise e da linguística, Benveniste lembra que o inconsciente freudiano é uma outra linguagem, a da estrutura da psique. Ao menos é isso que se pode interpretar de Benveniste quando ele diz que a análise toma o discurso como intermédio de outra linguagem, cujos sistemas, regras, símbolos e sintaxe são próprios da psicanálise.

O que Benveniste vai tornar visível a partir daí, tornando-se, por assim dizer, o analista de Freud, é tudo o que em Freud vai na direção do universal, mas também do arquetípico, do original, do primitivo, e, por outro lado, do estrutural, tudo o que nele se esquece de que a linguagem é o interpretante da vida (Laplantine, 2011, p.106, *tradução nossa*).

A autora aprofunda, então, a distinção entre o inconsciente psicanalítico e o linguístico, pois, ao assumir que a linguagem funciona por processos linguísticos inconscientes, não se pode concluir que o seu funcionamento envolva o inconsciente (psicanalítico); mas também não podemos considerar o pensamento da linguagem distante de uma reflexão sobre o inconsciente. Para a linguista, Benveniste distingue o inconsciente psicanalítico quando utiliza a expressão “no inconsciente” com caráter espacializado, o que, para ela, se opõe à expressão “motivação inconsciente”, cuja referência seria o inconsciente linguístico. Ela também se questiona se, em alguns momentos, Benveniste não estaria considerando o inconsciente psicanalítico (espacializado e objetivado) em um processo do inconsciente construído no e pelo discurso.

Parece então que a expressão “no inconsciente” assume o valor de discurso, o valor de uma atividade, tanto mais que “no” se repete e essa repetição (acentuadora) constrói uma semântica particular. Lemos: “nos discursos que lhe dirige” depois “em seu comportamento locucionário”:

“comportamento” e “discursos” são atividades (e justamente aqui, linguísticas), “em” não tem valor espacializante, é um valor de atividade de linguagem, um valor intersubjetivante, como quando Benveniste diz que o presente não é o tempo em que se está, mas o tempo em que se fala, e que “onde já não define um lugar, mas o presente de uma atividade discursiva” (Laplantine, 2011, p. 106, *tradução nossa*).

A linguista, aqui, acredita que Benveniste desloca a expressão “no inconsciente” do campo psicanalítico para o linguístico, ou seja, o campo da motivação. Quando Benveniste diz que “toda a força anárquica que a linguagem normalizada reprime ou sublima tem sua origem no inconsciente” (1995, p.85), a autora considera que o inconsciente é apresentado como uma força motivacional, pois “no inconsciente” possui um valor semântico dinâmico, não estático. Diferente do que Freud parece buscar na linguagem quando insiste em trazer seu constante retorno às origens também ao campo linguístico.

O que Freud não diz é que a linguagem é o interpretante do sonho. Para ele, existe uma linguagem onírica, com sua sintaxe, suas regras, seus símbolos... Freud carece dessa teoria da linguagem, que o conduz a um imaginário das origens. Benveniste mostra como essa representação leva Freud a projeção a partir do sonho, do inconsciente, ou de onde descobre o “primitivo” [...] (Laplantine, 2011, p. 108, *tradução nossa*).

Freud não se perguntou como o sonho se constitui no discurso, e esta é a grande crítica de Benveniste, pois o linguista considera o inconsciente a partir do seu caráter dinâmico, pelas associações que se amarram no presente, e como “expressão”; o que ele chama de motivações inconscientes, e que vai contra a representação de algo primitivo, estático (Laplantine, 2011, p. 108). Benveniste observa, segundo o artigo freudiano, que os sonhos não manifestam a negação, mas Freud limita a linguagem à questão da negação nos sonhos; a linguagem, no entanto, não se limita a essa oposição. Tal proposta apenas apresenta o psicanalista como um desentendido sobre o universo da linguagem. A mesma crítica Benveniste direciona a Abel, pois, além dos equívocos apontados no trabalho de Abel, estão ambos os autores confundindo a universalidade da linguagem com uma única forma da língua.

Quando dizemos que *altus* significa “profundo” e “alto” ao mesmo tempo, pensamos na tradução, não refletimos sobre o valor do termo *altus* no sistema da língua latina, em um discurso. Essa é a crítica de método que

Benveniste faz aos linguistas no prefácio de seu *Vocabulary of Indo-European Institutions*, onde distingue entre a busca por designação e a busca pelo significado de um vocabulário (ver Laplantine 2008), entre um pensamento de linguagem como nomenclatura (um pensamento realista) e uma abordagem de termos por seu valor (oposição, “vizinhança”) em um sistema (Laplantine, 2011, p. 109-110, *tradução nossa*).

Ademais, os linguistas já não dão tanta importância ao estudo das origens da linguagem desde o trabalho de Saussure, pois o real objeto da linguística é a língua no seu funcionamento cotidiano. Apesar de o pensamento freudiano ir contra o estudo das línguas, pertence às tendências originistas e evolucionistas do período em que viveu. Benveniste percebe o pensamento freudiano das origens caminhar em direção oposta ao processo de escuta analítica justamente por se opor à proposta de lidar com um discurso atual, singular e de realidade transindividual do paciente. Assim, Benveniste considera que, “longe de reproduzir a língua a aparência do sonho, é o sonho que se reduz às categorias da língua” (Benveniste, 1995, p. 90), pois só é interpretado se submetido a uma racionalização linguística.

O mesmo raciocínio Benveniste aplica ao mito na psicanálise, pois considera que os mitos e a poesia têm muito em comum: ambos podem sugerir o mesmo modo de estruturação, “introduzindo nas formas normais da linguagem essa suspensão de sentido que o sonho projeta em nossas atividades”. O linguista considera que Freud não aceitou poder encontrar o que procurava no surrealismo poético:

O que Freud perguntou em vão da linguagem “histórica”, teria podido, em certa medida, perguntar ao mito ou à poesia. Certas formas de poesia podem apresentar-se aos sonhos e sugerir o mesmo modo de estruturação, introduzir nas formas normais da linguagem essa indeterminação do sentido que o sonho projeta nas nossas atividades. Nesse caso, paradoxalmente, é no surrealismo poético — que Freud, no dizer de Breton, não compreendia — que ele teria podido encontrar algo do que procurava a esmo na linguagem organizada (Benveniste, 1995, p. 90).

Sobre a questão do mito e da poesia, Laplantine faz uma bela análise apoiada em outros textos de Benveniste, na qual ela diz que o mito contém relevantes fatores culturais construídos justamente pelo discurso e que, ao ser analisado como discurso, não pode ser pensado como arquétipo da psique. Ela

percebe, em Benveniste, uma complexa desconstrução do mito psicanalítico, onde a interpretação de origem e universalidade do mito perde espaço para questões mais complexas da vida em sociedade. A questão do Édipo, por exemplo, está mais próxima de uma questão de conflito cultural do que propriamente do mito; Benveniste diz que “um Édipo livre de desposar a sua mãe é uma contradição nos termos. E, nesse caso, o que há de nuclear no psiquismo humano é justamente o conflito.” (Benveniste, 1995, p. 90-91). A noção de “origem”, então, perderia seu sentido, pois o sujeito se constitui no conflito a partir do diálogo.

Ainda sobre o mito, há uma perspectiva *culturológica* em Benveniste, onde o linguista considera a forma com que o “mito reinventa a cultura, a língua, a sociedade” (Laplantine, 2011, p. 112, *tradução nossa*). Diferentemente de Freud, Benveniste relaciona o mito à poesia sob a concepção da criação, da invenção que permeia a cultura. Ele considera o surrealismo poético mais eficaz para a compreensão do sonho do que a própria psicanálise, pois, por vezes, a poesia propõe, a partir da linguagem, um suspense sobre o sentido que os sonhos projetam nas atividades cotidianas dos indivíduos. Com base no pensamento de André Breton, o linguista crê na existência e em um esforço do imaginário em se reafirmar.

Se as profundezas de nossa mente escondem forças estranhas capazes de aumentar as da superfície, ou de lutar vitoriosamente contra elas, há todo o interesse em capturá-las, primeiro capturá-las, depois submetê-las, oportunamente, ao controle de nossa razão (Breton, 1979, p. 20 *apud* Laplantine, 2011, p. 112, *tradução nossa*).

Para Laplantine, o termo “supressão de sentido” empregado por Breton aponta para uma espera do dizer em suspensão. Nesse caso, o pensamento e o sentido projetam no sonho a progressão da sua atividade a partir dessa suspensão. Para ela, a relação que Benveniste propõe entre os sonhos e a poética é uma “busca pelo questionamento dos sentidos opostos, que os surrealistas desenvolvem justamente um pensamento da imagem poética procedente da união dos opostos.” (Laplantine, 2011, p. 112, *tradução nossa*); mas não chega a ser uma comparação estrutural, Benveniste apenas compreende que tanto o sonho quanto o surrealismo possuem uma natureza poética e dinâmica, e, conseqüentemente, essa atividade comum de reinvenção da qual falamos acima.

O que diz André Breton quando escreve que “o imaginário é o que tende a tornar-se real” (Breton [1932] 1992: 50), o que diz Tristan Tzara quando fala em “criar uma realidade poética em vez de traduzir em palavras uma imagem dada em outro lugar em um mundo que virtualmente não é o seu” (Tzara in Dessons 2008: 72). O suspense do sentido, onde o pensamento, a espera do sentido, parece definir uma atividade do sonho, como se o sonho questionasse o sentido, deslocando-o, como certos poemas podem questionar uma visão e criar outra (Laplantine, 2011, p. 112, *tradução nossa*).

Voltemos à questão das origens: se Benveniste não vê sentido em buscar respostas à negação na origem da linguagem ou do mito, onde o linguista encontra explicação para a negação? É claro que é no discurso. Na linguística, não é possível negar algo que não foi dito, é por isso que considerar a inexistência de algo implica considerar a sua existência; dessa forma, negar é primeiramente admitir. Negar, para Benveniste, difere de se negar a admitir, pois já contém uma admissão. Ao contrário de Freud, que considera a negação como a repressão não admitida do pensamento.

Ambas as visões de negação se confrontam quando a observamos sob o viés da linguagem (e nisso Laplantine concorda com Benveniste), porque há uma incoerência em Freud ao considerar o sonho a partir da linguagem sem considerar que ele é compartilhado a partir dum relato. Para Benveniste, o sujeito se liberta na linguagem, este é o fator decisivo do processo dos sonhos, em que a negação (por ser antes de tudo uma admissão) constitui o conteúdo negado⁵⁸. Essa é a linguagem que “tanto age quanto expressa”, a linguagem do discurso.

A diferença entre o inconsciente psicanalítico e o linguístico se aprofunda ao assumir que não se pode concluir que o funcionamento linguístico envolva o inconsciente (psicanalítico) apenas porque a linguagem funciona por processos linguísticos inconscientes. Para compreender essa questão, Benveniste propõe uma distinção entre o simbolismo linguístico e o simbolismo do inconsciente, ele diz: “toda a psicanálise se funda sobre uma teoria do símbolo. Ora, a linguagem é apenas simbolismo.” (Benveniste, 1995, p. 92). Esse simbolismo é aprendido ao longo da vida, juntamente à aquisição dos conhecimentos de mundo; a linguagem, seus

⁵⁸ Ao falar sobre o artigo "The Negation in Yuchi" (Benveniste, 1950), Laplantine diz que devemos lembrar que a percepção de negação infere culturalmente uma ideia de repressão, admissão ou rejeição concebida em nossas línguas (alemão, francês, português), mas que essa visão não é necessariamente universal nas línguas.

símbolos e sua sintaxe (aqui consideradas sentimento de linguagem), são indissociáveis das experiências humanas. Dessa forma, o simbolismo linguístico é a atividade do sujeito na linguagem, a narrativa individual das suas experiências, da sua trajetória de vida. Ou seja, a linguagem se constrói pelo diálogo, e é com essa linguagem, com esse caráter aprendido do símbolo, que o analista deve se preocupar.

O simbolismo linguístico é, então, uma configuração particular de língua na qual “a relação dos ‘símbolos’ com as ‘coisas’ é arbitrária” (Laplantine, 2011, p.117, *tradução nossa*), razão pela qual Benveniste considera que o simbolismo linguístico só pode ser observado e não justificado. Diferentemente do simbolismo inconsciente descoberto por Freud, em que há uma universalidade dos símbolos; esse caráter universal só se dá porque seus símbolos não são aprendidos por aqueles que os reproduzem, independentemente do seu idioma. Além do mais, “a relação entre esses símbolos e o que eles relatam pode definir-se pela riqueza dos significantes e pela unicidade do significado, importando isso em que o conteúdo é recalcado e não se liberta a não ser encoberto pelas imagens.” (Benveniste, 1995, p. 92). Opondo-se ao signo linguístico, os múltiplos significantes ligados a um único significado são interligados por uma relação de motivação, mas, para Benveniste, não há lógica na forma como esses tais símbolos inconscientes se encadeiam a não ser na dimensão da sucessão. O linguista diz que o símbolo inconsciente não é uma teoria da linguagem, pois aquilo que Freud associa à linguagem é, na verdade, uma confusão conceitual da “imagística inconsciente” que o próprio Freud associa a representações coletivas presentes tanto nos mitos quanto nos sonhos. Na linguagem, o único conceito de universalidade aceito por Benveniste é o discurso, e é justamente nele que o linguista encontra uma relação com o inconsciente e nele que sugere aos psicanalistas que busquem respostas, nos processos de subjetividade manifestada no discurso, no estilo.

Laplantine cita Lacan e sua perspectiva de signo reconstruída da leitura de Saussure: entendemos que para algo ser reconstruído há de ser rompido antes, talvez esteja aí o grande causador de desconforto da comunidade psicanalítica na leitura de Benveniste. Expliquemos: se na linguística ocorre de um signo possuir um significante e um significado fixos, em Lacan o termo signo rompe o que ele chama de “barreira” para então tornar-se livre do seu significante. A perspectiva lacaniana,

embora inspirada na leitura de Saussure, está apegada à mesma problemática freudiana da linguagem enquanto símbolo; Benveniste, embora tenha suas diferenças, não abre mão do verdadeiro signo saussuriano e da sua importante relação com o conceito de *valor*.

Quando Benveniste escreve que “o conteúdo [dos símbolos] é reprimido, e só se entrega sob a capa das imagens”, parece-me que ele está reunindo e discutindo duas coisas diferentes, a imagem da psicanálise, que é a imagem de outra coisa (um símbolo), e a imagem para Saussure, a imagem acústica ou auditiva, inseparável de um conceito, ligada ao pensamento da motivação, no discurso (Laplantine, 2011, p. 119, *tradução nossa*).

O que Laplantine aponta é que, ao falar sobre os significantes múltiplos ligados a um só significado, Benveniste os considera em uma relação de motivação (não de causa, como ele fala sobre o método psicanalítico no início do artigo). Isso porque o analista trabalha com o que lhe é dito, mas a proposta de Freud (e de Lacan) de flexibilização das relações impostas ao signo e de considerar uma sucessão, como a da cadeia de significantes, estabeleceria uma relação de causalidade. Causalidade e motivação são relações que se opõem; haveria, portanto, uma incoerência na proposta psicanalítica.

O que Benveniste indica aqui é que, sem perceber, Freud reinscreveu a “causalidade” em sua análise. Freud projeta uma representação sintática de sua linguagem; ele pensa por meio de uma gramática de sua língua, “causalidade” e “sucessão”, de lógicas indo-europeias, como pensará as sequências de símbolos em termos de tropos, ou seja, por meio de uma abordagem estilística (Laplantine, 2011, p. 119, *tradução nossa*).

Para a linguista, Benveniste “se opõe à imprevisibilidade de uma atividade do sujeito em sua linguagem, à infinidade de vínculos que ele pode produzir e, onde ela pode ocorrer, à invenção da escuta.” (Laplantine, 2011, p. 120, *tradução nossa*), ele se opõe, portanto, às destoantes interpretações que a psicanálise toma do termo “linguagem”. O que temos por linguagem não é o que Freud associa ao inconsciente; ainda assim, encontramos em Benveniste um inconsciente linguístico que dialoga com Freud. Laplantine nos conta, por exemplo, que tanto nos manuscritos de Benveniste quanto nos de Saussure existem estudos sobre as lendas, mas o interesse de Benveniste nelas “é o modo como a lenda é atualizada, deslocada, num contexto moral e filosófico, do qual ela também necessariamente participa da

invenção.” (Laplantine, 2011, p. 121, *tradução nossa*). Esse é o tipo de relação de inconsciente linguístico que existe para Benveniste.

Na área em que se revela essa simbólica inconsciente, poder-se-ia dizer que ela é ao mesmo tempo infra e supralinguística. Infralinguística, tem sua fonte numa região mais profunda do que aquela em que a educação instala o mecanismo linguístico. Utiliza signos que não se decompõem e que comportam numerosas variantes individuais, elas próprias susceptíveis de crescerem recorrendo ao domínio comum da cultura ou à experiência pessoal. É supralinguístico pelo fato de utilizar signos extremamente condensados que, na linguagem organizada, corresponderiam mais a grandes unidades de discurso do que a unidades mínimas. E entre estes signos estabelece-se uma relação dinâmica de intencionalidade que se reduz a uma constante motivação (a “realização de um desejo recalcado”) e que segue os desvios mais singulares (Benveniste, 1995, p. 93).

Em Benveniste, “infralinguístico” não se refere a algo fora da língua, mas também não é um nível que a análise linguística pode atingir⁵⁹. O infralinguístico do simbolismo inconsciente está envolvido na linguagem e abarca aquilo que “a psicanálise vê como arcaico, inato, universal no homem” (Laplantine, 2011, p. 124, *tradução nossa*), e também abarca a noção de estrutura infraconsciente da psique — ou seja, aquilo que não temos total consciência ainda que não seja inconsciente, e que é condição da linguagem. Segundo Laplantine, o simbolismo do inconsciente da psicanálise é intralinguístico porque usa signos compostos por diversas variantes individuais e que não se decompõem, diferentes dos signos linguísticos, que são invariáveis e passíveis de se decompor em unidades menores. Ao mesmo tempo em que o simbolismo do inconsciente não é linguístico, Laplantine considera que existe um hiato nessa noção, pois o simbolismo é composto por elementos universais que podem ter variantes consequentes das experiências culturais e pessoais de um indivíduo.

Também existe um nível supralinguístico no simbolismo inconsciente, que se distingue na psicanálise, pois alguns signos psicanalíticos se constituem de frases, o que é inconcebível na linguística. Benveniste, portanto, questiona a motivação linguística ao dizer que tais signos estabelecem relações de intencionalidade, pois está tanto na dimensão do discurso quanto na da escuta e do diálogo; para ele,

⁵⁹ Benveniste fala sobre isso em “Os níveis da análise linguística” (1995).

“entre esses signos estabelece-se uma relação dinâmica de intencionalidade que se reduz a uma constante motivação (a ‘realização de um desejo recalçado’).” (Benveniste, 1995, p. 93).

O que Benveniste faz em seu artigo, segundo Laplantine, é mostrar a Freud que sua visão de linguagem é a própria projeção do seu simbolismo inconsciente; o que Freud considera do campo da linguagem está, na verdade, na retórica e no estilo, ou seja, nos mecanismos do discurso. Para ela, Benveniste tanto expõe o inconsciente de Freud sobre sua representação de linguagem quanto o liberta ao colocá-lo como discurso, motivação. Benveniste (1995, p. 93) escreve:

De fato, é no estilo, mais que na língua, que veríamos um termo de comparação com as propriedades que Freud desvendou com sinaléticas da ‘linguagem’ onírica. Ficamos impressionados com as analogias que aqui se esboçam. O inconsciente emprega uma verdadeira ‘retórica’, que, como no estilo, tem suas ‘figuras’, e o velho catálogo dos tropos proporciona um inventário apropriado aos dois registros de expressão.

Laplantine considera que o emprego do termo “comparação” já indica o sucesso da análise benvenistiana, pois Freud não percebe que seu pensamento é uma forma de analogia. A expressão “velho catálogo de tropos” indica, segundo ela, uma forte tradição do pensamento que, inconscientemente, se projeta sobre tudo — teríamos, aqui, o pensamento da semiótica. Benveniste sugere que as figuras estilísticas como sendo trans-históricas, independentes de uma linguagem particular, mas apenas porque a estilística se aproxima mais da pragmática do que da linguística.

Por fim, a autora reforça a insistência de Benveniste no uso de termos como “motivação” e “intencionalidade”, pois, do início ao fim do artigo, é a relação motivacional da linguagem no contexto psicanalítico que o linguista visa mostrar. Para Benveniste, a intenção existente na motivação é o que guia inconscientemente a forma individual com a qual o sujeito manipula a língua (material comum). Essa é a estrutura dinâmica do discurso, e não é por pouco que Benveniste insiste nela.

2.7 — Um olhar sobre a translinguística

Selecionamos Julia Kristeva⁶⁰ para fazer parte do nosso sétimo capítulo porque, no livro *Freud au Collège de France*, que reúne vários autores para discutir a recepção de Freud no Collège de France, Kristeva publica um artigo que nos parece agregar grande valor a esta dissertação. Sob o título de “Émile Benveniste (1902 – 1976) avec Freud (1856 – 1939)”, Kristeva fala justamente sobre os artigos de Benveniste⁶¹ e de Freud.

Assim como Laplantine, Kristeva considera as observações de Benveniste sobre as diferenças do método psicanalítico, que trabalha sua investigação sob o olhar da motivação ao invés da causa. Ela também nos lembra da importância do “simbolismo inconsciente” e das relações infra e supralinguísticas do discurso, para então dizer que Benveniste entende que a linguagem do divã não é uma língua de estrutura socializada como a que o linguista estuda, nem mesmo um discurso enquanto diálogo, mas uma (re)criação pessoal; nisto traz as palavras do linguista: “Há, pois, antinomia no sujeito entre o discurso e a palavra.” (Benveniste, 1995, p. 84). Essa antinomia se dá num nível que não é o da linguagem, assumindo, assim, que a linguagem seria o intermédio para a análise psicanalítica, cuja linguagem é a das estruturas da psique. Kristeva assim define:

Uma abertura, em suma, pela linguagem, a outras modalidades de “significado”, que se encontram nos “rasgos” dos códigos de comunicação, que “exprimem apenas o que é possível exprimir” [...] Não havendo, portanto, “homologia” entre “linguagem” (categorial) e “sonho” (que se contenta em transformar) (Kristeva, 2018, online, *tradução nossa*).

Apesar de o sonho se tratar de uma outra linguagem, a autora considera o artigo de Benveniste um convite a perseguir a “audácia” de Freud, pois ele teria, segundo Benveniste, apresentado uma atividade verbal que se revela “quando se

⁶⁰ Julia Kristeva é uma psicanalista de origem búlgara que vive na França desde muito nova, é membro da Sociedade Psicanalítica de Paris e professora da Universidade Paris Diderot. Kristeva é uma pensadora contemporânea bastante influente e disserta sobre diferentes temáticas (feminismo, literatura, linguística, psicanálise, pós-estruturalismo, etc.).

⁶¹ Kristeva considera o artigo de Benveniste como o primeiro, e talvez único, trabalho sério sobre a linguagem na teoria freudiana.

suspende poder da censura” (1995, p. 85). Kristeva enxerga em Benveniste uma tentativa de andar na direção de Freud e ir além do pensamento estruturalista da época ao dizer que as associações relativas aos sonhos, embora possibilitadas pela linguagem, estão ligadas, na verdade, às expressões das associações inconscientes (similares às que ocorrem na poesia, mais especificamente na poesia surrealista⁶²), que estariam, por sua vez, conectadas à suspensão de sentido que o sonho projeta em nossas atividades. Tal tentativa não estaria, segundo a autora, isolada do restante da obra de Benveniste. Portanto, ela nos convida a acompanhá-la numa análise da trajetória de vida e de biografia do linguista, na qual considera que o encontro de Benveniste com Freud seria inevitável para a evolução da sua linguística geral e do seu conceito de subjetividade na significação.

Benveniste nasceu numa família judia e poliglota na Síria em 1902 e emigrou para a França em 1913, onde estudou numa escola rabínica. Até 1924, quando se naturalizou francês e escolheu o nome Émile, se chamava Ezra Benveniste. Em 1919, Benveniste se formou em letras, e obteve agregação⁶³ em gramática em 1922. Após cumprir suas obrigações militares no Marrocos, em 1926, Benveniste tornou-se aluno de Antoine Meillet e foi seu sucessor na disciplina de Gramática Comparada da École Pratique des Hautes Études (EPHE), onde havia se formado; em seguida, em 1937, também o sucedeu na mesma disciplina no Collège de France. Em 1940, Benveniste foi prisioneiro de guerra, mas conseguiu, no ano seguinte, fugir para a Suíça e escapar da perseguição nazista — seu irmão não teve a mesma sorte, morrendo em Auschwitz em 1942. Refugiado, aproximou-se de outros grandes intelectuais da comunidade judaica e, em 1942, assinou uma carta coletiva que chamava atenção para a segregação judaica pela política de Vichy⁶⁴. Após a libertação da França por seus aliados, Benveniste voltou ao seu cargo de professor e pesquisador na EPHE e no Collège de France. Na sequência, foi membro da Academia de Inscrições e Belas-Letras, diretor do Instituto de Estudos Iranianos e presidente da Associação Internacional de Semiótica. Infelizmente, em 6 de

⁶² Laplantine falará mais sobre esse fator em seu livro *Émile Benveniste, o inconsciente e o poema* (2011).

⁶³ Na França, agregação é um prestigiado concurso para professores de ensino médio e superior.

⁶⁴ Vichy é uma cidade ao sul da França, que foi sede do Estado Francês quando os alemães tomaram o norte da França durante a Segunda Guerra Mundial. A França de Vichy se opôs à resistência francesa, e, em junho de 1940, chegou a negociar a entrega de seus judeus aos alemães para “acabar com a guerra”.

dezembro de 1969, sofreu um derrame que o incapacitou e pôs fim à sua carreira; morreu sete anos depois, em 1976.

A relevância da sua biografia, segundo Kristeva, é o importante lugar da linguagem na vida do linguista: “esta biografia concisa de um ‘israelita agnóstico’, de um francês nômade, é sobretudo a de um homem que fez da linguagem o percurso de uma vida e nos transmitiu através da sua obra o pensamento dessa experiência.” (Kristeva, 2018, online, *tradução nossa*). A autora nos lembra que, para Benveniste, a função da linguagem é significar, e interpreta seu trabalho como uma necessidade de estudar o poder significante nas propriedades da linguagem. Ela diz que significação, para Benveniste, é sinônimo de “fala”, o que exclui a necessidade de uma realidade externa às propriedades da linguagem, “que explora e analisa as possibilidades de fazer sentido, próprias desse ‘organismo significante’ que é a humanidade falante” (Kristeva, 2018, online, *tradução nossa*).

Desde o primeiro volume de *Problemas de Linguística Geral* (Benveniste, 1966), Benveniste se apresenta como um linguista afastado tanto da linguística estrutural pós-saussuriana quanto da linguística gerativista que ganhava espaço na época. Sua obra se debruça sobre as questões do discurso, isso lhe permite associar o sujeito à sua motivação e refletir sobre um sujeito do inconsciente (amparado no simbolismo). Ele se importa em mostrar como o aparelho linguístico, tão fixo em nomear objetos e situações, também produz discursos singulares. Ou, nas palavras de Kristeva (2018, online, *tradução nossa*), “como, não contente em se autogerar, o organismo da linguagem também gera outros *sistemas de signos* que se assemelham a ele ou aumentam suas capacidades, mas dos quais ele é o único sistema significante capaz de fornecer uma *interpretação*.”

No entanto, é no segundo volume de *Problemas de Linguística Geral* (1974) que, segundo a autora, Benveniste revela uma nova dimensão da linguística. Essa revolução se dá na distinção entre semântica e semiótica.

Mas voltemos à dupla significação segundo Benveniste: sobreposta na *semiótica* dupla (os signos), a *semântica* é definida por uma relação de “conexão” ou “sintagma”, onde o “signo” (a *semiótica*) torna-se “palavra” pela atividade do locutor. Isso põe a *linguagem* em ação na situação do *discurso* endereçado pela “primeira pessoa” (eu) à “segunda pessoa” (tu),

estando o terceiro (ele) fora do discurso (Kristeva, 2018, online, *tradução nossa*).

O novo campo de pesquisa que Benveniste engendra está justamente na dupla concepção do significado, que ultrapassa a noção de signo saussuriano e da língua enquanto sistema. De um lado, o linguista lança mão da percepção intralinguística, em que a língua significa semanticamente, ou seja, no discurso. De outro, a significação translinguística desenvolve uma metassemiótica textual baseada na semântica da enunciação. Para o linguista, esse novo campo obrigaria o pesquisador a ir além da linguística e reorganizar as ciências humanas. Ele parece ter iniciado esse trabalho nos seus manuscritos sobre Baudelaire e a linguagem poética, sobre a qual fala Laplantine.

Kristeva considera que a jornada de Benveniste entre a publicação de *Problemas de Linguística Geral II* (1974) e *As últimas aulas de Benveniste no Collège de France* (1968–1969) busca entender como o “significar” concebe as propriedades específicas da linguagem sem se limitar por suas unidades (como propunha Saussure), mas transcendendo as funções comunicativas e pragmáticas da linguagem. Benveniste também tentou demonstrar em sua obra quais eram as estratégias dessa significação, daí sua aproximação de Freud na tentativa de compreender os processos e as experiências que influenciam o significar e que transcendem o sistema linguístico. Podemos dizer que Benveniste propõe uma relação interpretativa *entre* os sistemas, na qual a própria linguagem é esse sistema de interpretação por fornecer ela mesma a base desenvolvidora desse sistema.

A linguagem é, desse ponto de vista, hierarquicamente o primeiro dos sistemas significantes, que mantêm entre si uma relação de *geração*. Pensa-se aqui na interdependência das autoridades psíquicas nos dois modelos do aparelho psíquico segundo Freud (Kristeva, 2018, online, *tradução nossa*).

Se a linguagem é o primeiro dos sistemas de significantes, é, segundo Kristeva, a escrita que toma para si o lugar de dupla significação. Benveniste constrói implicitamente seu conceito de escrita como a “iconização do pensamento”, que é fonte única da relação do falante consigo mesmo. O linguista percebe que não é a fala que precede a escrita, mas uma linguagem interior que confronta aquilo que

é compreensível para o sujeito com a realização daquilo que é compreensível para o outro.

Essa hipótese de associação da escrita com a “linguagem interior”, que será modificada posteriormente, reconecta com as questões anteriores de Benveniste sobre a “força anárquica” do inconsciente freudiano. Será que a “linguagem interior” que a escrita busca “representar” dependeria dos “fracassos”, “jogos”, “divagações livres”, cuja origem Benveniste, leitor de Freud e dos surrealistas, descobriu no inconsciente? (Kristeva, 2018, online, *tradução nossa*)

A escrita aparece, aqui, como uma forma do sujeito não se limitar à própria intencionalidade e colocar-se na semântica do discurso por uma motivação inconsciente. Para Benveniste, a linguagem “interior” toma consciência da sua intenção ao pensar o leitor no processo de escrita, e é na poética de Baudelaire que ele encontra suporte para essa hipótese. Para Kristeva, o linguista pensa a escrita como uma extensão das línguas, pois “a iconização aciona e refina a formalização da linguagem para que, gradativamente, a escrita se torne literal” (2018, online, *tradução nossa*). Dessa forma, tudo em Benveniste é uma semiotização, pois a escrita pertence ao sistema de signos e se assemelha a uma linguagem interior mais do que a uma cadeia discursiva. A autora se pergunta se esse processo é parte da fenomenologia ou se é apenas uma variação da “fantasia originária de Freud”, pois esse pensamento demonstra uma característica da linguagem interior que a aproxima do mito. Mas Benveniste contorna essas e outras hipóteses ao voltar sempre para a perspectiva linguística, em que essa linguagem faz a própria função de significar.

Todo comportamento social, incluindo as relações de produção e reprodução, não preexiste à linguagem, mas consiste em sua determinação. Envolvendo ou contendo o referente, a linguagem opera uma redução sobre si mesma e semiotiza a si mesma: a escrita sendo o dispositivo que explica essa faculdade. Em suma, a escrita explicita e reforça definitivamente o caráter não instrumental e não utilitário da linguagem, que, por isso e mais do que nunca, não é nem ferramenta, nem comunicação, nem letra-morta, mas organismo significante, gerador e autogerador (Kristeva, 2018, online, *tradução nossa*).

No entanto, o próprio Benveniste contesta essa sua hipótese sobre a escrita, pois passa a considerar a escrita como uma operação pertencente aos processos

linguísticos; chega, então, à máxima: língua e escrita significam da mesma maneira. A significação escrita ocupa agora o mesmo lugar da audição, mas de forma visual; Benveniste a define agora como uma forma secundária da fala, como uma fala “transferida”. Assim, o linguista enlaça a representação gráfica à intersubjetividade, sem buscar as condições de verdade da escrita (ou da fala) nem suas representações translinguísticas, mas tentando reconhecer suas leis, seu funcionamento.

“A mão e a palavra andam de mãos dadas na invenção da escrita”, escreve Benveniste. A relação escrita/fala é equivalente à relação fala/fala ouvida. A escrita reapropria a fala para transmitir, comunicar, mas também reconhecer (isso é semiótica) e compreender (isso é semântica). A escrita é parte integrante da interpretação da linguagem. Esse revezamento de fala fixado em um sistema de signos permanece um sistema de fala, desde que este seja entendido como um significante capaz de engendrar posteriormente outros sistemas de signos (Kristeva, 2018, online, *tradução nossa*).

Assim, Benveniste consegue relacionar a significação com a *experiência*, termo compreendido da *enunciação*. Tal alteração terminológica representa, segundo Kristeva, uma considerável modificação do objeto da significação, que passa de um significado dado para uma atividade centrada no locutor. Benveniste agora considera que o ato de significar não se reduz à comunicação, mas que o signo significa no discurso como “ato ilocutório” intersubjetivo que transmite “ideias”. Essa é uma organização sintagmática que permite diferentes composições sintáticas a partir dos acontecimentos e das experiências do sujeito da enunciação.

Voltando à questão da escrita, com essa nova formulação contextual, Benveniste recorre à linguagem poética para entender a experiência ali representada. Para o linguista, a translinguística é singular porque, isso ele pôde constatar na poética, possui a capacidade de transmitir emoções que não descreve. A referência da linguagem poética está na sua própria expressão, ainda que a linguagem não poética tenha o mesmo objeto externo a si. Para Kristeva, Benveniste escolhe Baudelaire para ilustrar seu ponto porque sua linguagem permite uma cisão entre a linguagem poética e a linguagem comum. Ela nos conta que as notas sobre a experiência poética de Baudelaire dialogam com as reflexões sobre a força anárquica que atua no inconsciente, que são sublimadas pela linguagem. Temos, aqui, a translinguística. Esta, portanto, representa a expressão da subjetividade que

ocorre no âmbito infra e supralinguístico, e toma por base a semântica da enunciação.

2.8 — Inconsciente: uma outra linguagem

Neste último subcapítulo faremos um recorte de alguns pontos levantados acerca do texto de Benveniste. Nosso objetivo, aqui, é mostrar como Benveniste construiu, no artigo de 1956, uma análise coerente, sob o olhar da linguística, acerca da proposta psicanalítica de estudo da linguagem.

Começamos relacionando as análises de Milner e de Laplantine, pois as consideramos as mais completas e com as quais concordamos em maior parte. Milner aponta alguns fatores indispensáveis para pensarmos a análise de Benveniste, entre os quais destacamos as diferenças entre os *Uns*, os elementos mínimos de cada teoria, fundamentais para discernir os objetos de estudo da linguística e da psicanálise e seus métodos. O autor interpreta que, para Benveniste, a psicanálise tem por objeto de estudo a realidade transindividual dos sujeitos, a qual encontra, por meio da língua, a representação da subjetividade e do inconsciente do paciente. Por outro lado, a linguística investiga os mecanismos gerais de funcionamento da língua. Ainda que usemos tais mecanismos universais para formular a subjetividade, eles não carregam nenhuma significação individual antes de serem manipulados pelo sujeito.

Laplantine nos traz um pensamento bastante similar sobre a questão, pois, quando Benveniste questiona se a linguagem da psicanálise é a mesma linguagem usada fora dela, ele está questionando a singularidade entre os objetos de estudo das duas áreas. Para ela, Benveniste considera o inconsciente freudiano uma *outra* linguagem, cuja estrutura é a da psique. É dizer que a linguística e a psicanálise analisam linguagens cujos sistemas, regras, símbolos e sintaxe são distintos, já que a estrutura da linguagem linguística é a do sistema de signos. Kristeva também considera que Benveniste admite uma grande diferença entre a linguagem linguística e a utilizada na análise. Ela observa que a linguagem permite uma abertura a outros significados a partir da comunicação, pois o diálogo permite diversas formas de

(re)criação das ideias, mas se limita à expressão daquilo que lhe é possível; diferentemente da significação dos sonhos.

Para Milner, a análise psicanalítica é, também, externa à língua, pois um único anseio pode se manifestar em diversos atos e ser dito de diferentes formas. Freud, portanto, teria projetado na língua *Uns* diferentes. A partir de um pensamento similar, Laplantine também distingue a noção de inconsciente nas duas disciplinas. Em Freud, o inconsciente está relacionado a essa linguagem outra que emerge na fala do paciente, mas na linguística benvenistiana, há um inconsciente exclusivamente social que rege a significação do sistema de valores dos signos; há uma “sociedade psicológica” que define um inconsciente linguístico. Assim, o discurso é, para Benveniste, a forma linguística dada por um locutor ao seu pensamento a partir dessa sociedade, da qual o sujeito não tem conhecimento — aqui temos outro conceito de inconsciente enquanto falta de percepção dos mecanismos linguísticos. Essa discrepância conceitual, para Laplantine, deriva da noção de motivação da linguística saussuriana, pois Benveniste aceita a ideia de motivação individual do sujeito na língua apenas no funcionamento do discurso (e é por isso que ele indica o estudo do estilo aos psicanalistas), mas isso também não é concluir que o funcionamento linguístico envolva o inconsciente psicanalítico.

Se a psicanálise se dá no diálogo entre paciente e psicanalista, podemos considerar a psicanálise como fruto de uma motivação linguística; ela ocorre *pela* linguagem. Isso é voltar, então, às diferenças entre os métodos linguístico e psicanalítico, pois ambos os estudos pressupõem uma escolha de sentidos desencadeada no uso das palavras, mas com objetivos distintos. Enquanto a linguística procura uma relação exclusivamente interna à língua, a psicanálise relaciona dois discursos (o discurso do paciente e o do seu inconsciente psicanalítico) que se expõem *pela* linguagem.

A diferença entre significação linguística e simbolismo também é bastante importante aqui, pois ela emerge nessa diferenciação do inconsciente. Laplantine aponta que Benveniste diferencia o simbolismo linguístico do psicanalítico, sendo o primeiro fruto de uma configuração da língua que relaciona seus “símbolos” com as “coisas” de forma arbitrária. Por isso, o simbolismo linguístico depende de uma aprendizagem sobre sua concepção social, enquanto o simbolismo do inconsciente

psicanalítico é universal no sentido de que seus símbolos não são aprendidos por quem os reproduz.

É dizer que Benveniste possui uma noção de inconsciente como uma dimensão da linguagem, como uma intenção do discurso, ou seja, associado à noção de *motivação* na linguagem. Por isso, ele acredita que é no estilo que se encontram as propriedades de motivação e de intenção que moldam aquilo que temos como sistema comum, a língua; e que é nele que se pode buscar entender os aspectos individuais que a psicanálise procura. Arrivé aponta duas dificuldades da relação entre a linguagem e o simbolismo onírico: o caráter sexual do simbolismo freudiano, incondizente com a linguagem, e a ambivalência nata dos símbolos (que, diferente dos signos, podem assumir significados opostos. Para ele, a ambiguidade é parte da língua, mas enquanto imprecisão do significado, não como oposição.

Além disso, Laplantine propõe que o mito parte de uma perspectiva cultural construída pelo discurso; dessa forma, Benveniste desconstrói a interpretação de origem e universalidade do mito psicanalítico. Por exemplo, o Édipo trata de uma contradição dos termos sociais sobre desposar a própria mãe, esta contradição resulta no conflito humano. Para Laplantine, a noção de “origem” perde seu sentido, já que é a partir do diálogo que o sujeito constitui seu conflito.

Milner compartilha semelhante visão sobre a questão freudiana das origens; para ele, Benveniste considera o movimento das origens contraditório ao processo de escuta analítica do discurso atual, singular e de realidade transindividual do paciente. Benveniste considera, então, que é o sonho que se reduz às categorias da língua, já que, assim como o mito e a poesia, a supressão de sentido do sonho só pode ser interpretada quando submetida à linguagem (ao discurso no momento da análise).

Milner nos traz mais um ponto importante: a diferença de *antitético* na concepção abeliana e freudiana se discerne; para a primeira, se trata de uma pluralidade de significados que uma palavra pode conter (uma visão mais linguística da antítese), já a segunda interpreta o termo como uma oposição. Abel não trata, em nenhum momento do seu artigo, de uma relação em que uma palavra “X” seja “não-X”, como lê Freud. Laplantine também observa que Freud limita a linguagem à negação nos sonhos, mas que a linguagem não se limita à oposição. Para

Benveniste, tanto Abel quanto Freud confundem a universalidade da linguagem com uma única forma da língua.

Arrivé também comenta essa questão; ele considera que Freud se apega mais aos exemplos de Abel do que ao funcionamento que ele propõe, de ambiguidade enquanto pluralidade de significados. Por isso, Freud recorre a Sperber, que associa a origem da linguagem oral à sexualidade, em busca de uma justificativa para a relação entre linguagem e simbolismo — no entanto, a própria Sperber pode ter sido inspirada pela psicanálise freudiana⁶⁵. Arrivé observa que Freud tem consciência da diferença entre língua e sistema de escrita, mas insiste em fazer recortes que suportem a sua teoria da origem comum da linguagem e do simbolismo.

Ainda sobre o *antitético*, na visão de Milner, o termo traz à tona a concepção linguística esboçada em Abel, da relação entre os homônimos, porque pressupõe uma escolha de sentidos desencadeada no uso de uma palavra. Assim, ele considera que Benveniste se assemelha a Abel por pensarem o mesmo fator de forma “inversa”, já que Benveniste também considera necessário analisar todos os sentidos que uma palavra pode assumir no discurso. Os três autores, Abel, Freud e Benveniste se preocupam com as escolhas de significado das palavras, à diferença de que, nos dois primeiros autores, essa escolha se dá em instâncias externas à língua, a da gesticulação e a da interpretação. Benveniste, como um sucessor de Saussure, só admite essa escolha numa instância externa à língua, pois a língua se realiza independente da vontade do falante, ela já é, por si só, um sistema de diferenças de signos e de valores.

Voltaríamos, aqui, à questão de motivação discutida por Laplantine, pois Benveniste considera que as diferenças de significado ocorrem numa relação de motivação, não de causa; assim, a proposta de Freud seria incoerente ao funcionamento da linguagem. Isso porque a ideia de flexibilização das significações do signo parte de uma concepção de causalidade, que se opõe à de motivação. Sabemos que, mais tarde, Lacan concluirá que a linguagem é a condição do inconsciente, mas que a linguística não serve à psicanálise, num movimento que nos parece se aproximar ao pensamento benvenistiano.

⁶⁵ ARRIVÉ, M. Linguística e psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev e os outros. São Paulo: USP, 2001.

Laplantine interpreta que a percepção de linguagem para Freud se dá na própria projeção do seu simbolismo inconsciente; afinal, é apenas na interação discursiva da análise que os signos linguísticos podem se reduzir à realização de um desejo recalcado. Não há intencionalidade de motivação sem diálogo, sem escuta. Assim, a autora considera que o texto de Benveniste daria ao psicanalista a libertação do seu inconsciente, ao sugerir-lhe o discurso enquanto objeto sujeito à individualidade.

Boileau possui uma posição similar a de Laplantine sobre a intenção do discurso, nos parece que ele leva para a clínica a proposta de Benveniste, embora ele se considere fundamentando a proposta freudiana. Para ele, se não existe oposição nas palavras, ela existe ao nível do discurso, nos enunciados; para ele, as antífrases permitem a inversão das ideias, numa ambiguidade que só será desfeita na observação do seu contexto. A posição de Boileau é, no entanto, compatível com a percepção benvenistiana posterior ao artigo de 1956, quando Benveniste desenvolve mais sua concepção de enunciação. A única análise que consideramos verdadeiramente freudiana é a de Melman, que, passados anos de discussão, segue sem entender a proposta de Benveniste. Não muito destoante de Boileau, Kristeva considera uma mudança no olhar de Benveniste para o objeto da significação, que passa de um significado dado para uma atividade centrada no locutor.

Os autores que omitimos neste último subcapítulo aparentam possuir uma leitura do artigo de 1956 com base em fatores posteriores a sua publicação. Kristeva se opõe em partes a esta nossa afirmação, pois trata tanto de questões pertinentes à época quanto de questões desenvolvidas posteriormente na teoria benvenistiana. No entanto, a análise de Ducard se baseia na reflexão de Culioli, que, mais do que posterior ao artigo de 1956, é influenciada pela teoria de Benveniste (composta por elementos que já não condiziam com o linguista de 1956). Já Melman e Boileau se limitam a análises psicanalíticas, diferenciando-se apenas por seus conhecimentos linguísticos.

Podemos pensar, então, numa contribuição do pensar a psicanálise para a teoria enunciativa. De certa forma, os autores que analisam as observações benvenistianas sobre a “descoberta” freudiana nos parecem evidenciar o desenvolvimento que tanto a psicanálise quanto a linguística tiveram após esse

artigo. Assim como a psicanálise substituiu a ambição de olhar para as palavras primitivas para pensar o discurso (isso nos parece evidente em Lacan e em Boileau), a linguística também demonstra ter aberto seu caminho em direção à subjetividade a partir da evolução da própria teoria benvenistiana.

CAPÍTULO 3 - Entre o abandono e a influência

Este último capítulo se dispõe a mostrar a nossa interpretação do artigo de Benveniste após o contato com as impressões de outros teóricos. Não estamos ainda na conclusão desta dissertação, mas repensar Benveniste com a compreensão de seu contexto de escrita e com as sete diferentes leituras que fizemos sobre o seu artigo não deixa de ser, também, um processo conclusivo. Isso porque a leitura ingênua que inicialmente fizemos do seu artigo não se mantém a mesma após este percurso. Como diz Edgar Allan Poe no seu trabalho teórico sobre o poema “O Corvo”⁶⁶, toda vez que abrimos um livro somos um novo leitor. Quer dizer que toda vez que lemos o artigo benvenistiano o lemos com novas percepções, o lemos como um novo leitor.

Seremos aqui, por vezes, menos formais do que uma dissertação nos exige e nos permitiremos um pequeno devaneio, mas com um objetivo que justificamos: não há como desconsiderar a falta de diálogo de Benveniste com o público ao qual escreve como um dos pecados do seu artigo. O academicismo de Benveniste soa, por vezes, como uma incapacidade de transformar toda a sua intelectualidade num objeto acessível ao leitor quando este é um psicanalista, ou mesmo um recém-iniciado em linguística. Não só pelo vocabulário, composto pelos numerosos conceitos linguísticos que ele usa no artigo em questão, mas também por algo que nos fez pensar Boileau: a contratransferência. Ao contar sobre a paciente Marie, que carrega consigo um vasto histórico de abandono, Boileau sente a culpa de tê-la

⁶⁶ A consideração inicial foi a da extensão. Se alguma obra literária é longa demais para ser lida de uma assentada, devemos resignar-nos a dispensar o efeito imensamente importante que se deriva da unidade de impressão, pois, se requerem duas assentadas, os negócios do mundo interferem e tudo o que se pareça com totalidade é imediatamente destruído (Poe, Edgar Allan. *Poemas e ensaios*. Rio de Janeiro, Globo, 1985, p. 103).

esquecido (quando esta solicitou a remarcação de um encontro) ao se deparar com a fala “Mas é curioso, minha sobrinha não me vê” durante uma sessão de Marie.

[...] Há algo nas palavras que faz estremecer a apresentação-coisa por trás da apresentação-palavra. Ou então, se preferirem, a representação de uma palavra é tratada como a representação de uma coisa. A formulação carece de uma lacuna que marcaria o lugar ocupado pelo sujeito em relação ao discurso que profere. E de repente a figura se corporifica, sem apelo (Boileau, 2013, online, *tradução nossa*).

É claro que um artigo não é uma sessão de terapia, esse é justamente um dos pontos de diferença entre a língua e a linguagem psicanalítica que Benveniste tenta mostrar à psicanálise. No entanto, pensemos na relação entre falta e abandono: por que Ducard escolhe justamente o verbo *abandon* para uma análise que contesta Benveniste? Por que Melman se coloca tão agressivo ao posicionamento do linguista? Por que Boileau, ao falar do posicionamento de oposição na psicanálise, cita, entre tantos outros que deve ter, o caso de uma paciente que lida com a ausência de forma tão cotidiana?

Permitimo-nos o devaneio para pensar a *falta* em Benveniste. Se Benveniste fala em termos linguísticos a uma comunidade a qual considera que *falta* um conhecimento prévio de linguística na formulação das proposições⁶⁷, não estaria ele promovendo o abandono da linguística à psicanálise?

Cabe aqui refletir, também, sobre como a comunidade psicanalítica, que deveria ser capaz de se separar das suas emoções para “ler” o paciente, fora tão incompreensiva com o pensamento de Benveniste. O texto de Melman, que consideramos o mais difícil de ler com a razão durante este trabalho, talvez possa nos dizer algo sobre essa recepção de Benveniste.

Melman é bastante crítico (até rude) aos linguistas. Por vezes, durante nossa leitura, o desconforto de lidar com uma opinião linguística de alguém que demonstra não conhecer conceitos básicos da linguística se sobrepôs aos argumentos, mesmo quando lógicos, do autor. Não podemos deixar de considerar esse desconforto um fator de incompreensão do artigo benvenistiano, que pode ter surgido num processo de contratransferência como o que cita Boileau. Deixemos, porém, essas suposições

⁶⁷ Interpretamos essa condição em inúmeros momentos em que o artigo benvenistiano se mostra agressivo: “Na medida em que a psicanálise *quer apresentar-se* como ciência” (p. 81); “Freud *pensou encontrar*” (p. 85); “*nenhum linguista qualificado*” [sobre a valorização do trabalho de Abel]; “É *fácil mostrar* que nenhuma prova de Abel” [p. 87 - faz Freud *parecer ignorante* de se basear em Abel]; “erro gravíssimo” (p. 87); “a *pretensão ... mostraria a insensibilidade ... do pesquisador*” (p. 89); etc.

ecoarem em nossos pensamentos, pois não podemos ter respostas para elas, e começemos a nossa leitura final de Benveniste, recheada de reajustes interpretativos.

O primeiro parágrafo do texto de Benveniste aborda a questão do método. Já vimos que, para o linguista, o método possui um valor imenso para a linguística, que só se organiza enquanto ciência a partir da criação de um método na teoria saussuriana. Vimos também que a psicanálise, na época, buscava se afirmar enquanto ciência⁶⁸, justificando, portanto, a escolha de Benveniste por começar seu argumento abordando o método psicanalítico. Para ele, a análise se diferencia das demais ciências por ter um objeto subjetivo, ele diz que “Da perturbação comprovada até a cura, tudo passa como se não houvesse em jogo nada de *material*” (Benveniste, 1956, p. 81, grifo nosso); além disso, “Não se estabelece, de uma indução à seguinte, essa relação de causalidade visível que se procura num raciocínio científico” (*idem*). O que pode parecer uma ofensa aos psicanalistas da época, é, em realidade, uma tentativa de mostrar que o método analítico se diferencia das demais ciências por não lidar, imediatamente, com a perspectiva de causa, mas com a de motivação. Assim, Benveniste nos parece anteceder uma opinião que, atualmente, ganhou força na psicanálise: a eficácia prática importa mais à psicanálise do que seu *status* científico.

Em seguida, Benveniste reconhece que a psicanálise lida com dois discursos: o emitido pelo paciente e o percebido pelo psicanalista, de onde conclui que o método psicanalítico “opera-se por intermédio da linguagem” (Benveniste, 1956, p. 82). Ora, se a linguística considera que a fala é precedida por uma série de escolhas linguísticas do falante que representam a sua motivação na construção da significação, é compreensível que o linguista considere a relação de *motivação* (enquanto interação discursiva) no método analítico. Dessa forma, Benveniste observa que a motivação da linguagem, presente no diálogo entre analista e paciente, substitui a relação de causalidade das ciências da natureza.

Assim, o analista lida com fenômenos (sintomas) que são expressos a partir de uma motivação inicial (inconsciente) do paciente que frequentemente se transpõe em outras motivações (conscientes). A tais transposições, Benveniste atribui o caráter do simbólico como substituto da motivação inicial; seria dizer que a

⁶⁸ Tal objetivo era condizente com o período iluminista em que a psicanálise nasce; atualmente, a psicanálise não se preocupa tanto com o *status* científico que Freud tanto almejou.

linguagem atua, simbolicamente, na interpretação dos fatos trazidos pelo paciente — afinal, vimos em Laplantine que o inconsciente linguístico é a linguagem enquanto intenção discursiva do locutor.

No entanto, Benveniste considera que as memórias da biografia do sujeito não podem carregar sozinhas o peso de uma relação causal no método analítico. Isso porque o analista só conhece o paciente a partir daquilo que ele escolhe lhe contar, ou seja, não tem acesso ao que realmente aconteceu e tampouco consegue atribuir valor ao fato. Assim, a causa dos sintomas restringe-se a uma interpretação do sujeito psicanalítico, que apenas emerge no sujeito linguístico. A subjetividade do método psicanalítico dificulta sua conceitualização enquanto ciência, pois não permite que a psicanálise defina fatos empíricos que constituam uma aplicabilidade geral, ela lida exclusivamente com a individualidade. Não há, na biografia dos pacientes, pontos comuns de causa e efeito aplicáveis a todos os casos; o analista lida exclusivamente com a realidade do discurso que o sujeito se atribui pelo discurso, não no discurso.

De fato, se ele [o analista] precisa de que o paciente lhe conte tudo — mesmo que se expresse ao acaso e sem propósito definido — não é para reconhecer um fato que não haja sido registrado em parte nenhuma a não ser na memória do paciente: é porque os acontecimentos empíricos não têm realidade para o analista a não ser no — e pelo — “discurso”, que lhes confere a autenticidade da experiência, sem consideração da sua realidade histórica, e mesmo (é preciso dizer: sobretudo) que o discurso evite, transponha ou invente a biografia que o sujeito se atribui. Precisamente porque o analista quer desvendar as motivações mais que reconhecer os acontecimentos (Benveniste, 1956, p. 83).

Esse fator é importante para explicar a obsessão de Benveniste em convencer os psicanalistas a abandonar o estudo da língua e se ater ao discurso. Estudar a língua é objetivo do linguista e se caracteriza por encontrar seus comportamentos gerais, o método psicanalítico sequer lida com um objeto que possa ser generalizado. Ainda que a biografia do paciente seja expressa pela linguagem, a relação entre analista e sujeito ocorre pelo diálogo. Dessa forma, Benveniste considera que a técnica da análise possui a linguagem como campo de ação, como instrumento, mas que essa linguagem que “age tanto quanto exprime” (*idem*) pertence a uma dimensão externa à língua. O linguista cita um trecho de

Função e Campo na Linguagem (1953) em que Lacan classifica a palavra como meio e o discurso como domínio (campo de atuação) da psicanálise; ou seja, o próprio Lacan já aparentava perceber, na distinção entre os meios e o domínio da análise, que linguagem psicanalítica se diferencia da linguagem linguística.

Assim, Benveniste busca delimitar as linguagens em questão. A palavra atua na psicanálise freudiana enquanto subjetividade, nela o sujeito usufrui da palavra e do discurso para *representar*⁶⁹ a si mesmo e convida o outro a confirmar sua representação. O discurso, no entanto, “é apelo e recurso” (Benveniste, 1956, p. 84), ele porta uma mensagem ao mesmo tempo que é instrumento de ação. No discurso, a língua serve como instrumento da subjetividade, mas está sempre sujeita às configurações *cada vez únicas* da palavra (o que consideramos preceder a ideia de ID na teoria enunciativa). Benveniste conclui que a linguagem é utilizada na análise como palavra, dependente da expressão da subjetividade que emerge no diálogo, pois “pela simples alocação, aquele que fala de si mesmo instala o outro nele e dessa forma se capta a si mesmo” (*idem*). É dizer que o sujeito se constitui na e pela linguagem, mas sem esquecer que há contradição no sujeito do discurso (individual) e no da língua (social).

Ao sujeito psicanalítico, se aplica a linguagem psicanalítica; ao linguístico, a linguagem linguística. Cada qual com suas regras, símbolos e sintaxe próprios (lembramos aqui dos *Uns* milnerianos). É exclusivamente no discurso que o analista consegue encontrar a estrutura da psique, a linguagem psicanalítica, que Benveniste considera uma outra linguagem. Além disso, o linguista compreende que, afora o simbolismo inerente à linguagem, há no discurso do analisado outro simbolismo que se constitui, sem que se perceba, naquilo que ele omite ou enuncia. O analista encontrará nessa outra história, omitida inconscientemente, a motivação daquilo que o sujeito representa a si mesmo.

Benveniste parece dominar o funcionamento da psicanálise freudiana e não se dispõe a refutá-la. Considera válido o questionamento de Freud sobre a linguagem, mas se propõe a esclarecer “certas confusões que poderiam estabelecer-se num domínio no qual já é difícil saber do que se fala quando se estuda a linguagem ‘ingênua’ e no qual as preocupações da análise introduzem uma nova preocupação” (Benveniste, 1956, p. 85). Essas confusões às quais Benveniste

⁶⁹ Aqui, quando Benveniste escolhe o termo *representar*, somos remetidos à ideia de simbolismo.

se refere nos parecem ser justamente a distinção dos terrenos da linguagem psicanalítica em relação à linguística, no qual se estuda uma linguagem “ingênua”, destacada entre aspas por não ser a linguagem simples que aparenta, posto que “esconde” sua motivação inconsciente. O linguista considera que as preocupações do analista com essa linguagem introduzem uma nova dificuldade: se “toda a força anárquica que refreia ou sublima a linguagem normalizada, tem a sua origem no inconsciente” (*idem*) e se há afinidade entre as formas da linguagem e as relações associativas dos sonhos, haveria, nos conflitos da psique, a expressão de fatores da própria linguagem?

Quando o linguista diz que “Freud pensou encontrar num estudo de K. Abel [...]” (*idem*) uma relação entre o funcionamento dos sonhos e o das línguas primitivas, está emitindo uma crítica à indução de Abel a uma conclusão equivocada de Freud. Há aqui o verdadeiro equívoco de Benveniste: não nos parece que o estudo de Abel tenha proposto a relação que Freud diz encontrar na sua leitura. Embora concordemos com Benveniste que o texto de Abel se perde nas exemplificações da língua moderna, ele não propõe que as palavras do egípcio antigo possuíam uma relação pura de oposição. Consideramos que Freud projeta seu próprio desejo inconsciente de justificar a relação de oposição que encontra na sua teoria dos sonhos.

Adicionamos a esse apontamento os aparentes recortes que Freud faz dos exemplos de Abel. Em seu artigo, o psicanalista admite a omissão da maior parte dos exemplos de Abel, ou seja, desde a segunda página do seu artigo (Freud, 1910, p. 148) sabemos que estamos lidando com uma parte descontextualizada do texto abeliano. Freud não escolhe exemplos do egípcio antigo para demonstrar sua ideia de que o funcionamento dos sonhos coincide com o das línguas antigas, ele seleciona exemplos em que Abel está introduzindo sua teoria com suposições ou estendendo sua teoria para as línguas atuais (aspecto ao qual atrelamos seu verdadeiro deslize teórico). Por exemplo, no trecho “*Imagine*, se você pode pensar em tal absurdo aparente, que a palavra ‘forte’ na língua alemã signifique tanto ‘forte’ quanto ‘fraco’” (ABEL, 1884, p. 4, tradução nossa, grifo nosso), o termo *imagine* introduz uma suposição para ilustrar o caso ao leitor, mas ainda não diz nada sobre os termos egípcios que Abel virá a apresentar.

Os outros exemplos trazidos por Freud, que Benveniste refuta com autoridade, são, de fato, de uma parte infeliz do texto de Abel em que ele aplica a sua teoria do egípcio antigo às línguas modernas sem discernir os traços evolutivos de cada idioma. O problema da proposta do filólogo, portanto, está no fato de projetar a teoria do egípcio antigo, sobre a origem da diferenciação de conceitos, para a atualidade de diferentes línguas, sem a criticidade científica que Benveniste tanto postula.

No entanto, se o interesse de Freud estava no processo inicial da origem da língua, por que ele não se ateu à primeira parte do texto de Abel, em que ele cita a ambiguidade das palavras do egípcio antigo? Nos parece que a similaridade do funcionamento dos sonhos e da origem da língua, se considerarmos a primeira parte do texto de Abel, seria suficiente para o objetivo de Freud de validar sua teoria. Ademais, Milner (2003, p. 68) bem aponta que a proposta de “sentidos opostos” em Abel trata da multiplicidade de sentidos das palavras, ou seja, da sua indefinição, e não da negação de seus conceitos (como faz o sonho ao desconhecer o *Não*).

Lemos Abel e podemos resumir sua proposta assim: o som das palavras egípcias possuía significados ambíguos que precisavam de recursos externos (desenhos ou gestos) para se diferenciarem em dois ou mais conceitos (opostos ou não). Freud ignora que os sentidos ambíguos, em Abel, poderiam ser opostos *ou* aleatórios, e se agarra apenas à questão dos opostos, pois lhe parece justificar o simbolismo dos sonhos. Acontece que, assim como Abel, Freud parece se perder na projeção indistinta da teoria originária. Ainda que Abel pudesse ter qualquer razão sobre o funcionamento do egípcio antigo, seu artigo perde seriedade ao juntar tudo o que se parece, como diria Benveniste, nas línguas modernas. O mesmo acontece com a projeção de Freud ao tentar associar tudo o que se parece à questão das origens que norteia sua teoria.

Dessa questão podemos depreender que, se Benveniste leu o trabalho de Abel, não o considerou ao refutar Freud. Observamos que todos os exemplos de Abel que Benveniste refuta são os postos no artigo freudiano, no entanto, Benveniste não critica a interpretação freudiana de Abel com a mesma voracidade com a qual critica o filólogo. Consideramos, também, que nem Freud, nem Benveniste trazem exemplos das palavras egípcias, base do estudo de Abel.

Abel também trata da ambiguidade dos homônimos, fator que Benveniste ignora. Além disso, ele considera que as ambiguidades que encontra no egípcio antigo são em relação apenas ao som, pois os conceitos se diferenciam na comunicação com gestos (fala) e desenhos (escrita); isso não seria dizer o mesmo que diz Benveniste sobre a diferenciação cultural dos conceitos de *sacer*? Que dois conceitos se diferenciam na comunicação?

Após reconhecer a legitimidade da preocupação de Freud em compreender o funcionamento da linguagem relacionada às estruturas infraconscientes do psiquismo, Benveniste aponta que “a autoridade de Freud corre o risco de fazer passar por estabelecida essa demonstração [da oposição encontrada nas palavras primitivas], e em todo caso de propagar a ideia de que haveria aí uma sugestão de pesquisas fecundas” (Benveniste, 1956, p. 86). Dessa forma, considera que Freud foi ludibriado pelas especulações etimológicas de Abel (consideradas dados linguísticos em Freud), que ferem os métodos de pesquisa linguística, propondo alusões equivocadas. Acontece, porém, que tais métodos considerados por Benveniste só são definidos quando a linguística se propõe ciência, ou seja, quando surge a linguística saussuriana. Talvez seja por isso que o linguista considera o método de Abel desqualificado, por ele representar uma “linguística” pré-saussuriana, que realmente não possuía a mesma instrução metodológica que Benveniste considera primordial à análise linguística. Tal método consiste em considerar tanto os dados de forma quanto os de sentido construídos cronologicamente na história semântica das palavras, seguido de uma comparação dada exclusivamente entre as línguas correspondentes.

Neste ponto, Benveniste lança mão do seu vasto conhecimento linguístico no intuito de dismantelar os equívocos teóricos em que Abel projeta o funcionamento descrito no egípcio antigo para as línguas modernas. Aspecto que constitui o ponto mais fraco de sua teoria, mas ao qual Freud se demonstra mais interessado. Assim, acreditamos que, se Benveniste chegou a ler a obra original de Abel, escolheu uma delimitação da obra que compusesse seu argumento de inadmissão dos opostos; assim como fez Freud para validar sua teoria dos sonhos. Pensamos que considerar os significados opostos sem analisá-los num contexto de uso, como ele pensa que faz Abel, não teria acontecido se Benveniste observasse, no próprio estudo abeliano, que essas oposições funcionavam como uma delimitação de conceitos, e

que se desfaziam na comunicação. Concluímos que Benveniste não leu Abel, pois não nos parece que ele seria incapaz de perceber que o filólogo trata a ambiguidade enquanto *indefinição* das palavras e que esta poderia ser desfeita por recursos externos à língua, mas que se aproveita dos erros teóricos do filólogo para persuadir seu leitor de abandonar a investigação sobre as linguagens primitivas.

Sabemos que Benveniste considera, neste momento de sua teoria, que a significação do conteúdo locutório se dá exclusivamente por processos intralinguísticos. No entanto, reforçamos que Benveniste segue a interpretação freudiana do estudo de Abel, que trata os sentidos antitéticos pelo viés da oposição. Esse fato nos parece nítido quando o linguista questiona o método abeliano de comparação: “De uma semelhança entre uma palavra alemã e uma inglesa ou latina, *de sentido diferente ou contrário, conclui por uma relação original por ‘sentidos opostos’*, negligenciando todas as fases intermediárias que explicariam a [sua] divergência [...]” (Benveniste, 1956, p. 86-87, grifo nosso). Observemos os grifos: primeiramente Benveniste reconhece que os sentidos propostos por Abel são diferentes ou contrários (ou seja, indefinidos); em seguida, passa a relacioná-los exclusivamente à proposta de oposição (que não condiz com a argumentação abeliana). Há, aqui, uma visível contradição entre as propostas de Abel e de Freud que nos parecem desvalorizar a argumentação benvenistiana tanto quanto Benveniste considera que a imprecisão dos dados de Abel desvaloriza sua teoria.

É verídico que Abel extrapola sua empolgação teórica ao transferir a ideia de diferenciação dos sentidos para as línguas modernas indiscriminadamente, mas, ao não insistir em dissertar sobre aquilo que o linguista considera um “erro grave de raciocínio” (*idem*, p. 87), Benveniste insere uma lacuna em sua argumentação. Consideramos essa lacuna fruto da leitura exclusiva do artigo freudiano, pois, quando Abel conclui que as palavras passaram por uma transformação fonética para diferenciar os contrários, está se referindo ao fato de que as palavras egípcias só possuíam mais de um sentido porque não definiam nenhum dos sentidos que temos hoje. Independente da sua razão teórica ou não, essa distinção se dá a partir do preceito de refinamento das categorias representadas pelas palavras primitivas do egípcio antigo. Se considerarmos que uma única palavra possa se referir à categoria de líquidos, por exemplo, seria aceitável que água e cerveja se diferenciassem na comunicação enquanto refinamento daquilo que a categoria de líquidos representa.

Dessa forma, considerar uma transformação fonética implica admitir que a palavra que caracterizava qualquer tipo de líquido agora constitui novas palavras que a substituem na medida em que passam a especificar os significados sem necessidade de gestos e desenhos que complementem sua significação inicial. É dizer que as palavras antitéticas passam a carregar sentidos únicos ao longo do seu desenvolvimento comunicativo. Destacamos que Abel trata, ao menos inicialmente, do funcionamento das palavras primitivas, enquanto Benveniste trata da unicidade dos sentidos na língua moderna.

Ora, à época do artigo, Benveniste acreditava tanto nos sentidos únicos das palavras que pertencia ao movimento dedicado a desmistificar os homônimos da língua. Nos parece que há, aqui, uma contradição em admitir tal unicidade; não por acaso, o linguista virá a considerar diferentes significações na construção enunciativa. Então, por que não dizer que Benveniste buscou na enunciação a explicação semântica que não encontrou na unicidade do sentido dos signos, e que Abel buscou uma explicação similar na origem da linguagem? Lembremos que Abel não possuía a percepção linguística instaurada por Saussure e que sua aposta na transformação fonética das palavras se assemelha ao estudo dos anagramas de Saussure quase um século antes desse estudo.

Podemos considerar, então, que Benveniste já dava indícios de sua inquietação sobre a significação enquanto unicidade do signo, ainda que permanecesse apegado ao conceito instaurado pelo CLG. Baseado em Saussure, o linguista iniciou um processo similar ao do estudo dos anagramas ao estudar a poética de Baudelaire, porém a partir de uma *nova* concepção de significação, a semântica; despreendendo-se, assim, das premissas puramente saussurianas⁷⁰.

No artigo em questão, Benveniste desvalida toda a teoria abeliana ao se direcionar exclusivamente ao recorte conduzido por Freud — o que poderíamos considerar um indício inicial da sua posterior diferenciação da teoria saussuriana. No entanto, nada diz sobre o egípcio antigo. Ainda assim, enquanto argumenta a impossibilidade da dupla significação, Benveniste esbarra em fatores não tão distantes de Abel. Lembremos que Milner considera a admissão benvenistiana de palavras com significações opostas ao dizer que *sacer* possui dois conceitos sociais distintos. Embora as propriedades do sagrado se definam por sua ambivalência, e

⁷⁰ Arrivé, p. .

não por seu lexema, Milner observa o funcionamento de uma delimitação dos conceitos de sagrado e de maldito. O termo *delimitação* imediatamente nos remete à já discutida proposta de Abel, de diferenciação das palavras primitivas antitéticas; portanto, somos obrigados a concordar com a leitura de Milner.

Apesar das possíveis contradições de Benveniste em seu processo argumentativo, concordamos com a conclusão à qual o linguista chega: “Esvai-se, porém, assim a possibilidade de homologia entre as operações do sonho e os processos das ‘línguas primitivas’” (Benveniste, 1956, p. 88). Primeiro, porque a lógica da linguagem é a de um sistema de signos, ou seja, possui um caráter social e sistemático que segue a lógica particular de cada língua. Segundo, porque a lógica dos sonhos se diferencia da lógica linguística ao permitir a livre associação.

Ainda que as línguas primitivas possam possuir ambiguidades, não há nelas nada que se diferencie das línguas modernas, pois a ambiguidade é uma característica inerente à língua. Se a psicanálise pode deduzir algo da língua, é na medida em que esta exprime a subjetividade do sujeito. Portanto, “é o sonho que se reduz às categorias da língua” (Benveniste, 1995, p. 90), pois ocorre por meio de uma racionalização linguística que permite, por um jogo de equivalências, a interpretação das situações.

Benveniste considera que a ideia de relação entre a estrutura dos sonhos e das línguas primitivas deriva do constante recurso freudiano de retorno às origens. No entanto, o apelo ao que é primitivo no homem não deve ser transposto indissociavelmente à construção social, mas a uma ontogênese individual; afinal, é nela que o analista encontra as repressões e deformações que geram conflitos entre o indivíduo e a sociedade. Para Benveniste, a repressão é algo coextensivo à sociedade, pois “não se pode considerar uma situação de sociedade sem conflito mais que um conflito fora da sociedade” (Benveniste, 1956, p. 90).

Róheim descobriu o complexo de Édipo nas sociedades mais “primitivas”. Se esse complexo é inerente à sociedade como tal, um Édipo livre de desposar a mãe é uma contradição nos termos. E, nesse caso, o que há de nuclear no psiquismo humano é justamente o conflito. Nesse caso a noção de “original” não tem mais nenhum sentido (Benveniste, 1956, p. 90-91).

Ademais, se voltarmos à questão das palavras com sentidos opostos, Benveniste considera a própria teoria freudiana como fator para tais oposições.

Primeiro, porque o sonho aplica uma indeterminação de sentido nas formas normais da linguagem, tal como a poesia e o mito. E, segundo, porque a negação é, antes de tudo, uma admissão; ou seja, é no conteúdo recalcado que a psicanálise encontra a faculdade da negação. Não se faz necessário pensar nas palavras primitivas como “fundadoras da negação” se esta se dá no discurso do paciente como parte do processo de conscientização do conteúdo recalcado. O fator linguístico é apenas parte do processo de construção e emergência do conteúdo na consciência do indivíduo e da supressão do recalque; afinal, é na e pela linguagem que o sujeito se constitui.

O que, então, subsiste o recalque não é mais que uma repugnância em identificar-se com esse conteúdo. Ainda aqui o seu discurso pode prodigalizar as contestações, mas não abolir a propriedade fundamental da linguagem, que consiste em implicar em “algo” correspondente àquilo que se enuncia — algo e não “nada” (Benveniste, 1956, p. 91).

Por fim, Benveniste aponta o simbolismo como o fator essencial a todas as discussões que propõe. Para ele, toda a psicanálise se fundamenta numa teoria do simbolismo, ainda que diferente do simbolismo da linguagem. A linguagem se caracteriza por ser um simbolismo adquirido, aprendido concomitante à aquisição que o homem faz do mundo, e por seu simbolismo e sua sintaxe serem indissociáveis da apropriação das experiências que o homem adquire ao longo de sua existência; na linguagem, a relação de simbolismo não se justifica, apenas se comprova. Já o simbolismo psicanalítico possui um vocabulário próprio comum a todas as línguas, que é reproduzido sem ser aprendido; além disso, seus símbolos permitem vários significantes associados a um único significado e ligados por uma relação de motivação. O signo linguístico possui caráter imotivado; no entanto, Benveniste considera que Freud esclarece, na criação do simbolismo inconsciente, os caminhos do simbolismo linguístico.

Para o linguista, a psicanálise possui uma sintaxe própria cujos símbolos inconscientes conhecem apenas a dimensão da sucessão, da causa. Essa é uma linguagem particular que destoa da linguística, e que se apresenta nos sonhos, mas também nos mitos, nos folclores, nos ditados, nos provérbios e nos trocadilhos (onde é mais completa do que nos sonhos). Assim, a linguagem simbólica do inconsciente se constitui de fatores simultaneamente infra e supralinguísticos. Ou seja, ao mesmo

tempo em que utiliza signos não aprendidos que comportam diversas variantes individuais comuns à cultura e à experiência individual, também utiliza signos condensados similares às grandes unidades do discurso. Entre seus signos se estabelece uma interação constante de motivação, ou seja, de realização do desejo recalcado.

É, portanto, no discurso que se encontram a linguagem simbólica do inconsciente e a subjetividade discursiva. Por isso, Benveniste sugere que a psicanálise volte seu olhar para os processos estilísticos do discurso, pois neles o sujeito manipula o sistema linguístico (social e imotivado) para expressar a sua subjetividade na motivação do ato locutório. A sinalética da linguagem onírica pode ser melhor observada aqui, no discurso, do que na língua propriamente dita. Para o linguista, o inconsciente constrói sua retórica similarmente ao estilo, em que possui suas “figuras” apropriadas tanto ao registro da expressão do inconsciente quanto ao da expressão da língua, permitindo vastas analogias que se encontram nos processos de substituição (eufemismo, alusão, antífrase, preterição, litotes, metáfora, metonímia, sinédoque).

Segundo o linguista, a própria história do paciente pode evidenciar todas as modalidades da metáfora, já que é na sua “conversão metafórica que os símbolos do inconsciente tiram o seu sentido e ao mesmo tempo a sua dificuldade” (Benveniste, 1956, p. 94), assim como a metonímia, a sinédoque e a elipse. Para ele, as intenções motivacionais determinam a manipulação estilística com a qual o locutor dá forma ao sistema linguístico; dessa maneira, o locutor marca sua individualidade, libertando-se da fixidez do sistema. O inconsciente é, portanto, responsável pelas formas que o indivíduo representa a si mesmo, se afirma e recalca ou ignora os fatos pela sua motivação.

Apesar de criticado, o artigo de Benveniste nos parece essencial para o desenvolvimento de algumas teorias e conceitos que surgem tanto na linguística quanto na psicanálise. A exemplo de Jakobson, amplamente conhecido por seu estudo sobre a metáfora e a metonímia na linguística em “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”, publicado no ano de 1956, mesmo ano em que Benveniste publica o artigo sobre Freud. Curiosamente, entre 1955 e 1956, Lacan apresenta o *Seminário 3*, no qual cita duas vezes Benveniste, abordando pela primeira vez os conceitos de metáfora e metonímia. Considerando que o artigo de

1956 de Benveniste teria sido uma palestra sobre o tema em 1954, não nos parece especulação dizer que a psicanálise e o próprio Lacan (apesar de emitir grandes críticas à linguística e a Benveniste) lançaram mão de sua sugestão e aparentam ter obtido algum êxito nas suas conclusões.

CONCLUSÃO

É muito difícil falar sobre autores que já não podem se defender, justamente porque a linguagem é interpretativa. Vimos sete análises teóricas diferentes além da nossa, todas convincentes, cujas opiniões são distintas, por vezes, antagônicas. Isso não exclui o fato de precisarmos de diversos autores para buscar entender e explicar o que Benveniste teria dito em seu artigo sobre Freud — daí se compreende a recepção negativa do seu artigo e também a carência linguística dos psicanalistas (como Freud bem apontou). Gostaríamos de voltar no tempo com todas essas análises para questionar a Benveniste, a Lacan e aos demais receptores de tal artigo sobre nossas suposições. Como não nos é possível, nos contentamos com esta dissertação.

Consideramos que o princípio do debate que nos trouxe aqui está na eterna discussão entre linguística e psicanálise que Benveniste coloca em seu artigo: falamos da mesma linguagem? Para os falantes, pode até parecer a mesma linguagem, mas para grande parte dos linguistas, não é. Nós também consideramos que a linguagem é uma questão interpretativa. Assim como fazemos para interpretar um texto qualquer, ao interpretar a linguagem estamos cada um e cada disciplina sujeitos às nossas inclinações, às nossas inferências e aos nossos conceitos prévios do assunto. Milner fala no *Périple* (2003, p. 70) que o grande problema de Freud em relação à linguística foi não entender que ela e a psicanálise possuem *Uns* distintos; concordamos, é preciso aceitar as diferenças entre as disciplinas para falar da linguagem que concerne a cada uma delas.

Claudine Normand, no texto “Linguistique et/ou psychanalyse: de leur relation si elle existe”, questiona a relação entre linguística e psicanálise pelo mesmo viés de Milner. A linguística, para ser ciência, precisa se limitar à subjetividade da língua, ainda que o linguista sinta que lhe falta algo, pois ele lida com as regularidades e observações de um sistema.

O que da linguagem é “em excesso”, “a floresta da linguagem”, não pode ser integrado à escrita da linguística que, em nome da ciência, exige completude e homogeneidade. O linguista pode apenas ignorar a falta, deve ignorá-la, e se ele se permite apontar esses “dados do impossível” que surgem no discurso de um sujeito, só pode reduzi-los à descrição das marcas do “sujeito falante” de seus efeitos na sintaxe. Ao fazê-lo, ele passa por alto o que interessou a Lacan na oposição desenvolvida por Benveniste entre enunciado e enunciação (Normand, 1998, p. 24, *tradução nossa*).

Para Normand, é necessário escolher entre o que um sujeito manifesta de sua singularidade na fala, como faz o psicanalista, ou o que a linguagem possui de mecanismos comuns para reger os discursos, como faz o linguista. “Percebemos então que nem é preciso esperar que a palavra ‘tropece’ [...], pois a linguagem, em seu uso mais comum, [...] oferece todos os tipos de passagem para o inconsciente” (Normand, 1998, p. 27-28, *tradução nossa*). Escolher, aqui, se assemelha a reconhecer a *falta* como característica primordial da ciência. Não podemos abordar amplamente todos os fatores que competem a uma ou outra ciência; por isso, elas se complementam justamente nas ausências, naquilo que definem não ser o foco principal do seu objeto de estudo. Acreditamos nessa cooperação entre os campos da linguística e da psicanálise (esta dissertação é prova disso), mas a diferenciação também constitui a identificação, e é por isso que conduzimos, neste trabalho, um movimento constante de contato com a psicanálise, mas com um cuidadoso, e também constante, retorno às considerações da linguística.

No entanto, consideramos que a maior manifestação de falta que podemos identificar durante esta dissertação foi a falta de cuidado com o leitor, abordada no nosso terceiro capítulo. Este nos parece o principal fator de incompreensão do artigo benvenistiano, adicionado ao seu apego a Saussure. Dissemos no primeiro capítulo que Benveniste é um homem de seu tempo, entendemos por isso o seu apego à “origem” da linguística enquanto ciência, ou seja, à teoria saussuriana. Não podemos esperar que Benveniste concorde com uma teoria que se opõe à premissa social do

signo. Para ele, não é possível que um signo assuma dois valores opostos, por ser justamente na diferença de valores, expressa no funcionamento de um sistema linguístico, que o signo assume seu significado. Com isso, Benveniste explica tanto a incoerência que enxerga na teoria de Abel quanto a existência de sinônimos, já que o significado de um termo pode ser alterado conforme o valor que lhe é atribuído no discurso, sem que se altere o seu significante. É por isso que o linguista considera que a produção de sentido de um termo está dentro e ao redor de um signo, está no discurso.

Sobre isso, Milner nos dirá que há uma contradição na fala de Benveniste, pois, ao considerar a possibilidade de um valor se alterar no discurso, o linguista assume a realização de múltiplas significações do signo. Benveniste reconhece, em seu artigo, a possibilidade de oposição de um termo por uma concepção social; ao menos é isso que podemos concluir de sua explicação para o exemplo latino *sacer*, no qual o conceito de “intocável” se diferencia *socialmente* entre um rei (sagrado) e um leproso (maldito). É aqui que temos essa incoerência em não admitir a possibilidade dos sentidos antitéticos na palavra. Entendemos que, para Benveniste, essas oposições podem ocorrer no discurso, não na língua enquanto sistema, porém, falta-lhe reconhecer explicitamente a possibilidade da ambiguidade. É como diz Milner: “a palavra *sacer* tem por referência duas atitudes inversas no seio de uma única e mesma cultura, mas seu sentido é único” (2003, p. 76, *tradução nossa*).

Ao mesmo tempo que Benveniste insiste na “origem” da ciência linguística, Freud insiste na sua teoria das origens. Concordamos com a visão de Arrivé de que ele esteve tão apegado às origens que só leu o que quis enxergar em Abel. Dizemos isso porque, assim como Arrivé, lemos a produção original de Abel⁷¹ e não encontramos a mesma interpretação de Freud.

Lembramos que outro fator que encontramos desde o início desta dissertação está na união imprópria de autores de diferentes tempos. Benveniste argumenta sob o viés de uma teoria que Abel ainda não conhecia, fazendo emergir os “absurdos” da teoria do filólogo (que não eram absurdos para os teóricos da sua época). Freud

⁷¹ Não inserimos a tradução do texto original de Abel nesta dissertação porque uma tradução de qualidade exigiria mais tempo e mais recursos financeiros do que tivemos neste trabalho, pois se trata do alemão antigo de 1884. Fizemos nossa leitura com os recursos que tínhamos disponíveis, ou seja, o uso de tradutores online associados aos nossos conhecimentos básicos e rasos de alemão. Não são os melhores recursos, sabemos, mas estamos abertos a futuras alterações neste trabalho, caso haja equívocos de tradução, pois, como linguistas, sabemos dos desafios de se ler um texto antigo.

também não se baseia em linguistas do seu tempo, provavelmente porque eles não se encaixariam tão bem nas suas suposições, e acaba associando a língua à simbologia mais do que a qualquer funcionamento realmente linguístico. Falamos bastante sobre a questão da temporalidade no primeiro capítulo, portanto, seguiremos ao nosso último ponto importante de incompreensão do artigo benvenistiano.

Há um grande motivo para o diálogo entre linguística e psicanálise ser tão intempestivo: são disciplinas diferentes. Estão relacionadas, de fato, mas possuem objetos de estudo diferentes, possuem elementos únicos (*Uns*) diferentes. Quando Benveniste fala do método analítico, logo no início de seu artigo, pontua que a psicanálise lida com a realidade individual dos sujeitos expressa pela linguagem, enquanto a linguística lida com a forma social da língua, que, no máximo, expressa a individualidade do sujeito conforme seu manuseio do sistema linguístico. A individualidade não se expressa na língua, ela se expressa pela língua; é dizer que uma palavra não pode assumir significados sem valor social, mas que o discurso, por ser uma construção individual, pode manifestar certa subjetividade linguística. É aqui que Benveniste concorda com Freud quando ele diz que os psicanalistas devem estudar a linguagem; não na sua origem, mas no discurso. Ao sugerir o discurso como língua posta em ação por um indivíduo, Benveniste assume, indiretamente, a possibilidade dos duplos sentidos. Acontece que ele só admite essa possibilidade a partir do simbolismo, sem reconhecer que sua própria visão da concepção cultural do sentido repercute um duplo (ou múltiplo) sentido.

Para Kristeva, Benveniste se aproximou da psicanálise na busca por compreender os processos e as experiências que influenciam a significação, a qual atrelou, no trabalho de 1956, ao simbolismo. Ela interpreta que, ao longo da sua elaboração de uma teoria enunciativa, o linguista propõe a significação numa relação entre os sistemas (social e individual), em que a própria linguagem é um sistema interpretativo, ao fornecer a si mesma a sua base desenvolvedora. Essa relação entre o sistema interpretativo e o de signos remete, para Kristeva, aos dois modelos psíquicos freudianos (topográfico e estrutural) que também interagem entre si.

Kristeva acredita que Benveniste passa a compreender uma linguagem “interior” do sujeito falante (sua compreensão), que toma consciência da sua

intenção ao pensar a compreensão do outro (na escrita⁷² ou na fala). Assim, a comunicação entre falante e ouvinte ou entre escritor e leitor ganha significação na motivação inconsciente do indivíduo falante que se expressa sem se limitar à própria intencionalidade. Ou seja, o comunicador constrói o significado na semântica do discurso como forma secundária à fala, numa fala transferida e intersubjetiva. Comunicar é, portanto, parte integrante da interpretação da linguagem, pois passa por reconhecer e por compreender a língua. A fala não deixa de ser, no entanto, fixada ao sistema de signos, mas se reveza entre semântica (compreender) e semiótica (reconhecer) desde que os significantes não abandonem a sua relação social com o sistema de signos.

Infelizmente, essa percepção é posterior ao seu artigo de 1956, mas é significativo que ele passe a pensar numa experiência comunicativa (enunciação) que modifica o objeto da significação, que passa de um significado dado para uma atividade centrada no locutor. O linguista, então, começa a considerar que o ato de significar não se reduz à comunicação, mas que o signo significa no discurso como “ato ilocutório” intersubjetivo que transmite “ideias”, permitindo diferentes composições sintáticas a partir dos acontecimentos e das experiências do sujeito da enunciação. Arrisco dizer que o contato com a psicanálise tem importante atuação nessa transformação da perspectiva benvenistiana, em que o linguista passa de um ativista do significado único dos signos (que tentava esclarecer até os homônimos) à consideração de uma subjetividade da enunciação.

Por fim, é possível que Lacan tenha cometido o mesmo erro que a autora desta dissertação ao ler Benveniste, que, em sua primeira leitura de “Da subjetividade da linguagem”, pensou ter encontrado um linguista que via, na subjetividade do sujeito, traços de individualidade; ledô engano, o único sujeito que existe em Benveniste é o linguístico. Talvez esteja aí o principal ponto de alucinação da argumentativa benvenistiana sobre Freud; talvez seja essa a explicação da sua incapacidade de enxergar os pontos tangentes entre a sua teoria enunciativa e a proposta de Abel (como relata Milner), ou a sua aversão ao insistente retorno às origens de Freud (como pensa Arrivé). É uma pena que Lacan tenha ficado tão decepcionado com o artigo de Benveniste que não tenha insistido em debatê-lo,

⁷² No processo de escrita, Benveniste parece encontrar suporte a essa hipótese na poética de Baudelaire.

apesar de tê-lo considerado em seus estudos linguísticos (como apontamos no *Capítulo 3*). No entanto, entendemos que esse possa ser um importante fator na percepção do próprio Lacan acerca da incongruência de um psicanalista estudar linguística sem diferenciar os interesses que ela e a psicanálise possuem, e em seu conseqüente abandono da disciplina.

Não por acaso, Lacan, nos seus últimos anos de vida, concluiu que tudo o que ele dizia só deveria ser considerado pelos psicanalistas. Isso nos parece condizente com a análise de Milner sobre os elementos mínimos (os *Uns*) da linguística e da psicanálise serem diferentes. Apesar da relação complementar entre a linguística e a psicanálise, cada disciplina deve se ater às suas necessidades individuais. Pois há, no diálogo entre a linguística e a psicanálise, o indizível desconforto de ler e ouvir diferentes sujeitos sob diferentes óticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABEL, C. *The origin of language*. In: *Linguistic Essays*. Boston Public Library: 1882. Disponível em: <https://archive.org/details/linguisticessays00abel/page/230/mode/1up> Acesso em 14/09/22
- ABEL, C. *Ueber den Gegensinn der Urworte*. In: *Über den Gegensinn der Urworte*. Leipzig: 1884, p.1-33. Disponível em: <https://archive.org/details/berdengegensin00abel/mode/2up>. Acesso em 14/09/22.
- ARFOUILLOUX, Jean-Claude. *Figures du discours et ambiguïté*. Presses Univ. Franche-Comté, 2001.
- ARRIVÈ, M. *Linguística e psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev e os outros*. São Paulo: USP, 2001.
- ARRIVÈ, M. *Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- ASSOCIATION PSYCHANALYTIQUE DE FRANCE. *La psychanalyse: Sur la Parole et le Langage*. Página inicial. Disponível em: <https://associationpsychanalytiquefrance.org/publications/revues/sur-la-parole-et-le-langage/>. Acesso em: 25/09/2022
- BENVENISTE, E. “*Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana*”. In: BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. 4ª ed. - Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- BOILEAU, L. *Sens opposé des mots primitifs et jeu associatif*. In: *Libres cahiers pour la psychanalyse*, vol. 27, nº. 1, 2013, p. 105-120. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-libres-cahiers-pour-la-psychanalyse-2013-1-page-105.htm> Acesso em:
- DUCARD, D. *Sentido oposto, ambivalência, complementaridade: notas de leitura seguidas de um estudo semiolinguístico de abandon*. In: *Enunciação e atividade de linguagem*. Uberlândia: EDUFU, 2013. p. 95- 114.
- FREDA, G. “*Émile Benveniste: un linguiste lacanien?*”, 2015/3 (Nº 91), p. 168-173. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-la-cause-du-desir-2015-3-page-168.htm> Acesso em: 13/09/2022
- FREUD, S. *Obras Completas – Vol. 4 (1990)*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- FREUD, S. “*Sobre el sentido antitético de las palabras primitivas*”. In: FREUD, S. Obras completas: Cinco conferencias sobre psicoanálisis, Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci y otras obras: 1910 - 2ª ed. 12ª reimp. - Buenos Aires: Amorrortu, 2013.
- FREUD, S. *O infamiliar [Das Unheimliche]* - Edição comemorativa bilíngue. São Paulo: Autêntica. (2019) (Original publicado em 1919)
- KRISTEVA, Julia. Émile Benveniste (1902-1976) avec Freud (1856-1939) In: Freud au Collège de France [online]. Paris: Collège de France, 2018. Disponível em: <http://books.openedition.org/cdf/5717>. Acesso em: 08/02/2023.
- LACAN, J. *O seminário, livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- LACAN, J. org. (+outros). “*La Psychanalyse, n° 1*”. Presses Universitaires de France, 1956. Disponível em: <https://associationpsychanalytiquedefrance.org/publications/revues/sur-la-parole-et-le-langage/> Acesso em: 20/09/2022.
- LACAN, J. (1953a). *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. Em Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LAPLANTINE, C. Freud chez Benveniste. In: Émile Benveniste, l'inconscient et le poème. Editora LIMOGES. Paris, 2011. p.99-129.
- MIJOLLA, A. *Année 1956*. In: La France et Freud : 1954 - 1964. D'une scission à l'autre, sous la direction de MIJOLLA Alain de. Paris cedex 14, Presses Universitaires de France, « Hors collection », 2012, p. 77-108. Disponível em: <https://www.cairn.info/la-france-et-freud-1954-1964--9782130607878-page-77.htm> Acesso em: 26/09/2022
- MIJOLLA, A. *La psychanalyse en France (1893-1965)*, in : Histoire de la Psychanalyse, dir. R. Jaccard, tome II, Paris, Hachette, p. 9-105. Nouvelle édition en Livre de Poche, 1985.
- MELMAN, C. *O sentido antitético das palavras primitivas: sobre a ironia*. In: Estrutura lacaniana das psicoses. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1991. p. 118-129.
- MILNER, Jean-Claude. *Amor da língua*. Campinas: Editora UNICAMP, 2012.
- MILNER, Jean-Claude. *El Periplo Estructural*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.
- MILNER, Jean-Claude. *Linguística e Psicanálise*. Rev. Estud. Lacan. vol.3 nº4. Belo Horizonte, 2010.
- NORMAND, C. *Saussure*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2009.

NORMAND, C. *Linguistique et/ou psychanalyse: de leur relation si elle existe*. In: *Linguistique et psychanalyse*, org. M. Arrivé e C. Normand. Paris: Université Paris X-Nanterre, 1998.

AOUILLÉ Sophie, « Élisabeth Roudinesco, Histoire de la psychanalyse en France, Jacques Lacan », *Essaim*, 2010/1 (n° 24). Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-essaim-2010-1-page-141.htm> Acesso em: 22/09/2022

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Editora Cultrix. São Paulo, 2012.

SAUVAL, M. *Freud y la lingüística*. Trabalho apresentado no seminário *La importación de referencias en la enseñanza de Lacan*. México, 2012. Disponível em: www.sauval.com/pdf/Freud%20y%20la%20linguistica.pdf Acesso em: 26/09/2022